



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO – MPEDU

MARDÔNIO DOS SANTOS AGUIAR DE OLIVEIRA

PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO EM HISTÓRIAS SINALIZADAS SURDAS
EM JUAZEIRO DO NORTE – CE

CRATO – CEARÁ

2020

MARDÔNIO DOS SANTOS AGUIAR DE OLIVEIRA

**PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO EM HISTÓRIAS SINALIZADAS SURDAS
EM JUAZEIRO DO NORTE – CE**

Dissertação apresentada à Universidade Regional do Cariri - URCA, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Educação (MPEDU), para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Zuleide Fernandes de Queiroz.

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Carmita Bezerra de Souza.

CRATO – CEARÁ

2020

MARDÔNIO DOS SANTOS AGUIAR DE OLIVEIRA

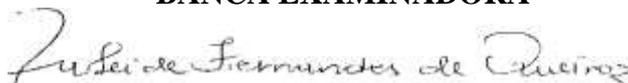
**PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO EM HISTÓRIAS SURDAS SINALIZADAS
EM JUAZEIRO DO NORTE-CE**

Dissertação apresentada à Universidade Regional do Cariri – URCA, como parte das exigências do Mestrado Profissional em Educação (MPEDU), para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Formação de Professores, Currículo e Ensino.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA



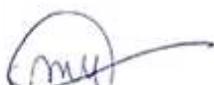
Prof.^a Dr.^a Zuleide Fernandes de Queiroz (Orientadora)
Universidade Regional do Cariri – URCA



Prof.^a Dr.^a Ana Carmita Bezerra de Souza (Co-orientadora)
Universidade Federal do Cariri – UFCA



Prof. Dr. George Pimentel Fernandes (1º Membro)
Universidade Regional do Cariri – URCA



Prof.^a Dr.^a Marla Vieira Moreira de Oliveira (2º Membro)
Universidade Regional do Cariri - URCA

Dedico este trabalho aos pesquisadores da educação que tanto contribuíram para a legitimação das línguas de sinais da comunidade surda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por tantas graças a mim concedidas. Sou grato por me guiar nos momentos difíceis, também esforço minha segunda língua como escrita de português me dar resiliência força para vencer as adversidades.

Agradeço especialmente meus pais, Isaira Santos e Pedro Aguiar, cearense arretado, cuja sabedoria me foi transmitida, a eles minha gratidão eterna, e aos meus irmãos, Marcônio Aguiar e Daniele Aguiar, pelas jornadas em que vivemos e convivemos.

Agradeço à minha esposa princesa Shaiane Oliveira pelo suporte e incentivo nos momentos difíceis durante a jornada acadêmica, e a meu filho amado Matheus Oliveira, por seu companheirismo e amor desde bebê até hoje, pela alegria e descobertas durante o seu nascimento até o presente momento. Sempre estiveram ao meu lado me encorajando e me fazendo acreditar que tudo se concretizaria da melhor forma.

Meus agradecimentos às instituições que apoiaram o desenvolvimento e a concretização desta pesquisa, a Universidade Regional do Cariri – URCA, através do seu Programa de Mestrado Profissional em Educação (MPEDU), de forma especial ao Núcleo de Acessibilidade (NUARC), agradeço ainda à Universidade Federal do Cariri – UFCA e a todos que indiretamente contribuíram para a realização deste Mestrado.

Agradeço de forma especial a minha orientadora, professora Zuleide Fernandes de Queiroz, pela coragem e ousadia em apoiar este trabalho. A minha querida coorientadora Ana Carmita Bezerra de Souza, por seu incentivo e confiança, me ensinou muito e exigiu muito esforço, foi bom aprendi muito. Agradeço ainda aos professores George Pimentel Fernandes e a professora Marla Vieira Moreira de Oliveira, pelo incondicional apoio e participação na Banca de Defesa deste trabalho.

Deixo ainda minha gratidão aos amigos e professores da Universidade Federal do Cariri - UFCA, Lucas Romário e Bianca Sena, com quem convivi durante esse ano maravilhoso, juntos compartilhando, me incentivando, ajudando e ensinando.

Agradeço aos pesquisadores, amigos e colaboradores que contribuíram, diretamente e indiretamente, Maria Josilene Bezerra Ferreira Anastácio (Revisão textual - tradução), Shaiane Passos Santos de Oliveira (Apoio na interpretação sinalizada e filmagem), João Batista Alves de Oliveira Filho (Editor de vídeo), e de forma especial ao prof. Ms. João Assis da Cruz Neto (Revisor de texto, aspectos gramaticais e adequação textual para a língua portuguesa).

Agradeço à minha querida Intérprete Maria Josilene e as Intérpretes Soraya Mendes e Francineuma Fulgêncio, que contribuíram na tradução e interpretação durante toda essa longa jornada de aulas, pesquisas e trabalhos no Programa de Mestrado, até a sua conclusão.

E por fim, quero externa minha imensa gratidão à toda comunidade surda da qual faço parte, por todo apoio e por me proporcionar horas de jogatinas para aliviar as tensões e estresses pelas quais passei.

*Aprendi que a coragem não é a ausência do medo,
mas o triunfo sobre ele. O homem corajoso não é
aquele que não sente medo, mas o que conquista
esse medo.*

Nelson Mandela

RESUMO

Ao analisar a trajetória histórica dos surdos desde a antiguidade até os dias atuais, pode-se observar como os mesmos tem sido alvo de diversas formas de preconceito, retirando muitas vezes sua autonomia como ser social, cidadão, pertencente a uma cultura, trazendo assim impacto em suas vidas, possuindo dimensões menores ou maiores, dentro desses mais diversos tipos de preconceitos. Dentre essas formas de preconceito merece destaque o preconceito linguístico, que assumiu grandes proporções a partir do Congresso de Milão de 1880, na Itália, em que foi votado para que o método de educação dos surdos fosse através do Oralismo Puro. Dessa forma ficou determinada a proibição do uso das línguas de sinais, perdurando por aproximadamente 100 (cem) anos. Os reflexos dessa decisão, injusta para os surdos de todo o mundo, se refletem até hoje na educação escolar e na sociedade como um todo, sendo motivo de preconceito e discriminação contra a língua e a cultura surdas. Neste contexto, o presente trabalho de pesquisa buscou investigar, a partir da escolha de alguns sujeitos surdos, pertencentes à Comunidade Surda da Região do Cariri, mais especificamente da cidade de Juazeiro do Norte-CE, as “marcas” do preconceito e da discriminação presentes na vida desses indivíduos a partir das suas histórias de vida. A pesquisa, de base qualitativa, se constitui em um estudo das histórias sinalizadas, através de estudo bibliográfico e de entrevistas, realizadas na língua natural dos sujeitos surdos participantes. O estudo possibilitou a discussão e reflexão sobre importantes questões que interferem na forma como a sociedade atual vê o surdo, a sua língua e a sua cultura, descobrir quais as causas do preconceito e da discriminação na nossa sociedade é uma forma de contribuir com o conhecimento já existente relativo ao tema, é uma forma ainda de dar uma contribuição para o conhecimento acadêmico no âmbito regional e social. Os resultados da pesquisa demonstraram, através dos dados obtidos a partir do relato dos surdos participantes da pesquisa, que nas histórias de vida dos três surdos participantes existem “marcas” do preconceito e da discriminação em vários espaços sociais: na família, na escola e no trabalho. As “lembranças” passadas e recentes destes acontecimentos causam prejuízos à vida e ao desenvolvimento do indivíduo, afetam a sua autoestima e causam traumas. São decorrentes do desconhecimento da surdez enquanto diferença, da língua e da cultura surda. Daí a urgente necessidade da sociedade conhecer e compreender o surdo, suas especificidades linguísticas e culturais, para que o preconceito e a discriminação sejam pelo menos amenizados e o surdo sinta-se verdadeiramente incluído na sociedade.

Palavras-chave: Preconceito. Língua. Cultura surda. Histórias sinalizadas.

ABSTRACT

When analyzing the historical trajectory of the deaf from antiquity to the present day, one can observe how they have been the target of several forms of prejudice, often removing their autonomy as a social being, a citizen, belonging to a culture, thus bringing impact in their lives, having smaller or larger dimensions, within these most diverse types of prejudices. Among these forms of prejudice, linguistic prejudice deserves to be highlighted, which assumed great proportions since the Congress of Milan in 1880, in Italy, in which it was voted for the method of education of the deaf to be through Pure Oralism. Thus, the prohibition on the use of sign languages was determined, lasting for approximately 100 (one hundred) years. The reflexes of this decision, unfair to deaf people around the world, are still reflected in school education and in society as a whole, being a reason for prejudice and discrimination against deaf language and culture. In this context, the present research work sought to investigate, based on the choice of some deaf individuals, belonging to the Deaf Community of the Cariri Region, more specifically in the city of Juazeiro do Norte-CE, the “marks” of prejudice and discrimination present in the lives of these individuals from their life stories. The research, with a qualitative basis, constitutes a study of the flagged stories, through bibliographic study and interviews, carried out in the natural language of the deaf participants. The study enabled the discussion and reflection on important issues that interfere in the way the current society sees the deaf, their language and their culture, discovering what are the causes of prejudice and discrimination in our society is a way to contribute with knowledge already existing on the topic, it is a way of making a contribution to academic knowledge at the regional and social levels. The research results demonstrated, through the data obtained from the report of the deaf participants in the research, that in the life stories of the three deaf participants there are “marks” of prejudice and discrimination in various social spaces: in the family, at school and in the job. Past and recent “memories” of these events damage the individual's life and development, affect his self-esteem and cause trauma. They are due to the lack of knowledge of deafness as a difference, of deaf language and culture. Hence the urgent need for society to know and understand the deaf, their linguistic and cultural specificities, so that prejudice and discrimination are at least alleviated and the deaf feel truly included in society.

Keywords: Preconception. Language. Deaf culture. Signed stories.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Radial divergente do ouvintismo.....	26
Figura 2 - Circuito da cultura segundo Paul de Gay <i>et al.</i>	35
Figura 3 - Batismo do sinal de Mardônio - Mudança de histórico.....	53
Figura 4 - Batismo do sinal pessoal: sinais sem letras.....	54
Figura 5 - Batismo do sinal pessoal: sinais com letras.....	54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Identidades surdas segundo Skliar (1998).....	68
Quadro 2 - Caracterização de cada entrevistado.....	73
Quadro 3 - Informações das entrevistas com os surdos.....	76
Quadro 4 - Recorte de dados das entrevistas.....	88-90

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
ACADA	Associação Cariense de Deficientes Auditivos
ACDPS	Associação Cratense de Defesa da Pessoa Surda em Crato
ASUMIRC	Associação dos Surdos da Região Metropolitana do Cariri
ASJUA	Associação dos Surdos de Juazeiro do Norte
ASC	Associação dos Surdos do Cariri
APILSMC	Associação dos Profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras da Região Metropolitana do Cariri
ASL	American Sign Language
a.C	antes de Cristo
BPC	Benefício de Prestação Continuada
CE	Ceará
CBDS	Confederação Brasileira dos Desportos Surdos
CNH	Carteira Nacional de Habilitação
Dr.	doutor
Dr. ^a .	Doutora
EaD	Educação a Distância
EUA	Estados Unidos da América
FDSC	Federação de Desportos de Surdos do Ceará
FF	Fábrica Fortaleza
INTRA	Instituto Transformar
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IISCA	Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes
ICES	Instituto Cearense de Educação de Surdos
IBC	Igreja Batista de Convenção
LIBRAS	Língua brasileira de sinais.
MPEDU	Mestrado Profissional em Educação
n ^o	número
Prof.	professor
Prof. ^a .	professora
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PROJOVEM	Programa Nacional de Inclusão de Jovens

RH	Recursos Humanos
SESC	Serviço Social do Comércio
SEDUC	Secretaria da Educação do Estado do Ceará
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
UNIMED	Confederação Nacional das Cooperativas Médicas
UNIVASF	Universidade do Vale do São Francisco
UFC	Universidade Federal do Ceará
URCA	Universidade Regional do Cariri

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO CONTRA O SUJEITO SURDO	20
2.1 AUDISMO E OUVINTISMO COMO NEGAÇÃO DO OUTRO	21
2.1.1 Reflexos do audismo e do ouvintismo no Brasil	24
2.1.2 A Classificação das diversas formas de ouvintização	25
3 OS ESTUDOS CULTURAIS E A CULTURA SURDA	30
3.1 ESTUDOS SURDOS.....	32
3.2 O PRECONCEITO	37
3.2.1 Preconceito Linguístico	39
3.3 SURDOS, SUA HISTÓRIA E SUA LUTA: ENTRE AVANÇOS E RETROCESSOS	42
3.3.1 Eu, minha história e o preconceito	49
3.3.2 A experiência bilíngue e a revolução no ICES	54
3.3.3 A mudança para Juazeiro e o encontro com a Comunidade Surda do Cariri .	56
3.3.4 A Comunidade Surda no município de Juazeiro do Norte, Região do Cariri .	59
4 HISTÓRIAS SINALIZADAS SURDAS EM JUAZEIRO DO NORTE-CE	69
4.1 METODOLOGIA	70
4.1.1 Descrição e caracterização da pesquisa	70
4.1.2 Etapas da pesquisa e a coleta de dados	72
4.2 AS ENTREVISTAS COM OS SURDOS	73
4.3 SUJEITOS SURDOS E O MUNDO QUE SE APRESENTA	75
4.3.1 Marcas do preconceito e discriminação em histórias sinalizadas surdas	75
4.3.2 Análise dos dados das entrevistas	87
4.4 O PRODUTO DA PESQUISA	95
CONSIDERAÇÃO FINAIS	96
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE A – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA (ENTREVISTAS)	107
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	108
APÊNDICE C – MODELO DE CAPA DO PRODUTO	109

1 INTRODUÇÃO

Eu nasci em Itapipoca-CE, fui criado com os meus pais Pedro Aguiar e Isaira Santos. Minha mãe havia perdido três filhos, eu não sabia, foi muito triste, depois veio nova gravidez, eu, Mardônio e em seguida, meus irmãos Marcônio e Daniele. Minha surdez é congênita, nasci surdo, porém, minha mãe só descobriu quando eu tinha um ano, ela gritou me chamando, e achou estranho, pois eu não reagia, não atendia normalmente, enfim, não escutava, era surdo.

É importante narrar um pouco desses fatos, pois diz muito sobre minha história como indivíduo surdo. Foi como entrar no mundo dos ouvintes, eu não compreendia nada, não sabia quem eu era e nem o que significava a surdez. Lembro que via meus pais, meus irmãos, primos, tios, parentes, todos ouvintes, escutando e falando normalmente, então pensava, parece que apenas eu sou surdo.

Quando um dia estava muito doente, minha mãe decidiu morar na cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, e procurar ajuda médica. Foi então, que tive oportunidade de fazer exames auditivos e foi descoberta minha surdez de grau profunda e bilateral¹. Minha mãe Isaira esforçou-se muito a procurar uma escola para mim, já estava com 6 (seis) anos de idade e mesmo com diagnóstico de surdez a primeira escola em que estudei foi uma escola regular, tive que enfrentar inúmeras barreiras, sobretudo linguísticas, e somente aos sete anos passei a estudar no Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES), escola bilíngue de Fortaleza, lá comecei a aprender e comunicar-me usando a Libras. No ICES foi a primeira a vez que vi surdos sinalizando e me emocionei, comecei tímido, mas depois desenvolvi, me aceitei e entrei no “mundo dos surdos”, graça a Deus constatei, não sou o único surdo.

Depois, quando estava com idade aproximada de sete anos comecei o processo de oralização com fonoaudiólogos. Tudo isso é um pouco da minha história, que apesar das dificuldades e barreiras pelas quais tive de enfrentar, posso me orgulhar, pois enfim tive o meu sonho realizado, consegui concluir a graduação em Letras Libras, Especialização em Libras e fui aprovado em concurso público para professor da universidade, atuando como Professor do Magistério Superior e Coordenador do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Cariri – UFCA.

Tenho orgulho da minha identidade e cultura surda. Antes eu não tinha identidade, mas resolvi assumir e tenho orgulho de ser surdo, não me sinto inferior a nenhuma outra pessoa.

¹ Do ponto de vista clínico ou terapêutico há diversas formas de se classificar a deficiência auditiva ou a surdez. A principal delas é quanto ao tipo, que pode ser condutiva, neurossensorial ou mista e quanto ao grau, classificando-se em perda auditiva leve, moderada, severa ou profunda. Quando a diminuição na capacidade de ouvir ou deficiência auditiva atinge os dois ouvidos diz-se que é bilateral.

Com estas “palavras” apresento meu trabalho dissertativo, que com muito esforço e empenho, espero ter atingindo os objetivos esperados.

A história das pessoas surdas ou com deficiência auditiva tem sido marcada pela discriminação e pelo preconceito. Este contingente da população, que inclui amplo contingente de pessoas surdas e com graus variados de deficiência auditiva, só em quatro cidades da região do cariri cearense atualmente corresponde a aproximadamente 28.831 pessoas (IBGE 2010)², não tiveram condição humana reconhecida como tal. Por muito tempo esses indivíduos foram submetidos a reclusão em asilos, entre outras formas de completa exclusão, sem aventar a possibilidade de que tivessem direito à escolarização ou a outro direito social básico, a comunicação. Tais condições que surgem da própria convivência entre surdos e ouvintes vêm fortalecendo o preconceito e a discriminação, que vigoraram desde a Antiguidade. Dunn (2008), refletindo sobre essa realidade, afirma que essa história de discriminação passa a ser apontada como justificativa para fracassos e desigualdades sociais.

Ciente do desafio que é pesquisar, refletir e abordar sobre esse tema, que envolve histórias de fracassos e desigualdades sociais, mas também de superação, na perspectiva da diversidade de sentidos, significados e processos próprios das sociedades e seus sistemas econômicos, de comunicação e informação, bem como, as formas de relações sociais. Pois o preconceito e a discriminação contra pessoas surdos têm relação com o sistema econômico injusto e desigual do qual fazemos parte, com sistemas de comunicação muitas vezes sem acessibilidade para os surdos, como a maioria dos canais televisivos, bem como nas relações sociais em que os surdos ficam em desvantagem por não terem tidos oportunidades, principalmente de uma boa escolarização.

Toda esta realidade demonstra que o fracasso de alguns grupos e o sucesso de outros está relacionada à aceitação das desigualdades sociais, marcadas pelo preconceito e pela discriminação objetiva contra grupos minoritários. Mesmo tendo estas sociedades instituído normas sociais, orientações constitucionais e procedimentos jurídicos que condenam firmemente as manifestações de preconceito e atitudes contra a comunidade surda.

Para as pessoas surdas, a relação cultural mediada pela língua de sinais nos processos educacionais e na vida social, além de proporcionar uma comunicação mais fluente, viva e

² Segundo dados do IBGE 2010, em apenas quatro das principais cidades do cariri são quase 28.831 pessoas com algum tipo de deficiência auditiva, mais de 15.537 pessoas na cidade do Juazeiro do Norte, seguido por 7.152 surdos na cidade do Crato, 3.681 em Barbalha e 2.461 em Missão Velha. Fonte: PPC: Letras Libras. Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte. Universidade Federal do Cariri - UFCA.

espontânea, já que envolve o aspecto linguístico, ocasionará uma constituição identitária mais consistente e empoderada para os sujeitos surdos. (SILVA, 2017, p. 13).

Em 2008 passei a morar em Juazeiro do Norte-CE, meu primeiro contato anterior com surdos deste município havia sido como participante, em abril de 2007, de um encontro de surdos, pela Associação dos Surdos do Cariri (ASC), naquela época conheci também o Instituto Transformar (INTRA) e a sua atuação em Juazeiro e na região. Resolvi então participar, ajudar o movimento surdo local e regional, porém, nunca antes havia “ouvido” falar em política e movimento surdo, tampouco havia participado de luta ou movimentos sociais ou políticos.

Ao iniciar essa experiência, deparei-me com um “novo mundo da comunidade surda”, fui coordenador voluntário da primeira Semana Comemorativa ao Dia do Surdo, 26 de setembro de 2008. No auditório Sesc Juazeiro, naquela ocasião, buscou-se fundamentar, explicitamente, um discurso cultural que concebia a Libras como uma língua, bem como um elemento de cultura singular e diferente da cultura ouvinte. Pois segundo Strobel (2013, p. 99), “há grande dificuldade da sociedade em entender a existência da cultura surda, porque a maioria das pessoas baseia-se num ‘universalismo’”.

Neste sentido, para mim, assim como acredito ter sido para muitas pessoas surdas que não possuíam contato com a cultura e identidade surda, foi curioso, e ao mesmo tempo complexo compreender que existem “pessoas deficientes”, com uma língua e cultura diferentes. Na realidade, a maioria da sociedade não conhece a realidade dos surdos, sua língua e sua cultura surda, o discurso clínico disseminado que concebe os surdos como deficientes, incapazes e que os vêem apenas como pessoas que possuem um corpo danificado, era o que fazia eu “olhar” com certa estranheza a mim mesmo, bem como é o que faz com que a sociedade não aceite e ignore o surdo (PERLIN, 2003).

Bernardino (2001) reflete bem esta realidade em suas palavras.

Os amigos do surdo não o aceitam, porque ele é diferente. A sociedade não o aceita, porque ele é incompleto. Os familiares não o aceitam, porque ele é defeituoso. A escola não o aceita, porque ele é deficiente. O surdo não se aceita, porque os outros não o aceitam. (BERNARDINO, 2001, p. 40).

Diante disso, muitos surdos ficam isolados em sua casa, sentem vergonha de sua condição, se atrasam na escola, mantém contato apenas com seus pares surdos, porque a família e a sociedade não conhecem a língua de sinais – Libras. Muitos pais ouvintes esquecem de conversar, de se comunicar com seu filho surdo.

Ainda hoje, após dezoito anos do reconhecimento legal da Libras³, apesar das várias conquistas, há muito o que ser feito a fim de reverter esse processo histórico de exclusão. São muitas as barreiras que os surdos se deparam diariamente na sociedade; que muitas vezes causam constrangimentos pela não compreensão da mensagem que eles desejam transmitir, quer seja através da sinalização, escrita ou qualquer outra maneira comunicacional, vitimando esses sujeitos com preconceito. Sendo assim, buscou-se investigar a condição do surdo diante da comunicação com ouvintes que não dominam a Libras, o preconceito contra essa língua e contra este ator social, bem como a caracterização deste preconceito nos diversos contextos sociais da cidade de Juazeiro do Norte-CE.

Diante disso, delinea-se o objetivo principal da pesquisa: analisar a condição do surdo, como sujeito social, que em suas diversas interações cotidianas, inevitavelmente prescinde da comunicação com ouvintes, que raramente dominam a Libras, a partir de relatos de história de vida de surdos em Juazeiro do Norte.

Para o alcance do objetivo principal, propõem-se como objetivos específicos refletir e compreender quais as experiências mais marcantes dos sujeitos surdos durante os processos de comunicação com ouvintes, o que é/foi marcante nessas situações comunicativas; Quais as principais dificuldades apresentadas nessas experiências comunicacionais; Que tratamento é dispensado ao surdo pelos ouvintes que não dominam a LIBRAS; Em quais situações de comunicação é mais frequente o preconceito contra o surdo; Como se pode caracterizar ou classificar tais atitudes, e por fim, que ações (político-pedagógicas) são necessárias para que a comunicação cotidiana entre surdos e ouvintes obtenha mais qualidade e aceitação em no meio social estudado, Juazeiro do Norte-CE.

Assim, em meio às reflexões sobre tais experiências buscou-se identificar as marcas do preconceito e da discriminação nas Histórias Sinalizadas de surdos de Juazeiro do Norte-CE⁴, adotando a perspectiva qualitativa de pesquisa, que conforme Minayo (2010, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

³ A Língua Brasileira de Sinais – Libras é um meio legal de comunicação e expressão, garantido pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. (BRASIL, 2002).

⁴ História sinalizada é o trabalho de pesquisa que faz uso de fontes sinalizadas, coletadas por meio de entrevistas sinalizadas e gravadas, considerando a Libras uma língua de modalidade espaço-visual, que proporciona a comunicação e favorece a organização do pensamento.

Conforme Minayo (2010) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, e estes critérios foram fundamentais e relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa, ao passo que foi necessário tentar compreender porque muitos ouvintes agem com preconceito com relação ao surdo e o que aquela atitude de preconceito ou discriminação significou para o surdo. Obviamente, todo o universo de significados, crenças e valores que os ouvintes constroem sobre o que é a surdez e o surdo são determinantes para as suas atitudes.

Todo este universo de significados não poderia ser observado e compreendido caso não fosse dada a oportunidade dos sujeitos surdos participantes da pesquisa se expressarem na sua própria língua, através das narrativas sinalizadas (em Libras), além de ter como interlocutor uma pessoa também capaz de compreender fluentemente os seus depoimentos, o próprio pesquisador surdo. Para embasar teoricamente este estudo utilizou-se como principais referências a contribuição teórica de Lane (1992), Skliar (1998, 2005, 2013) Perlin (1998, 2003, 2005), Silva (2014), Strobel (2009, 2013), Sacks (2010), entre outros.

Foram entrevistados 3 (três) sujeitos surdos, todos pertencentes a comunidade surda de Juazeiro do Norte, porém, com perfis pessoais e profissionais distintos. As entrevistas foram realizadas entre os dias 29 de maio e 3 de junho de 2020, todas realizadas de forma remota, devido a Pandemia do Covid-19, utilizando-se dos recursos da tecnologia digital.

O presente trabalho de pesquisa está estruturado da seguinte forma:

Na seção 2 tratou-se da questão histórica do preconceito e da discriminação contra o sujeito surdo, destacando o processo histórico e as raízes ou fundamentos destas atitudes por parte da sociedade ouvinte, neste contexto, apresentou-se uma breve análise dos conceitos de audismo e ouvintismo. Tais conceitos defendem uma suposta superioridade do ouvinte com relação ao surdo, privilegiando as línguas orais e a cultura majoritária em detrimento das línguas de sinais e da cultura surda. Com base nestes conceitos busca-se iniciar uma discussão teórica que explica as origens das práticas de preconceito e discriminação contra os surdos, destacando os reflexos da disseminação desses conceitos ideológicos no Brasil, bem como a reação a tais conceitos através de novas abordagens teóricas, que preconizam a surdez como diferença linguística e cultural.

Na seção 3 o foco da abordagem se dá em torno dos estudos culturais, assunto iniciado no final da seção anterior e agora aprofundado. A partir dos estudos culturais surgem novos caminhos interpretativos que levaram aos estudos surdos, que por sua vez, colocam a cultura surda no centro do debate, rompendo com o universalismo e as teorias que defendem a superioridade da cultura ouvinte. Busca-se compreender a realidade do surdo não mais através

da perspectiva ouvintista, mas dos seus próprios processos de construção cultural, identitária e linguística, culminando com os estudos surdos, perspectiva teórica em “as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político” (SKLIAR, 2013, p. 5).

Ainda nesta seção aborda-se o preconceito contra a pessoa surda com maior ênfase sobre o preconceito linguístico, defende-se a importância da Libras para o surdo e os prejuízos causados pela negação da língua e da cultura surda. Uma breve abordagem histórica de cunho mundial, nacional, regional e local é também apresentada, destacando passagens históricas marcadas pelo preconceito e discriminação contra o povo surdo, e para ilustrar tal realidade, apresenta-se breve narrativa da minha história pessoal, a construção da minha identidade surda, minha escolarização e profissionalização docente. Esta parte se encerra descrevendo o percurso que trilhei até aqui, passando pela minha vinda definitiva para Juazeiro do Norte, o encontro com a comunidade surda local, os desafios, conquistas e a consolidação de uma comunidade surda ativa e participativa em diversos âmbitos sociais, porém, que ainda luta para garantir e assegurar os direitos sociais dos surdos.

Na seção 4 apresenta-se os primeiros passos da pesquisa, bem como o seu desenvolvimento, a metodologia adotada, a descrição e caracterização da pesquisa, e neste contexto, apresenta-se as etapas da pesquisa, desde a coleta de dados até a análise do conteúdo das entrevistas, utilizando-se de um quadro síntese da referida análise, como forma de tornar mais didático os resultados encontrados. Ainda nesta seção, cumprindo exigência do Programa de Mestrado Profissional de Educação – MPEDU e no propósito de contribuir para a divulgação do tema e o alcance dos seus resultados apresenta-se a proposta do Produto, seu formato, objetivos e temas abordados.

2 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO CONTRA O SUJEITO SURDO

Ao refletir sobre a questão do preconceito e da discriminação com relação as pessoas surdas, percebe-se que desde a Antiguidade, até hoje, a perspectiva histórica foi marcada por estereótipos, preconceito e discriminação contra os surdos, assumidas de diferentes formas. Em épocas mais remotas, indivíduos que não tinham a capacidade de ouvir ou falar, não eram tidos como humanos, e em algumas sociedades, excluídos ou eliminados.

Na história do povo surdo⁵ estão evidentes essas “marcas” que identifica o surdo como um ser incompleto, incapaz, deficiente, “cópia mal feita do ouvinte”. A partir dessa concepção do surdo todo tipo de violência física e simbólica foi exercida, colocando estes indivíduos à margem da sociedade, passando por extermínio, reclusão e isolamento em casa, proibição do uso da língua de sinais, de receber educação ou instrução. Mesmo assim, o povo surdo continua a lutar por transformação nas relações sociais, culturais e nas instituições.

Mais recentemente, desde a segregação em escolas especiais, até atuais propostas pedagógicas de inclusão, utilizadas “como mais uma metodologia colonialista, a-histórica e despolitizada”, que consistem em apenas permitir o uso da língua de sinais, sem, no entanto empreender qualquer ação no sentido de transformar as relações sociais, culturais e institucionais (SÁ, 2002, p. 28).

Diante disso, percebe-se que existe grande discriminação e preconceito na história com relação ao surdo, o olhar de discriminação da sociedade majoritária assumiu perspectiva marcada. Não há, nem nunca houve uma preocupação séria com tal questão, quanto ao fato de que os sujeitos surdos nascidos no Brasil, filhos de pais brasileiros, tal como qualquer outro cidadão ouvinte nascido aqui tem, portanto, os mesmos direitos.

Mas o problema está não somente com relação à língua de sinais e a cultura surda que carecem de *status* igualitário frente à sociedade, elas sequer são reconhecidas em suas diferenças. Neste sentido, busca-se traçar o caminho percorrido para a constituição identitária e cultural do sujeito surdo, enquanto minoria linguística, caminho que se contrapõe ao preconceito e discriminação impostos pela sociedade ouvinte majoritária.

⁵ A expressão “Povo surdo” refere-se a um grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história e tradições em comum, além disso, constroem sua concepção de mundo a através da visão (STROBEL, 2009). Tal expressão não significa necessariamente a existência de um povo “não-surdo”, nem propõe nenhuma forma de separação ou segregação social, foi construída e elaborada apenas para fazer referência a um grupo social com características históricas, sociais e culturais em comum.

Desde o passado até de hoje, os surdos tentam chamar de atenção para uma adequada compreensão da sua realidade nas escolas, na família e na sociedade, tentam sobreviver e manter sua língua e cultura frente ao longo histórico de opressão e preconceito mantidos pela sociedade.

O preconceito e a discriminação impostos ao surdo, por sua vez, não é decorrente de fatores comuns na sociedade como idade, sexo, questão racial, religiosa, cultural ou social eles podem ser traduzidos, conforme a literatura científica, como processos históricos baseados em outro tipo de diferença, que pode ser compreendida a partir do estudo de conceitos como os de audismo e ouvintismo.

Em 1975, Tom L. Humphries foi um estudante de doutorado no Instituto União em Cincinnati, Ohio. Enquanto trabalhava em sua tese chamada *Comunicação entre culturas surdo-auditivo e aprendizagem de línguas*, Humphries criou o termo *audism* (em inglês). Ele definiu audismo como a noção de que é superior com base na capacidade de um para ouvir ou se comportar à maneira de quem ouve⁶.

Segundo Lane (1992, p. 52) “Seria oportuno ter um nome que traduzisse o esforço dos ouvintes que apregoam estar ao serviço dos surdos; pedindo emprestado um termo do educador e autor americano surdo Tom Humphries, denominá-lo-ei ‘Audismo’”. O sujeito surdo é visto, neste sentido, como digno de pena e dependente (Lane, 1992). O audismo reflete assim, a suposta superioridade daquele que ouve (ouvintes), que tem a capacidade para ouvir, traduz-se no preconceito contra o sujeito surdo, especificamente, enxergando-o como alguém incapaz (SILVA; CAMPELO; NOVENA, 2012). Portanto, este foi um dos primeiros conceitos criados com o intuito de explicar a relação que se estabelece entre surdos e ouvintes, a suposta “superioridade ouvinte”, e a criação dos “rótulos” negativos sobre os surdos, situação enfrentada pelo surdo no decorrer da história.

2.1 AUDISMO E OUVINTISMO COMO NEGAÇÃO DO OUTRO

Em 1992, o termo “audismo” voltou novamente a ser discutido quando um proeminente professor de psicologia, já citado, Harlan Lane, expandiu a definição de audismo para incluir nesta perspectiva, o tratamento e a opressão das pessoas surdas.

Ao longo dos anos, o termo “audismo” assumiu ainda mais significados. O audismo inclui a crença de que a língua falada é superior a língua de sinais, pode também incluir

⁶ Deaf History Month: Audism. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xIGnELWkfAL>. Acesso em: 11 jun. 2020.

proibição do uso de línguas de sinais, como a Língua de Sinais Americana (ASL) ou outras línguas de sinais de todo o mundo. Este tipo de audismo ocorreu nos Estados Unidos durante séculos XVIII e XIX, porém, ainda hoje há resquícios dessas práticas.

O audismo tem base ou argumento na capacidade “superior” de ouvir ou falar, pode procurar eliminar ou oprimir a cultura surda ou passar a ideia de que uma vida sem audição é trágica e que as pessoas surdas devem tentar ser como ouvintes. O audismo pode ocorrer também entre pessoas surdas e comunidades de surdos, quando, por exemplo, uma pessoa do grupo discrimina a outra por causa de sua escolha para usar a língua de sinais ou não, ou ainda se identificar com a cultura surda ou não.

Há muitos relatos de sujeitos surdos sobre fatos do seu passado, sobre a dominação ouvinte, a falta de comunicação na família, a incapacidade dos surdos, o rótulo clínico de deficiente, entre outros. Apesar dos vários relatos e histórias de preconceito e discriminação contra os sujeitos surdos, não havia sido definido ainda um termo específico para caracterizar e descrever tal situação, até que surgiu “Audism” (em inglês), pois apresentava ligação com outros conceitos, como “Racism”, “Sexism”, que também designavam grupos minoritários, que sofriam preconceito na sociedade, da mesma forma que os sujeitos surdos.

Segundo Lane (1992, p. 52), “Audismo é a forma de dominação dos ouvintes, reestruturando e exercendo a autoridade sobre a comunidade surda”. Outra importante contribuição a este termo foi dada por H-Dirksen Bauman⁷, da Universidade Gallaudet, ele argumentou que em épocas passadas não havia discussões sobre o termo audismo, então buscou investigar o que já havia sido escrito, divulgando e espalhando pelo mundo.

Diante disso, como já explicado, o termo audismo reflete a situação das minorias surdas, ligando-se a outros conceitos, como “racismo”, “sexism”, o que uma pessoa negra ou mulher sofre pela sua própria condição, existência humana, sua fragilidade ou desvantagem social. Em resumo, o audismo reflete a intolerância do ouvinte sobre o surdo, são muitos exemplos a serem citados, aqui nosso meio, Juazeiro do Norte-CE, aconteceu de um surdo procurar fazer treinamento em uma autoescola para aquisição da sua Carteira Nacional de Habilitação (CNH), mas o diretor da escola não aceitou e proibiu sua participação, julgando ser o surdo incapaz.

Outro exemplo a ser citado, na inclusão escolar, o aluno surdo, muitas vezes sozinho, único surdo da sala, sofre discriminação por parte dos alunos ouvintes que zombam e demonstram não ter interesse em aprender Libras, o professor (ouvinte) não se preocupa com o aluno surdo e não tem um adequado método de ensino para o aluno surdo, não percebe ou não

⁷ H-Dirksen L. Bauman é professor e diretor de estudos no Programa de Pós-graduação da Universidade Gallaudet, primeira universidade para surdos dos Estados Unidos.

considera a diferença linguística e cultural do aluno surdo. Outra situação em que é comum atitudes de desrespeito a língua e a cultura surda acontece quando pessoas ouvintes, que desconhecem totalmente a língua de sinais, veem indivíduos surdos conversando (sinalizando) e reagem com risos e gestos, zombando do modo como se comunicam os surdos.

E assim, usam termos que refletem o preconceito e a discriminação contra os surdos, termos atualmente em desuso por terem conotação pejorativa e depreciativa como “mudinho”, “mudo”, “surdo-mudo”, etc. O termo “mudo” ou “mudinho” tornou-se inapropriado, além dos motivos já apontados, por não refletir com clareza o que é a surdez. A surdez não é uma limitação do aparelho fonador do indivíduo⁸, mas sim do seu aparelho auditivo, o que anula a ideia de que todo surdo é necessariamente mudo (VELOSO; MAIA, 2009).

Além disso, o termo “surdo” reflete o atual posicionamento político da comunidade surda, que considera o surdo enquanto sujeito com características específicas, com língua e cultura próprias. Diante disso, as atitudes de preconceito e discriminação contra o surdo refletem a maldade e tentativa de oprimir esses indivíduos, refletindo-se ainda na incapacidade por parte de alguns surdos que, em geral, ficam separados do convívio com seus iguais. De acordo, com Lane (1992, p. 85) significa:

[...] Se a comunidade dos surdos rejeita a sua realidade histórica, social, linguística, cultural e se por outro lado adota o modelo de enfermidade, se ela age em termos que validam e reforçam as práticas correntes de avaliação, as quais decretam a sua incapacidade sensorial e psicológica, as práticas correntes de uma educação simulada, a qual tem como objetivo ensinar à criança o seu papel numa sociedade normal, a qual põe em prática as cruéis proezas tecnológicas nessa criança se a comunidade dos surdos optar ainda por juntar a sua legitimidade poderosa ao discurso sobre a enfermidade dos surdos, então essa comunidade tomar-se-á na realidade incapacitada.

Isso reflete a visão clínica, concepção de surdez vista como “deficiência”, limitação ou doença. Tal concepção de surdez se fundamenta no oralismo e durante muito tempo difundiu práticas que visavam “normalizar o surdo”, fazê-lo se assemelhar ao ouvinte. A visão clínica deixou raízes na educação, com práticas pedagógicas que durante muito tempo “negavam” a língua de sinais e a cultura surda, e nas práticas terapêuticas de tratamento da surdez.

Frente esta situação, vários surdos desabafam e decidem lutar por direitos e valorização da sua vida e sua língua. Começam a compreender significados, que os conceitos de audismo e ouvintismo são representações do ouvinte, quer dizer, os ouvintes se posicionam como superiores aos sujeitos surdos. Fica claro que conceito de audismo, com foco na audição é uma

⁸ Ainda segundo Veloso e Maia (2009, p. 20) “Existem até alguns Surdos que aprenderam a falar através das vibrações vocais e a entender o que é falado através da leitura labial. São chamados de ‘oralizados’”.

questão cultural, baseada na cultura majoritária ouvintista e auditiva, por isso não respeita a experiência visual e a língua de sinais dos surdos, a identidade e cultura surda. Nesta mesma perspectiva, o conceito de ouvintismo reflete o “poder” dos ouvintes sobre os surdos, tendo significado muito semelhante ao de audismo, porém, o termo audismo teve maior repercussão nos Estados Unidos, enquanto no Brasil acontece uso e maior difusão do termo ouvintismo.

2.1.1 Reflexos do audismo e do ouvintismo

No Brasil, ao longo da história dos surdos utilizamos o termo ouvintismo com significado próximo ao de audismo, pois o mesmo também reflete o preconceito sofrido pelo grupo minoritário surdo. Como já referido anteriormente, o termo passou a ser utilizado a partir de tradução feita por Carlos Bernardo Skliar em 1998, quando organizou e publicou o livro *“A Surdez: um olhar sobre as diferenças.”* Através de publicações outras, o autor discutiu sobre o ouvintismo. Dessa forma, os Estudos Surdos vêm confirmando como um campo de estudos em que os surdos constituem sua língua e sua identidade, além disso, expõe a forma como sua língua e sua cultura são alvos de discriminação e preconceito na sociedade ouvinte.

Para Skliar (1998, p. 15) o termo “ouvintismo” significa:

[...] um conjunto de representações dos ouvintes a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte. Nessa perspectiva é que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas.

Portanto, Skliar tornou-se importante referência no campo dos Estudos Surdos por ter sido este autor o primeiro no Brasil a estudar e descrever o ouvintismo, que reflete a imposição da visão do ouvinte sobre o surdo e as práticas terapêuticas de “correção”, como se a surdez fosse um defeito ou problema a ser corrigido. Essa desconsideração da língua e da cultura surda é percebida na postura de grande parte das sociedades, porque não sabem comunicar-se em Libras, por isolar os surdos. Essa atitude demonstra, de forma silenciosa, o preconceito e o descaso com que o sujeito surdo é tratado na escola, na família e no trabalho.

Perlin (1998) continua a abordagem sobre “ouvintização” ao analisar a alienação de pessoas surdas através de estereótipos e faz referência a resistência surda, que surge para confrontar os padrões impostos pelo ouvintismo.

Os discursos ouvintistas são feitas práticas discursivas marcadas por estereótipos. (...) O discurso surdo inverte a ordem ouvintista, tem peso da resistência. Rompe e contesta as práticas historicamente impostas pelo ouvintismo. E o discurso surdo continua na busca de poder e autonomia. (PERLIN, 1998, p. 58)

A vivência, contato e experiências junto à comunidade surda podem levar a superação da visão ouvintista, muitas vezes presentes entre os próprios surdos. Segundo Lane (1992), falar e pensar como um ouvinte é considerado negativo na cultura dos surdos. É necessário reconhecer e aceitar a surdez como diferença linguística e cultural, superando assim os estereótipos difundidos pelo ouvintismo.

Portanto, forte viés político e ideológico pode ser encontrado no termo ouvintismo, principalmente quando tal termo é examinado sob a perspectiva dos Estudos Surdos. Pode-se ainda relacionar o termo ouvintismo ao termo etnocentrismo, que conforme Rocha (1999) é uma tendência a defender a existência de uma cultura superior, com princípios e valores superiores e que diante disso, deve ser tida como referência para as demais culturas. Como descreve detalhadamente Rocha (1999, p. 1):

Etnocentrismo é uma visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensamentos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc.

A língua e a cultura surda não podem ser compreendidas dentro de uma lógica ouvinte, pois o surdo tem uma forma própria de ver o mundo e viver as suas experiências, que são essencialmente visuais, e dessa forma de vê e interpretar o mundo surgem às experiências visuais, que por sua vez resultam na construção de uma língua e cultura próprias.

Do exposto anteriormente pode constatar que o conceito de etnocentrismo se aproxima bastante do termo ouvintismo, pois a história dos surdos comprova forte imposição com base em suposta superioridade da cultura ouvinte, neste modelo os ouvintes são levados a “olhar” para o surdo, para sua língua e sua cultura tomando como referência a sua própria cultura, daí surge o estranhamento, o medo, a hostilidade que leva ao não reconhecimento da cultura surda, a ignorar essa cultura ou até a tentativa de excluí-la ou exterminá-la.

2.1.2 A classificação das diversas formas de ouvintização

Perlin (1998), explica que o discurso ouvintista⁹ pode apresentar três formas distintas, seguindo a subdivisão radial divergente do ouvintismo, conforme a figura 1.

⁹ Os termos ouvintista, ouvintismo etc. são derivações de “ouvintização”, que segundo a concepção de Skliar (1998, p. 7), sugere “uma forma particular e específica de colonização dos ouvintes sobre os surdos. Supõe

Figura 1 - Radial divergente do ouvintismo



Fonte: Elaboração do autor, 2020.

Tais modelos ou tipos são utilizados para se referir ao conjunto de representações ouvintistas, a partir da imposição do modelo ouvinte apresenta-se três diferentes formas de manifestação do ouvintismo.

A primeira delas, tradicional, estabelece que o melhor para o surdo é ser como o ouvinte, propõe a aprendizagem da fala e o ensino da língua portuguesa, sem acesso aos sinais. Nesse discurso, os ouvintes condicionam as representações sobre os surdos de modo a não lhes dar saída para outros modelos que não seja o modelo de identidade ouvinte. Esse tipo de ouvintismo é uma das formas mais fortes da imposição ouvinte sobre os surdos. Os surdos vivem uma ideologia servil ao ouvinte, uma resistência radical a qualquer mudança e diferença, uma desnecessária elitização da cultura ouvinte e consequente rechaço e subalternização da cultura surda.

A segunda forma ou modelo, a natural, defende a igualdade entre surdos e ouvintes, admite que os surdos têm que ser bilíngues e biculturais, se move entre o reconhecimento da diferença cultural e sua negação, é outra variação do discurso ouvintista que defende uma igualdade natural entre surdos e ouvintes, porém continua com o enclausuramento do surdo na cultura ouvinte. Insiste na ideia de que o surdo precisa integrar-se na sociedade ouvinte;

representações práticas de significação, dispositivos pedagógicos etc., em que os surdos são vistos como sujeitos inferiores”.

reconhece em parte a cultura surda; se move entre o reconhecimento da diferença cultural e sua negação, nesta perspectiva, o bilinguismo não reconhece ainda o *status* total da língua de sinais, oscilando entre a aceitação e o medo.

A terceira e última forma, a crítica, se aproxima de uma posição solidária, admite a possibilidade da alteridade, da diferença surda, da identidade e da autonomia linguística. Essa é uma posição livre do ouvintismo, é a ênfase das diferenças culturais; uma posição radical. A distinção que se dá entre surdos e ouvintes é inevitável, diante disso, o ouvintismo crítico aceita a diferença surda e luta em função da mesma, mas depende, para a sua estratégia, dessa superioridade posicional em relação ao saber. Mas mesmo nesse tipo de ouvintismo, em certas formas de saber empírico, se assume melhor a força do ouvintismo, que incide negativamente sobre a comunidade surda.

Diante de todo o exposto pode-se dizer que o ouvintismo é a pura representação de uma língua, cultura e saber “superiores”, majoritário. E sociedade reflete tal ideologia e diferença de várias formas, por exemplo, as profissões de médico, professor, fonoaudiólogo, psicólogo, gerente, etc. sempre foram e continuam sendo mais acessíveis ao ouvinte, dando-lhes uma aparente superioridade em relação ao surdo.

O ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte busca manter-se em posição de superioridade. Uma segunda ideia é a de que não se pode entender o ouvintismo sem que esse seja entendido como uma configuração do poder ouvinte. Em sua forma oposicional ao surdo, o ouvinte estabelece uma relação de poder, de dominação em graus variados, em que predomina a hegemonia por meio do discurso e do saber. Academicamente a palavra ouvintismo designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência, da clinalização e da necessidade de normalização.

Segundo Skliar (1998, p. 15), os estudos surdos vêm demonstrando como os surdos constituem sua língua, a Libras, no Brasil, e como ela ainda é alvo de discriminação e preconceito pela sociedade ouvintista. É um conjunto de proposições, baseado em pesquisas e estudos acadêmicos desenvolvidos por pesquisadores ouvintes, mas principalmente surdos, que reconhecem a alteridade do “ser surdo”, que incentivam o surdo a defender a sua causa social e a expandirem os espaços para a produção simbólica da sua diferença cultural, conforme Quadros e Perlin (2006):

Além de narrar e defender a alteridade surda, esses ouvintes também entram na causa social surda, incentivando-os para a política da diferença e para a conquista do seu espaço cultural, ou seja, espaço de um novo desenvolvimento cultural. (QUADROS; PERLIN, 2006, p. 182).

As abordagens apresentadas por Perlin e Quadros, destacam que os discursos e proposições em reação ao ouvintismo já são uma realidade no Brasil, são discursos atuais, com base em estudos culturais e sociológicos que visam desconstruir o discurso oralista, secularmente construído. Diante disso, Skliar (1998, p. 21) apresenta uma possível razão para a instituição do termo “ouvinte”:

A configuração do ser ouvinte pode começar sendo uma simples referência a uma hipotética normalidade, mas se associa rapidamente a uma normalidade referida à audição e, a partir desta, a toda uma sequência de traços de outra ordem discriminatória. Ser ouvinte é ser falante e é, também, ser branco, homem, profissional, letrado, civilizado, etc. Ser surdo, portanto, significa não falar – surdo-mudo-e não ser humano.

Para os surdos, as palavras “ouvintes” e “falantes” são usadas e fazem referência a pessoas com experiência oral-auditiva, não visual-espacial¹⁰. Mas tais termos também refletem desigualdades sociais e culturais. Em se tratando das representações que os ouvintes têm dos surdos, observa-se que tais representações são “ouvintizadas”, ou seja, são representações de pessoas surdas enquanto deficientes, mutilados, inferiores, incapazes, sem linguagem.

Podemos vislumbrar os estudos surdos como um movimento social, formado a partir de uma minoria linguística, que está em oposição à cultura e ideologia dominantes. Os surdos procuram conviver harmoniosamente com grandes diferenças, dentre elas a mais marcante, a linguística. Esta comunidade está sempre procurando fazer valer os seus direitos políticos e sociais, lutando contra o estigma, o estereótipo, a deficiência, o preconceito, e o poder do ouvintismo.

Entre os surdos há modelos bem sucedidos de usuários de língua de sinais e possibilidades de crescimento cultural e ganho cognitivo que a convivência na comunidade surda pode proporcionar. Daí a importância da inclusão cedo da criança surda na comunidade surda, a infância é um período crucial da vida, pois é nela que estabelecemos confiança em nós mesmos e nos outros. É na infância que aprendemos sobre limites e aspectos sociais, e aprendemos de que forma podemos e devemos nos relacionar com o mundo. Na falta de modelos positivos, os surdos assumem papéis que não condizem com a sua realidade e acabam convertendo sua possível identidade surda em identidades flutuantes que não reconhecem sua real condição e principalmente não valorizam a sua existência.

Na descrição de Silveira (2002, p. 20):

¹⁰ Língua de Sinais e linguagem sinalizada é um termo genérico que se refere a formas diferentes de expressões sinalizadas, utilizadas pelas comunidades surdas, cuja modalidade linguística é visual-espacial. (SKLIAR, 1998)

Aqui no Brasil, pelo direito de decidir como querem ser nomeados é a dos “surdos”; tradicionalmente chamados de “surdos-mudos” (terminologia criticada por evocar uma incapacidade identificada do ponto de vista “ouvintista”), passaram depois, a partir do crescente prestígio da visão médica, a ser chamados de “deficientes auditivos”, denominação também recusada por fazer referência a uma suposta falta, carência... e por entenderem – os surdos – que tal condição física tem produzido, historicamente, o aparecimento de uma cultura marcada em especial por línguas próprias – Línguas de Sinais – numa visão positiva que justificaria a preferência pela denominação de “surdos/as”.

É possível afirmar que hoje os surdos são aceitos, mas ao mesmo tempo, em inúmeras circunstâncias continuam sendo ignorados e não reconhecidos politicamente por alguns grupos de ouvintes. As ideias políticas ouvintistas geram padrões convencionais paternalistas, tais padrões são ainda muitos presentes nas escolas e estão muitas vezes disfarçados no discurso inclusivo de acesso igualitário à educação, que na verdade não dá garantias à criança surda de um pleno contato com sua cultura e com a sua língua, apenas “garante” que o aluno terá as mesmas informações que os demais.

Em interessante descrição, Lane (1992) demonstrou que “o mundo dos ouvintes” não compreende a realidade dos surdos, sua cultura, sua identidade:

O paternalismo dos ouvintes começa com uma percepção deformada porque sobrepõe a sua imagem de um mundo conhecido dos ouvintes ao mundo desconhecido dos surdos: igual modo, o paternalismo dos ouvintes encara a sua tarefa como de “civilizar”: devolver os surdos a sociedade. E o paternalismo dos ouvintes não consegue entender a estrutura e os valores da sociedade surda. (LANE, 1992, p. 48)

Há uma perspectiva diferente do audismo/ouvintismo que exacerba a discriminação com a comunidade surda, não aceitando a língua de sinais. O termo *Deafhood* (em inglês) que significa o “ser surdo”, concepção promovida pelo surdo americano Paddy Ladd, reconhecido internacionalmente na comunidade surda, mostra que os surdos sofrem com o audismo e ouvintismo e a não aceitação da língua de sinais. Com a alegação de que os surdos não são normais, que a surdez é uma doença, influenciada pela área de saúde, e assim os surdos são colonizados.

Diante de todo o exposto, importante se faz uma abordagem mais detalhada dos estudos culturais e um estudo mais profundo da cultura surda, como forma de compreensão de todo o processo histórico de opressão e colonização sobre o “povo surdo”, apenas dessa forma é possível compreender porque é justa a luta da comunidade surda por seus direitos e espaços na sociedade.

3 OS ESTUDOS CULTURAIS E A CULTURA SURDA

“Foi excepcional descrever o “povo surdo” como formadores de um grupo cultural [...] representou uma ruptura com a longa tradição de “patologizar” os surdos. [...] Em certo sentido, o livro trouxe o reconhecimento oficial e público para mais o profundo da vida do povo surdo: sua cultura.”

(SACKS, 2010)

Os Estudos Culturais foram desenvolvidos a partir de 1964, coordenado por Richard Hoggart, quando começaram a impactar o meio intelectual e acadêmico, como novo campo interdisciplinar de estudos organizado em torno de um novo conceito de cultura, não mais compreendido de forma “tradicional”, mas com significação e subjetividade, práticas sociais entre sujeitos empíricos, representação e discursos. Tais expressões dos Estudos Culturais, no que se refere à cultura, deixa narrar e descrever outras teorias, outros caminhos.

No Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, fundado por Hoggart, Williams e Thompson, “se posiciona a cultura como uma dimensão de análise e se adota a perspectiva da crítica cultural em trabalhos que enfocam o que se distingui por cultura ou culturas populares, práticas cotidianas, artefatos e produtos culturais” (TURA, 2005, p. 112).

Stuard Hall, um dos principais contribuintes dos Estudos Culturais ingleses, substituiu Hoggart na direção do Centro, de 1968 a 1979, buscou dar estímulo as relações entre cultura contemporânea e sociedade, e em sua teoria da recepção ele rompe com a ideia da linearidade comunicativa e admite a influência de fatores sociais e políticos nos processos comunicativos.

Segundo Hall (1997):

[...] para se obter uma ideia dos diferentes discursos teóricos em que os estudos culturais se apoiaram, seria necessário referir, *inter alia*, às tradições de análise textual (visual e verbal), à crítica literária, à história da arte e aos estudos de gênero, à história social, bem como à linguística e às teorias da linguagem, na área das humanidades. (HALL, 1997, p. 12)

À vista disso, os estudos culturais não representam o surgimento de um novo campo disciplinar, mas uma abordagem que se apóia em diversos ramos do saber como a economia política, a teoria da comunicação, a sociologia, a teoria social, entre outras.

Esta abordagem, os Estudos Culturais, permitiu a investigação de manifestações culturais antes esquecidas ou ignoradas pelos pesquisadores e estudiosos da cultura, a exemplo

da cultura surda, sendo apenas após a contribuição dos Estudos Culturais que rompem com o universalismo e amplia o campo de análise dos fenômenos culturais que a cultura surda ganhou certo espaço, fortalecido ainda com as conquistas políticas e linguísticas da comunidade surda.

No Brasil, pesquisas desenvolvidas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), se voltam para os Estudos Culturais e sua relação com o currículo escolar. Skliar e Quadros (2004) estiveram à frente do processo de difusão dos Estudos Culturais através da formação de grupos de análise que buscavam debater as relações entre educação surda, estudos culturais e estudos surdos, identidade surda e cultura surda.

Dessa forma, os Estudos Culturais vêm também se constituindo como um território de investigação educacional e político, através de entendimentos linguísticos, culturais, comunitários e de identidade, que relacionam-se diretamente com discursos sobre surdez e sobre mundo dos surdos.

Nesta direção Padden e Humphries (2005 *apud* CUNHA, 2007) reforçam que foi a partir da compreensão de que as experiências visuais dos surdos não são apenas uma forma de sobrevivência ou adaptação às suas necessidades imediatas, mas um processo histórico e coletivo de construção de significados que buscam dar sentido “as coisas do mundo” e compreendê-las, que tal processo passou a constituir-se como um campo de investigação dos estudos culturais. Segundo eles:

[...] as práticas de “olhar” não são necessariamente naturais ou lógicas, no sentido que os surdos têm um sentido visual aguçado, mas as formas pelas quais eles “olham” derivam de uma longa história [que] envolve as escolas que eles frequentaram, as comunidades nas quais eles se engajaram depois de sair da escola, os empregos que tiveram, a poesia e o teatro que criaram, e finalmente, o vocabulário que se deram para descrever o que eles sabem (PADDEN; HUMPHRIES, 2005, p. 2, tradução livre *apud* CUNHA, 2007, p. 56-57).

Na obra *Identidade e diferença*, Silva (2014), discute os conceitos de identidade e diferença relacionando-os diretamente ao processo de produção social, território e fronteiras de natureza essencialmente culturais. Stuart Hall (1997) afirmou que tal processo pode ser considerado uma “revolução cultural”, no sentido substantivo, empírico e material da palavra. Identidade e diferença são noções construídas no interior da vida social, podem estar relacionados a um local ou região ou a aspectos linguísticos e culturais.

Conforme Silva (2014, p. 76):

[...] identidade e diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos

nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.

Portanto, conforme Silva (2014) as noções de identidade e diferença são criações sociais, é o homem que ao organizar-se em sociedade produz uma realidade que estabelece “marcas”, fronteiras, limites, nem sempre justas, nem sempre coerentes e muitas vezes carregadas de estereótipos e preconceitos, como as barreiras que tentam impedir o reconhecimento linguístico e cultural do povo surdo.

O ser humano, no decorrer de sua história elaborou extensa produção social, através da arte, literatura, gêneros, indústria, tecnologia, informações etc., dessa forma também surgiu a ideia de identidade e diferença, povos culturalmente diferentes produzem artefatos culturais diferentes. Nesta perspectiva os estudos culturais representam a grande virada, ao passo que busca a compreensão das formas e processos diversos em que diferentes povos produzem a sua história e a sua cultura

3.1 ESTUDOS SURDOS

Os estudos linguísticos das línguas de sinais iniciaram com William Stokoe, da Universidade Gallaudet, no ano de 1960, diferentemente dos estudos sobre as línguas orais que datam de séculos atrás. Este autor apresentou uma análise descritiva da Língua de Sinais Americana (ASL – American Sign Language), comprovando os seus aspectos linguísticos e gramaticais, o que proporcionou o aprofundamento dos estudos desta modalidade linguística e a sua colocação em um novo patamar dos estudos linguísticos até então desenvolvidos.

A partir do reconhecimento linguístico da língua de sinais americana (ASL), os movimentos surdos despertaram, passaram a existir novos conceitos sobre os “surdos” e a as línguas de sinais, esses movimentos construíam novas ideias e significações do ser surdo, identidades, conceitos, colaborando também significativamente para o avanço do chamado Estudos Surdos, que conforme Skliar (2013, p. 5):

Estudos Surdos se constituem como um programa de pesquisa em educação, pelo qual as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político.

Conforme destacou Skliar (2013) os Estudos Surdos significa o surgimento de um grupo de pesquisadores produzindo de modo acadêmico a diferença cultural surda, um olhar sobre o surdo, através de marcadores surdos: cultura, educação, língua, comunidade e espaço social. Situações, histórias e cultura dos surdos, trazendo a perspectiva surda, mãos e olhos das

experiências dos oprimidos, pois ainda é grande o preconceito sofrido pelos surdos na sociedade, o preconceito linguístico em suas várias modalidades, sentidos pelos sujeitos surdos do passado até presente.

A cultura surda pode ser definida como processos sociais dos sujeitos surdos, experiências visuais, língua própria compartilhada entre os surdos. Esse processo, que envolve as línguas de sinais do povo surdo, suas crenças, que são transmitidas de geração em geração, não necessariamente através de histórias escritas, mas em sua maioria sinalizada, em que muito já se perdeu pela falta de recursos próprios de registro destas formas de expressão e pela não valorização das produções culturais do povo surdo.

Diante disso, é necessário que nós, indivíduos de uma cultura de línguas de sinais, desenvolva ações políticas e educativas, contribuindo para reconhecimento da própria identidade surda e a constituição do ser surdo. Cito Strobel (2009, p. 27) ao afirmar que:

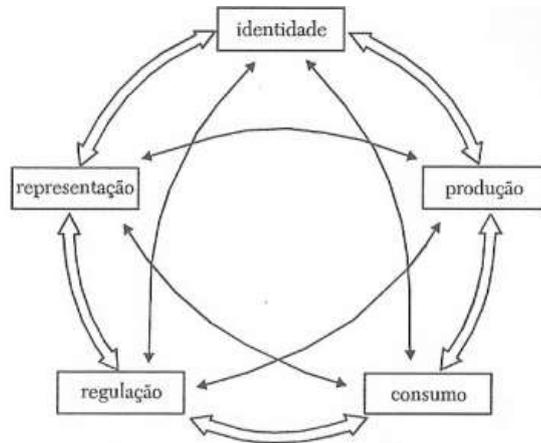
Cultura Surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Nesse sentido, tal significação pode ainda ser compreendida a partir do “circuito da cultura” (HALL, 1997), em que identidade, representação, produção, regulação e consumo se inserem em uma mesma realidade, assim o povo surdo usa e depende da língua de sinais, apresentam características culturais próprias que se assemelham ao circuito da cultura, na articulação entre identidade e diferença na relação com representação.

Podemos discutir essa ideia e reconhecer os temas relacionados com a cultura surda, destacando que está se constitui a partir da significação no circuito cultural que inclui representação, identidade, produção, consumo e regulação. De acordo com Hall (1997), a cultura tem a ver com “significados partilhados”. A linguagem é central para o significado, e a cultura sempre tem sido considerada como o repositório chave dos valores e significados culturais.

O “circuito da cultura” consiste em uma estrutura conceitual sobre formação de identidade desenvolvido por Paul de Gay *et al.* (1997 *apud* MOURÃO, 2016, p. 36). Cultura pode ser chamada de herança social, relaciona-se com conceitos de identidade e representação, à comunidade e à língua, como se tivesse em um circuito, conforme ilustra a Figura 2:

Figura 2 – Circuito da cultura segundo Paul de Gay *et al.*



FONTE: MOURÃO (2016, p. 38).

Como discutir o circuito da cultura, relacionando-o mais especificamente a cultura surda? Para isso, é fundamental considerar o artefato cultural principal, a língua de sinais e assim o conceito de circuito da cultura vincula língua de sinais e sujeitos surdos.

Os surdos organizam em circulação artefatos com suas produções culturais, histórias, memórias, experiências. Segundo Karnopp e Pokorski (2015 *apud* MOURÃO, 2016),

[...] a partir dos anos de 1990, são encontrados artefatos culturais com representações não somente vinculadas ao sofrimento e às dificuldades impostas pela surdez, como era frequente antes desse período, mas emergem narrativas que posicionam o surdo como sujeito cultural, como minoria linguística. Nesse sentido, especialmente na literatura surda – nas histórias de vida, contos, crônicas, poemas, piadas, entre outros – emergem representações que estão vinculadas à valorização da Libras, ao sucesso, ao orgulho de ser surdo, às experiências visuais do povo surdo. (KARNOPP; POKORSKI, 2015, p. 362 *apud* MOURÃO, 2016, p. 37)

Os autores supracitados registram uma “virada histórica” fundamental. Se antes de 1990 predominava na literatura os relatos de sofrimento, preconceito e dificuldades diante da vida do surdo, mais recentemente começa a construção teórica e prática (através das ações políticas e lutas) das identidades surdos, e assim, o jeito próprio de vida do surdo, não é mais visto como desvantagem, sofrimento. Tudo esse movimento se reflete na organização das comunidades surdas, pelo conhecimento da sua língua, crenças e cultura.

Assim, a comunidade surda busca o reconhecimento social, tal como a existência de outros grupos, a partir de critérios diversos, moral e costumes, mantém outras relações. Nos grupos de surdos os aspectos principais são a língua de sinais e os costumes (hábitos de vida,

modos próprios de viver e se relacionar). São diferenças perceptíveis assim como pessoas de outro país, tem cultura e costumes próprios.

Mas a diferença surda tem suas especificidades, de forma que a comunidade surda de um mesmo país se diferencia dos demais grupos não por causa de nacionalidade, mas sim sua forma própria de comunicação e relações dentro (entre surdos) e fora do grupo (surdos e ouvintes), utilizam a língua de sinais para melhor compreensão do mundo, como afirmou Strobel (2009) anteriormente, tornar o mundo acessível e habitável e podemos acrescentar, tornar o mundo inteligível ao surdo.

É através da língua de sinais que este “mundo” ou realidade torna-se compreensível ao indivíduo surdo, a partir de suas percepções visuais. Esta é a diferença fundamental, que torna as comunidades surdas grupos de surdos, ligados por tais aspectos da sua cultura. Dessa forma, cultura é um processo natural que surge da relação social de sujeitos com características idênticas, não é fator de separação, mas de ligação.

Assim as identidades culturais não devem ser motivo de separação, exclusão ou preconceito, devem servir para a interação na sociedade, grupos diferentes, culturas diferentes, não há cultura superior, então porque preconceito? A cultura deve ser livre e acessível a qualquer um, como a informação, se a língua é livre e aberta difunde a interação. No interior da cultura surda prevalecem as experiências visuais, compartilhadas no interior do grupo, sendo a visão e a percepção do mundo expressas na comunicação também através das expressões faciais e corporais.

Atualmente a cultura surda se expressa não só através da língua, mas das manifestações artísticas (poesia, teatro surdo, contos e histórias sinalizadas, etc.), que mais recentemente pode ser registrada através não só da escrita, mas de registros filmados (CD, DVD). Assim, o povo surdo tem como seu aliado a tecnologia, em que pode fazer registros de suas manifestações linguísticas e culturais, utilizando sua língua natural, sinalizada.

Através da vivência na comunidade os indivíduos surdos se fortalecem, há troca intensa e natural de experiências e conhecimentos, diferente de convivência com comunidade ouvinte, por exemplo, na família, maioria dos pais de surdos são ouvintes, há enormes barreiras na comunicação. Além disso, muitas vezes as pessoas tentam “apagar” a cultura surda, ignoram sua língua e sua forma própria de comunicação.

Certamente, um dos fatores que contribuem para o preconceito contra a língua e cultura surda está no fato de estas ainda são desconhecidas pela maioria das pessoas ouvintes, e assim, não aceitam com naturalidade as formas de expressão e comunicação dos surdos. Se as pessoas

ouvintes pudessem fazer parte da cultura surda, como todos aqueles que convivem e participam desta cultura com os surdos, poderiam compreender a sua importância.

Mas infelizmente as pessoas ouvintes ainda conhecem pouco da cultura surda, sua luta e desafios. Mas o surdo tem consciência da importância de sua cultura surda, seus costumes sua língua natural é nossa comunicação. A história é marcada por preconceito e discriminação, mas o povo surdo não se cansa de tentar mostrar, explicar e comprovar, de acordo com Sacks (2010), que as línguas de sinais apresentam sintaxe, gramática e semântica completas, mas, possuem caráter diferente daqueles das línguas escritas e faladas.

Porém, apesar do esforço da comunidade surda, em tentar mostrar o seu valor, sua língua e sua cultura, muitos ouvintes, talvez a maioria, não escutam, não acreditam no desenvolvimento do surdo. Os surdos tentam, explicam e provam que tudo isso existe, mas os ouvintes continuam a julgar com base no preconceito a vida e cultura do surdo. Heller (2000, p. 50) afirma que na sociedade predominam – embora em outro plano e com variações – sistemas de preconceitos estereotipados e estereótipos de comportamento carregados de preconceitos.

A pesquisa sobre as influências sociais e culturais, nas últimas décadas tem gerado conceitos e teorias, a partir de diferentes termos. Dentre esses termos, para os quais, houve um estudo aprofundado, por parte dos pesquisadores, está a palavra: *estereótipo*. Estereótipo é a imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação. Assim, dependendo das influências sociais e culturais recebidas pelo surdo em uma sociedade ouvinte, ele pode construir uma imagem estereotipada de si mesmo, desta sociedade, se vê como um cidadão inferior ou dado como invisível para comunidade ouvinte.

Ao serem considerados inferiores, os indivíduos surdos ganham das pessoas ouvintes uma série de caracterizações como: deficientes, anormais, problemáticos, coitados, seres patológicos, desviantes, etc. Os ouvintes lhe imputam tais caracterizações porque só conseguem pensar o sujeito surdo como um sujeito que, por ser incapaz de ouvir, é incapaz de qualquer realização que não seja simplória.

Na descrição de Perlin (2005, p. 55): “O estereótipo faz com que as pessoas se oponham, às vezes disfarçadamente, e evitem construção da identidade surda cuja representação é o estereótipo da sua composição distorcida e inadequada”. Dessa forma, o estereótipo contribui para o preconceito, são conceitos negativos, que parecem “andar” juntos, o estereótipo é visão distorcida das coisas, da realidade, que estimula atitudes de preconceito.

3.2 O PRECONCEITO

Compreender o preconceito presente na sociedade contra a pessoa surda exige esforço de imaginação e observação atenta da realidade. A realidade mostra que os ouvintes têm um “caminho aberto”, tem acesso livre a cursos e faculdades, enquanto ao surdo se impõe muitas barreiras, mas tal realidade está mudando e os surdos tem tido progresso social e acadêmico. As pessoas surdas não aceitam mais a condição de “coitado”, não aceitam mais viver apenas sendo ajudados, precisamos provar que o oralismo existe, e o que ainda não existe no Brasil é uma educação ideal para o surdo.

Precisamos provar para sociedade que as coisas não são impossíveis para o surdo, pois a visão “negativa” da surdez está presente há muito tempo nos livros, artigos, revistas, jornais, além disso, a sociedade não observa com atenção a comunidade surda, a sua organização e luta.

Diante dessa realidade precisamos provar que somos capazes de lutar por espaços na sociedade. Utilizando uma linguagem metafórica podemos dizer que em meio ao povo surdo e sua língua pulsa um coração, tem vida, tem anseios, tem desejos. Os discursos que aí permeiam são a favor do próprio surdo, refletem sua realidade, sem estereótipo.

Para o povo surdo, que luta e defende sua identidade surda, o discurso oralista parece coisa de museu, já ultrapassado, por trás dessa “porta” podemos ver diversos quadros antigos: tratamento oralista, aparelho auditivo, implante coclear. São bases que sustentam o discurso oralista até hoje, apregoam uma integração à sociedade ouvinte, que na prática não existe. Mas parte da sociedade ainda “aplaude” e apoia esse modelo, supondo que assim como hoje, está visão se manterá no futuro, a predominância de visão clínica ou terapêutica, baseada na superioridade do conhecimento médico.

Mas os surdos podem “ampliar” seu olhar e ver que há uma porta “semiaberta”, ter nova perspectiva sobre surdez e sua própria imagem de ser surdo. Porém, muitas vezes tudo isso parece confuso para o surdo, muitos deles não conseguem ter uma nova percepção de si, construção da sua identidade surdo, constroem imagens de sua semelhança igual ao do ouvinte e isso acaba refletindo, principalmente, no desenvolvimento de sua linguagem, sendo então o surdo silenciado pelo ouvinte, por muitas vezes não se compreender surdo e ser compreendido.

Quando o sujeito surdo não tem oportunidade de conviver com seus pares, na comunidade surda, mas apenas com pessoas ouvintes, ele tem prejuízo em seu desenvolvimento, devido às barreiras na comunicação, ele perde oportunidade de interação e desenvolvimento, pois muitas vezes tem sua surdez ocultada e depreciada. O estigma de

deficiente agrava-se a cada dificuldade que essa pessoa irá encontrar na tentativa de se igualar ao ouvinte.

Voltando a questão dos estereótipos, conforme Heller (2000) o estereotipado é a imagem concebida com antecedência, de determinada pessoa, coisa ou situação. Diante disso, estereótipos servem para definir erroneamente pessoas ou grupo sociais, limitando-os. Podemos encontrar também manifestação de estereótipos nas piadas e humor com surdos, que muitas vezes explicitamente expressam preconceito contra esses indivíduos.

Preconceito é descrição pré-concebida, possui um caráter discriminatório mediante pessoas, crenças, sentimentos e intenções de comportamento, é uma ideia formada antecipadamente e que não tem fundamentos crítico ou lógico. O preconceito é resultado da ignorância das pessoas com base em suas ideias pré-concebidas, que desprezam outras visões, quando se analisa uma situação específica. Mas o preconceito na sociedade é um tanto inevitável, construção dos conceitos de algum artefato por nossa parte acontece a todo o momento.

De acordo com Strobel (2007, p. 21-22),

A sociedade não conhece nada sobre o povo surdo e, na maioria das vezes, fica com receio e apreensiva, sem saber como se relacionar com os sujeitos surdos, ou tratamos de forma paternal, como “coitadinhos”, que pena, ou lida como se tivessem “uma doença contagiosa” ou de forma preconceituosa e outros estereótipos causados pela falta de conhecimento. Faço menção de um acontecimento da infância de uma surda: Os meus colegas não aceitavam porque tinham receio de que a surdez pegasse como uma doença contagiosa, eles tinham medo de falar comigo, achando que eu não iria compreender, sempre que estava na fila por ordem de chegada, às vezes a primeira, por morar próximo à escola, eles me puxavam pelos meus longos cabelos negros que estavam trançados como de uma índia, me arrastavam e colocavam como última da fila, sem entender muito bem, eu aceitava as imposições.

Strobel enfatiza, “a sociedade não conhece o povo surdo” por isso existem os estereótipos e predomina a falta conhecimento sobre o povo surdo e sua cultura. Diante disso, é preciso deixar claro, estereótipo e preconceito não contribuem em nada, só afasta, segrega, isola ou exclui. Só o respeito constrói, não podemos obrigar pessoas ouvintes a ter atenção, fazer parte ou conviver com a comunidade surda, mas podemos exigir respeito a nossa língua e nossa cultura. A falta de informação dos ouvintes sobre os surdos faz com que tenham uma representação errada sobre esta cultura. Porém, quando o ouvinte conhece, se aproxima ou faz parte da realidade do surdo, sua vida, sua língua, sua cultura, descobrem que os surdos têm movimentos sociais, tem uma comunidade cultural, sua diferença linguística, que forma sua identidade surda e devem ser respeitadas.

Diante tudo isso exposto, passa-se a uma discussão mais específica que envolve o sujeito surdo, o preconceito linguístico.

3.2.1 Preconceito Linguístico

O preconceito linguístico leva muitas pessoas a crerem ainda hoje que a Libras não é uma língua, e muito menos a língua natural da comunidade surda no Brasil. Talvez o que leve muitas pessoas a não acreditarem no caráter linguístico da Libras seja a sua diferença linguística, pois a diferença causa o estranhamento, significa estar diante daquilo que não conheço, que me parece estranho ou esquisito.

Sabemos que as línguas de sinais diferenciam-se bastante das línguas orais auditivas, sua natureza é viso-espacial, produzida através das mãos, das expressões faciais e corporais, tendo a visão como um elemento fundamental. Dessa forma, apesar dos estudos e pesquisas que comprovam tal fato, muitas pessoas pensam que as línguas de sinais são limitadas, e no caso do Brasil, que a Libras é a representação do português feito com mãos e os sinais substituem as palavras faladas. Pensam que os “gestos” interpretam as línguas orais e que a Libras expressa apenas informação, por isso não é capaz expressar ideias abstratas e ser utilizada para discutir assuntos como política, filosofia ou arte.

Essa forma de ver as línguas de sinais refletem o preconceito linguístico, marca histórica da sociedade ouvinte sobre o surdo, sua língua e sua cultura, que dificulta consideravelmente sua integração social e o respeito a sua condição de sujeito surdos.

Sirvo-me de Owen Wrigley (1996) para destacar um ponto fundamental: a importância do uso da língua. Diz o autor: “uma, senão a, característica que define a auto-identidade como pertencente a uma minoria linguística ou étnica é ter e usar sua própria” (WRIGLEY, 1996, p. 14).

De acordo com Sá (2002, p. 358 *apud* WITKOSHI, 2009, p. 565),

Falar sobre surdez e preconceito é narrar uma das interfaces do ser surdo. Na história do povo surdo estão evidentes as marcas que o identificam como um ser incompleto, incapaz, deficiente. A partir dessa concepção da surdez, todo tipo de violência física e simbólica foi exercida, passando por extermínio, reclusão em casa, proibição do uso da língua de sinais, segregação em escolas especiais, até as atuais propostas pedagógicas adjetivadas como bilíngues, utilizadas “como mais uma metodologia colonialista, a-histórica e despolitizada”, que consistem em apenas permitir o uso da língua de sinais sem empreender qualquer ação no sentido de transformar as relações sociais, culturais e institucionais.

São comuns os relatos de surdos em que podemos encontrar explicitamente as marcas do preconceito linguístico. Como por exemplo, vagas de trabalho em empresas destinadas a pessoas com deficiência em que os surdos se submetem na condição de deficiente auditivo, porém, durante a entrevista exigem que o surdo saiba fazer leitura labial, não aceita a Libras, ou seja, discrimina e não aceitam a diferença linguística. Além disso, tal fato prejudica o surdo, que pode se sentir incapaz e desistir de procurar uma vaga no mercado de trabalho.

Outro exemplo, uma surda participou de uma entrevista e ao se apresentar como surda pensaram que ele seria incapaz para o trabalho, e assim, foi mais forte o preconceito e incapacidade de compreensão das pessoas. Diante disso, muitos surdos sofrem calados, o que não vai resolver nada. Outro surdo participou de entrevista para vaga em empresa, conseguiu passar na entrevista e ser lotado na função de serviços gerais (fazer limpeza, faxina), embora tenha concluído ensino superior, além disso, teve a infelicidade de trabalhar com um gerente que gritava, fazendo-a passar por situações ridículas, inclusive diante dos clientes. Isto a incomodava e a cada dia sentia mais vergonha, até que pediu demissão.

Tudo isso é muito difícil, provoca sofrimento e angústia para o surdo que sofre com o preconceito sobre sua língua, sua cultura e sua capacidade para o trabalho. Posso ainda relatar outro caso, de uma surda que cumpria muito bem sua função, mas nunca foi promovida, o gerente sempre pedia para aguardar, aprender mais e desenvolver melhor o trabalho e seria promovida. Mas já faz mais de dez anos e nenhuma promoção.

É muito importante evitar qualquer tipo de preconceito no ambiente de trabalho e sempre lembrar que a relação trabalho deve ser pautada no respeito e na ética profissional, o que importa é a eficiência, a habilidade e competência da pessoa (funcionário) e não a sua condição de “deficiente” ou não. A legislação brasileira¹¹ não admite preconceito desse tipo no trabalho, desde a seleção até a ocupação de cargos, não pode levar em conta se o indivíduo tem alguma deficiência ou não, importa a pessoa ter qualificação e condições para tal função, mas, é óbvio que as empresas dificilmente cumprem tal recomendação da lei.

É importante compreender o conceito de cultura na sua diversidade, características, tipos, nomenclaturas, compreender a cultura brasileira e a cultura surda, bem como é importante discutir o preconceito e a discriminação que ainda encontram-se presentes em nosso dia a dia, no nosso cotidiano. Com relação aos aspectos culturais de um povo, o preconceito acontece quando uma cultura se julga superior à outra, ela julga a cultura diferente a partir da sua própria cultura e assim considera a cultura do “outro” como algo atrasado, impuro, inferior, primitivo.

¹¹ Art. 5º da CF de 1988; arts. 4º, 5º e 7º da lei nº 13.146/2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência).

São justificativas culturais geralmente vinculadas a práticas de exploração e interesses, relaciona-se, como dito anteriormente, a construção de estereótipos, imagens distorcidas do outro, e assim tenta-se passar a ideia de superioridade do ouvinte com relação ao surdo. Em decorrência disso, muitas vezes, o surdo é visto como atrasado, incapaz, de baixo nível intelectual, mas a realidade comprova que isso não é verdadeiro, pois a questão fundamental está nas condições de cada um, nas oportunidades que tem de mostrar sua capacidade.

Estas práticas de preconceito e discriminação acontecem ainda hoje, como nos exemplos citados anteriormente, narrativas verdadeiras de surdos, suas experiências ao buscar acesso ao mercado de trabalho. E assim as pessoas são julgadas pela sua condição: deficiente ou “normal”, tira a oportunidade de alguns de mostrar que é capaz, a pessoa surda tem as mesmas capacidades que as ouvintes, apenas a forma de comunicação e interação é diferente, mas há muitos surdos capazes, inteligentes e responsáveis que há muito tempo aguardam uma oportunidade de mostrar sua capacidade.

Mas a sociedade insiste em manter o preconceito, a não aceitação da diferença linguística e cultural, e assim, a história de luta da comunidade surda continua. Porém, no passado foi ainda pior, eram consideradas incapazes de comunicar, por serem consideradas mudas e conseqüentemente eram submetidas a trabalhos forçados, viviam à margem da sociedade e eram consideradas como imbecis.

De acordo, Sacks (2010, p. 15):

Por que a pessoa surda sem instrução é isolada na natureza e incapaz de comunicar-se com os outros homens? Por que ela está reduzida a esse estado de imbecilidade? Será que sua constituição biológica difere da nossa? Será que ela não possui tudo de que precisa para ter sensações, adquirir ideias e combiná-las para fazer tudo o que fazemos? Será que não recebe impressões sensoriais dos objetos como nós recebemos? Não serão essas, como ocorre conosco, a causa das sensações da mente e das ideias que a mente adquire? Por que então a pessoa surda permanece estúpida enquanto nos tornamos inteligentes?

Sacks (2010) apresenta palavras muito sensatas, lógicas, o indivíduo surdo tem as mesmas estruturas humanas que as demais, tem sensações, com exceção das auditivas, mas muitos tem grau variado, porém, os demais sentidos estão intactos, normais, a visão, as emoções, sua cognição, enfim. Então por que excluir e isolar tal indivíduo? Os surdos foram vistos como deficientes e inferiores, isolados como se pertencessem a outro mundo, mas qual mundo? Não há dois mundos, surdos e ouvintes pertencem à mesma realidade, essa suposta dicotomia só pode existir na imaginação das pessoas.

A visão que se construiu do surdo como deficiente ou anormal decorre da tentativa de excluir e isolar o surdo, esta realidade é percebida pelo surdo quando ele entra no “mundo

ouvinte” e percebe com estranheza a forma como as pessoas o veem, pois muitos o veem como um “monstro” de outro mundo, e assim, o surdo enfrenta muitas barreiras diante de si. Mas não há dois mundos, de ouvintes e surdos, a ideia de divisão de mundos decorre do preconceito, discriminação e estereótipos historicamente construídos.

A cultura surda faz parte do conjunto de culturas, diversidade naturalmente existente, pois os grupos humanos também têm diferenças, mas este não deve ser motivo de divisão ou segregação do surdo e sua comunidade surda. A espécie humana é uma só, somos todos da mesma espécie, surdos não são subespécies, o que diferencia um grupo humano de outro são aspectos étnicos e culturais, mas o preconceito contra surdos continua muito forte no Brasil e no mundo.

Para explicar essas expressões do preconceito Lima e Vala (2004) se referem a expressões sutis como brincadeiras, piadas, exclusões e apelidos que, aparentemente, são “inocentes”. Fleury e Torres (2010, p. 79) esclarecem que “o fenômeno se adequou a novos valores, novas ideologias e normas sociais, produzindo uma nova modalidade de pensamento e expressão do preconceito que atende a essa nova realidade”. Atualmente, o preconceito ainda manifesta-se de forma implícita ou explicitamente, através da violência, xingamentos, agressões físicas e verbais.

Dessa forma, é extensa a literatura a tratar da questão do preconceito e discriminação contra os surdos, abordando questões como “O sujeito surdo é visto como digno de pena e dependente” (LANE, 1992), “Preconceito contra o sujeito surdo, especificamente, enxergando-o como alguém incapaz” (SILVA; CAMPELO; NOVENA, 2012 *apud* ARAÚJO, 2018). É como se eles fossem rotulados por coisas negativas (MARTINS, 2013 *apud* ARAÚJO, 2018).

3.3 SURDOS, SUA HISTÓRIA E SUA LUTA: ENTRE AVANÇOS E RETROCESSOS

O ser surdo está presente como sinal e marca de uma diferença, de uma cultura e de uma alteridade que não equivale a dos ouvintes. (autor desconhecido *apud* STROBEL, 2008, p. 16).

Na história ficaram os registros, passagens que narram fatos que envolvia sujeitos surdos, e assim se construiu uma história específica, trajetória do povo surdo no mundo, destacando-se fatos e países. Narrar e compreender fatos desta história é uma forma de compreender a luta, as dificuldades, avanços e conquistas do povo surdo.

Desta forma, serão destacadas algumas passagens e fatos históricos que marcaram a história da surdez, destacando-se ainda as primeiras iniciativas que contribuíram para o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras no Brasil.

Pode-se ainda fazer recorte histórico da antiguidade até a idade contemporânea, narrar as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam as crianças surdas a sofrerem a mesma morte reservada ao “retardado” ou ao “deformado”. Estes indivíduos eram culpados pela sua situação de “não ouvintes” e, por conseguinte sofriam a exclusão social, mesmo nas culturas onde eram considerados como enviados pelos “deuses”, como no Egito e na Pérsia, não tinham direito à educação formal, pois se julgava que não possuíam capacidade intelectual. (VELOSO; MAIA, 2009).

Em Roma os surdos não eram considerados seres humanos, sofriam castigos, eram enfeitados e sofriam eliminação física. Crianças surdas em jogadas no rio Tíger e muito raramente sobreviviam. Alguns pais escondiam seus filhos surdos ou com outra deficiência para não serem sacrificados. E alguns poucos surdos, com boa aparência tornavam-se escravos. (VELOSO; MAIA, 2009).

Ainda segundo Veloso e Maia (2009), na Grécia, os surdos eram considerados inválidos e muitos “incomodavam” a sociedade e assim eram condenados à morte, lançados abaixo do topo do rochedo de *taygéte*, nas águas profundas de *Barathere*. Os que sobreviviam viviam miseravelmente como escravos ou abandonados. Portanto, em Roma e na Grécia predominou a exclusão e sofrimento para o surdo, não houve nenhum progresso, valorização da pessoa surda.

Berthier (1984, p. 165 *apud* NASCIMENTO, 2006, p. 257) relata passagens de atrocidades contra os surdos na Antiguidade.

Inicia a história na antiguidade, relatando as conhecidas atrocidades realizadas contra os surdos pelos espartanos, que condenavam a criança a sofrer a mesma morte reservada ao retardado ou ao deformado: "A infortunada criança era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar.

Porém, no Egito e na Pérsia, os surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, enviadas dos deuses, porque acreditavam que eles comunicavam mistério com o Altíssimo. Tinha um forte sentimento humanitário e respeito, todos protegiam e tributavam aos surdos à adoração, os surdos tinham vida inativa e não eram educados, sem ensino ou instrução. (VELOSO; MAIA, 2009).

A história de descaso com os surdos foi reforçada pelo posicionamento do filósofo Aristóteles. Ele afirmava que o surdo era incapaz para a vida social, porque a linguagem seria a base do pensamento e da razão, então se o surdo não tinha uma linguagem, era incapaz de racionar e desenvolver o pensamento, e assim, retirou toda expectativa com relação ao surdo, quase equiparando-o a um ser não humano (STROBEL, 2009).

Conforme Strobel (2009), Sócrates (400 a.C) pensou diferente de Aristóteles, segundo o diálogo transcrito a seguir, indagou ao seu discípulo Hermógenes, se haveria outra forma de comunicação para os “surdos-mudos” se não utilizar os “gestos”, a cabeça e o corpo. Mesmo que não tenha ainda tido uma ideia mais bem elaborada, Sócrates tomou uma atitude de alteridade com relação ao surdo, imaginou-se no seu lugar, pensou na sua condição fisiológica e chegou a uma conclusão fundamental para aquela época, o surdo era diferente.

Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objeto um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo? Hermógenes respondeu: “Como poderia ser de outra maneira, Sócrates?” (PLATO, 368 a.C *apud* Strobel, 2009, p. 18, aspas no original).

Desde a antiguidade, os surdos foram discriminados considerados incapazes, de acordo com Capovilla & Raphael (2008), naquela época era muito forte a concepção de que a linguagem falada era a única forma de linguagem possível. Os Filósofos Sócrates e Aristóteles foram homens inteligentes para sua época, porém, com relação ao surdo, suas opiniões e reflexões foram diferentes, mas eles não conviveram com os surdos, apenas refletiram sobre a sociedade da sua época, porque a função do filósofo era exatamente esta, reflexão sobre a realidade.

Mas as ideias dos filósofos influenciaram muitas outras sociedades, e assim as afirmações do filósofo Aristóteles contribuiu para maior preconceito e intolerância pelos surdos, a sociedade passou a acreditar que os surdos eram incapazes e inválidos.

O texto bíblico interpreta metaforicamente uma passagem do início da era cristã em que uma pessoa com incapacidade sensorial foi tocada por Jesus, que proferiu palavras de salvação, segundo o evangelho de Marcos (7: 32-35), o que nos traz, inequivocamente, elementos que nos permite intuir como aquela remota sociedade percebia o surdo: deficiente, inferior, doente e incapacitado. E assim são percebidos até os dias de hoje, a despeito dos inegáveis avanços.

Trouxeram-lhe um surdo que gaguejava, e rogaram que impusesse as mãos sobre ele. Levando-o a sós para longe da multidão, colocou os dedos nas orelhas dele e, com saliva, tocou-lhe a língua. Depois, levantando os olhos para o céu, gemeu, e disse: Effatha, que dizer “Abre-te!”. Imediatamente abriram-se-lhe os ouvidos e a língua se lhe desprendeu, e falava corretamente (A BÍBLIA, 1985).

Durante a Idade Média, o imperador romano Justiniano, em 529 a.C., criou uma lei que proibia os surdos de receberem herança, de votar e ter direitos como qualquer cidadão, ao casamento, ao trabalho, a comunhão. Esta realidade de extrema exclusão contra o surdo precisa ser compreendida sobre uma perspectiva histórica, pois naquela época não havia nada de estudos científicos sobre a surdez, predominava ainda a total ignorância sobre várias questões,

além dos tabus e imposições religiosas que não permitiam o pensamento livre sobre vários assuntos.

Naquela época, apenas os surdos que conseguiam falar tinham direito à herança, a partir do ano 1570. Portanto, é importante percebermos que a exigência da sociedade para o surdo falar obrigatoriamente é antiga, reflete o preconceito e o desrespeito as pessoas surdas, apesar do que afirmou Sócrates (400 a.C) “surdos tinham que usar gesto para se comunicarem”.

Veloso e Maia (2009) afirmam que já na idade contemporânea, o abade Charles Michel de L’epée (1712-1789) defendeu e incentivou a língua de sinais para os surdos, acreditava que eles eram capazes e tentou acabar com o preconceito e a discriminação da sociedade e da família. L’epée pôde falar com certa propriedade sobre o surdo e a sua educação a partir da convivência que teve com eles, aproximou-se dos surdos daquela época, na antiga França, conviveu e observou o seu modo de se comunicar através de gestos e sinais, ele percebeu a importância e o valor da linguagem sinalizada para os surdos. E assim desenvolveu um método de ensino para surdos que se expandiu em quase toda a Europa e tem repercussões até hoje.

A história de Victor, o menino selvagem de Aveyron é uma prova da importância da convivência e interação humana, da comunicação dentro do grupo social, como uma forma de desenvolvimento da linguagem. Victor foi abandonado por sua família na floresta de Aveyron, no sul da França, o menino surdo foi encontrado por Jean-Marc Itard vivendo junto com os lobos na floresta. Itard tentou socializá-lo e o prendeu, porque ele estava estressado e irritado. Jean-Marc Itard afirmou que o menino tinha comportamento semelhante a um animal por falta de socialização.

Thomas Hopking Gallaudet observava as crianças brincando no seu jardim quando ele percebeu que a menina Alice Cogswell, não participava das brincadeiras por ser surda e era rejeitada pelas demais crianças. Naquela época, aqueles que tinham a “missão” de educar crianças eram os primeiros a descobrir a surdez e logo a associavam a incapacidade ou problema mental, não compreendiam exatamente as causas da surdez, sua relação com a genética, e pensavam como seria a educação dessas pessoas, como poderiam aprender e frequentar escolas.

Diante disso, Thomas Gallaudet queria encontrar uma forma de ajudar Alice Cogswell, mas não conhecia um método apropriado, ele decidiu viajar para Europa, que estava mais avançada que os Estados Unidos no ensino de surdos. Lá ele procurou uma escola de surdos e encontrou muitas crianças surdas aprendendo e se comunicando através da língua de sinais. Gallaudet se interessou pelo método sinalizado e pensou difundir tal método e fundar uma escola para surdos nos Estados Unidos, ele ficou três meses aprendendo no contato com os surdos, professores surdos e ouvintes. Depois Thomas Gallaudet e Laurenc retornaram para os

Estados Unidos, com o objetivo de difundir os métodos de ensino para surdos e assim diminuir o preconceito e a discriminação contra os surdos no seu país.

Alexander Graham Bell inventou um código de símbolos chamado “*fala visível*” ou “*linguagem visível*”, sistema que utilizava desenhos dos lábios, garganta, línguas, dentes e palato, para que os surdos repetissem os movimentos e os sons indicados pelo professor. Entre os anos 1780 a 1890, ele já havia publicado vários artigos postulando contra o casamento entre pessoas surdas, que não existia cultura surda, contra a existência de escolas para surdos e as línguas de sinais, alegando que estes são fatores que contribuíam para o isolamento dos surdos na sociedade.

Então, a opinião de Graham Bell representou a visão ouvinte sobre o surdo, imposição de modelo ouvinte ao surdo, método oral e inversão de valores, ou seja, ele tenta justificar uma situação que na verdade somente prejudicaria a educação do surdo. Ele construiu influência contra a língua de sinais argumentando que as mesmas não propiciavam o desenvolvimento intelectual dos surdos. Acreditava que o método oral puro (oralismo) fosse capaz de integrar o surdo na sociedade, conseguir falar normal e fazer parte da cultura ouvinte. Dessa forma, ele defendeu a proibição da língua de sinais e exclusão da cultura surda.

Graham Bell fez parte do grupo de pesquisadores e estudiosos que acreditavam que seus inventos poderiam “corrigir” a surdez, igual atualmente a crença de que a tecnologia pode superar a surdez, ele foi um dos inventores do telefone. Assim ele ignorou o surdo, escreveu e difundiu ideias prejudiciais aos surdos, não deu atenção verdadeira aos surdos, ignorou sua língua e sua cultura. Interessante destacar ainda que Graham Bell casou-se com uma mulher surda, submeteu-a ao treinamento oral e com ela conseguiu bons resultados, por isso acreditava todo surdo poderia alcançar os mesmos resultados e passou assim passou a difundi-los. Porém, os surdos que tem conhecimento crítico da história sabem, tem consciência de que Graham Bell representou preconceito real, sua verdadeira história foi de discriminação dos surdos e intolerância.

Outra personalidade importante para a história mundial da surdez foi o professor francês Eduard Huet, professor surdo com experiência de mestrado e cursos em Paris, chegava ao Brasil em 1855 sob beneplácito do Imperador D. Pedro II, com a intenção de abrir uma escola para pessoas surdas. Ele trazia experiência do ensino francês, baseada no método sinalizado, língua de sinais e aqui no Brasil socializou esse método, que daria origem a Língua Brasileira de Sinais – Libras e a fundação da primeira escola para surdos no Brasil, atualmente o Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES. Seu método era baseado na aprendizagem da língua de sinais e escrita do português.

Mas, a história da surdez no mundo teve “altos e baixos”, ou seja, avanços e retrocessos, como o que agora vamos narrar, a ascensão do método oral (oralismo) no mundo. Aconteceu a realização do Congresso Internacional de Surdos-mudos, em Milão (1880), onde o método oral foi votado o mais adequado a ser adotado pelas escolas de surdos e a língua de sinais foi proibida oficialmente alegando que a mesma destruía a capacidade de falar dos surdos, argumentando que os surdos são “indolentes” para falar, preferindo a usar da língua de sinais. Cabe destacar que Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso, marcado pelos interesses ouvintes sobre os direitos linguísticos dos surdos.

Dos 164 delegados presentes, representando a Itália (87 delegados), a França (53 delegados), a Inglaterra, a América, a Suécia, a Bélgica e a Alemanha, apenas dois eram surdos: James Denison, da delegação de Washington DC, USA e Claudius Forestier, diretor da escola de surdos de Lyon, na França. Foram oito as resoluções votadas, das quais as duas principais encaminhavam os objetivos do Congresso: impor e votar o Método Oral Puro como principal meio de instrução, em detrimento da língua de sinais na educação de surdos, e monopolizar a educação de surdos, banindo os professores surdos das escolas. (FERNANDES; MOREIRA, 2014, p. 3).

Naquele “infeliz” congresso, o oralismo foi a metodologia escolhida e “aceita” como a melhor para o ensino de surdos, contrariando os anseios e necessidades da comunidade surda já existentes em vários países. Mas esta decisão não foi originalmente uma decisão da comunidade surda dos países presentes neste congresso, basta ver a mínima participação de representantes surdos, o que fez com que os interesses ouvintes prevalecessem. Aconteceu assim o que é de mais comum: uma maioria ouvinte, detentora do poder, decide sobre o que “é melhor” para os surdos. O típico e historicamente repetido ouvintismo prevaleceu.

O ouvintismo – as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos – e o oralismo – a forma institucionalizada do ouvintismo – continuam sendo, ainda hoje, discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo. Trata-se de um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. Além disso, é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte, percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais. (SKLIAR, 1998, p. 15).

Como afirma precisamente Skliar (1988), o oralismo representou a institucionalização do ouvintismo, pois a partir do Congresso de Milão, em 1880, diversos países e seus sistemas de educação passaram a adotar e apoiar este método de ensino, que na verdade não trouxe progressos significativos para os surdos, mas pelo contrário, justificou as práticas impositivas sobre os surdos, oralização, adaptação ao modelo ouvinte de ser e viver, negação da língua e cultura surda.

Como já era de se esperar, após a decisão do congresso de Milão, na Itália, em diversos outros países passaram a predominar o preconceito, a discriminação e intolerância sobre a

língua de sinais e a cultura surda, a educação de surdos sofreu considerável estagnação durante séculos, resultando em fortes barreiras a comunicação.

Porém, com o tempo o método oral difundido pelo Congresso de Milão começa a dar sinais de ineficiência e passa a sofrer críticas, logo surgem novos pesquisadores e estudos que buscam a superação do modelo oralista de educação do surdo. Foi no período da década de 1980, final do século XX, que começam movimentos de retorno e valorização da língua de sinais e respeito a cultura surda e defesa dos direitos, pois nós surdos temos direitos e precisamos lutar contra o preconceito, a discriminação e a valorização da nossa língua de sinais e a cultura surda.

No Brasil, como dito anteriormente, a língua de sinais obteve grandes avanços com a fundação do INES, em 1957, no Rio de Janeiro. Como este instituto funcionava em regime de internato e na época recebeu alunos surdos de diversas regiões e estados do Brasil, estes, ao retornarem para os seus estados e municípios difundiram a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Portanto, com a fundação do INES e a presença de alunos surdos de diversas regiões do Brasil a Língua Brasileira de Sinais – Libras foi sendo difundida e conhecida pelas comunidades surdas do Brasil, representando um importante passo na educação dos surdos brasileiros (VELOSO; MAIA, 2009).

Através da aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira – LIBRAS os surdo(a)s brasileiros puderam ter acesso a uma língua e conseqüentemente à cultura e ao saber, ao passo que puderam também construir uma cultura própria, alicerçada nesta língua, como reforça as colocações de Quadros e Schmiedt (2006, p. 13):

Os surdos brasileiros usam a língua brasileira de sinais, uma língua visual-espacial que apresenta todas as propriedades específicas das línguas humanas. É uma língua utilizada nos espaços criados pelos próprios surdos, como por exemplo, nas associações, nos pontos de encontro espalhados pelas grandes cidades, nos seus lares e nas escolas.

Portanto, foi através do desenvolvimento da LIBRAS que os surdos brasileiros puderam interagir entre si, expressar os seus anseios e sentimentos e lutarem pela conquista dos seus direitos enquanto cidadãos brasileiros. Porém não foi apenas devido a aceitação e difusão da LIBRAS entre os surdos brasileiros que esta língua foi de fato reconhecida no Brasil, foram necessários estudos e pesquisas que pudessem constatar o caráter de língua da LIBRAS para que o Estado brasileiro a reconhecesse como tal.

O movimento a favor da língua de sinais foi ainda fortalecido com as pesquisas desenvolvidas sobre a Libras, inclusive com participação a de professores e pesquisadores

surdos, como Lucinda Ferreira Brito, Ronice Quadros e Lodenir Karnopp, que estudam e descobrem aspectos linguísticos da Libras na década 1990. Até que no ano de 2002, a Libras passa a ter reconhecimento legal com a criação de Lei nº 10.436, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais - como a língua oficial das comunidades surdas. Sendo este fato, do reconhecimento oficial da Libras, muito importante para os avanços já conquistados pela comunidade surda no Brasil.

3.3.1 Eu, minha história e o preconceito

Meu nome é Mardônio dos Santos Aguiar de Oliveira, tenho 35 anos, sou casado com Shaiane Oliveira com quem tenho um filho chamado Matheus Oliveira, de quatro anos de idade, moro em Juazeiro do Norte-CE desde 2008, sou professor efetivo de Libras (Língua Brasileira de Sinais) na Universidade Federal do Cariri - UFCA, nesta IES sou também coordenador do Curso de Licenciatura em Letras Libras. O meu grau de surdez é de 70% (média de perda auditiva nos dois ouvidos, grau de surdez entre moderada e severa), o que quer dizer que nasci quase totalmente surdo.

Larrosa aborda a identidade e a experiência em dois textos seminais *Notas sobre a experiência e o saber de experiência (2002)* e *Notas sobre narrativa y identidade (2004)* utilizados aqui como ponto inicial de nossa reflexão. Inspirando-me em Larrosa, descreverei um pouco da minha história, enquanto criança pobre e surda, que se deparou com uma realidade familiar e social extremamente difícil, e diante da qual, apesar de tudo, ficou muita aprendizagem.

Nasci em Itapipoca, interior do Ceará, no final da década de 1980, em uma família muito pobre. Na época, o município não dispunha de hospitais ou postos de saúde, tive seis irmãos, sendo que desses, três morreram ainda crianças. Por muito tempo minha mãe, que é ouvinte, não sabia que eu era surdo. Durante a minha infância quase toda a minha família (especialmente a minha mãe) buscava solução para o meu comportamento diferente, em decorrência da surdez, fato ainda não conhecido por ela, que não sabia que eu era surdo.

Por volta dos três anos de idade recordo-me dela me chamando, gritando, esbravejando o meu nome, sem nenhum efeito. A partir daqueles episódios ela começou a se preocupar, mas suas condições financeiras não permitiam que ela tivesse a certeza através de exames. De qualquer forma, a surdez talvez tenha sido o motivo pelo qual minha família saiu de Itapipoca para morar na Capital do estado, Fortaleza, em 1990, senão a surdez, a catapora. Diante dos

meus “problemas” de saúde, ela se recusou a continuar morando no interior, não queria mais perder nenhum filho por falta de cuidados médicos.

Em Fortaleza, fomos morar em uma localidade chamada Cais do Porto, por sua proximidade com o Cais, e conhecido como bairro Serviluz. Lá se iniciou outro capítulo da minha história com a minha ida para a escola. E como a minha surdez ainda não havia sido constatada, fui matriculado em uma escola regular. Recordo-me que via o professor falar, escrever, explicar, porém não entendida nada, aquilo se tornou muito exaustivo para mim, fui ficando cansado e revoltado com aquela situação. Reagi com o que os professores normalmente chamam de indisciplina: rasgava papéis, fugia para o parque, entre outras coisas. Assim, logo a direção da escola chamou minha mãe para lhe informar que eu era muito “danado”.

Apesar da escola não ter nenhum tipo de documento que comprovasse algum problema ou deficiência, achavam que eu não era “normal”, e assim, sem um diagnóstico da surdez, a escola mandou minha mãe procurar para mim uma escola de deficientes. Depois disso passei alguns anos longe da escola. Já estava com oito anos, quando minha mãe novamente se inquietou com esta problemática. Em busca de ajuda, ela conseguiu na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) os meus exames auditivos. Foi quando enfim, fui diagnosticado com 70% de surdez.

Aquele diagnóstico foi um avanço em minha vida, pois pelo menos meus pais puderam saber ao certo por qual motivo eu era diferente da maioria das crianças da minha mesma idade, porém, mesmo com o laudo de surdez indicaram uma escola de deficientes mentais para mim e lá estava eu, novamente em uma escola, desta vez em uma escola para deficientes. Diariamente eu via aquelas pessoas e não me identificava com elas. Logo os professores perceberam que eu estava no lugar errado, assim como Altshuler (1977, p. 51) relata que:

As tarefas que [a criança surda] deve superar no começo não diferem substancialmente das que enfrentam as outras crianças e, se bem que a surdez afeta as experiências da vida, não limita sua inteligência nem sua capacidade de resposta emocional, e de desenvolvimento e maturação normais.

Como sabiamente expôs Altshuler (1977) a surdez interfere nas experiências vividas pela criança surda, geralmente limitando-as, principalmente diante das barreiras comunicativas, porém, a surdez não tem relação direta com limitações cognitivas, com problemas emocionais ou do desenvolvimento. Diante disso, a criança surda precisa estar em um espaço educativo que atenda as suas necessidades e lhe dê oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento.

Por isso posso afirmar que estava no lugar errado, e que foi só algum tempo depois que, enfim, cheguei ao lugar certo, lugar que definiria o resto da minha vida, quando enfim, minha

mãe teve conhecimento da existência do Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES) e me matriculou neste instituto.

Por volta de 1992, fui aluno novato no ICES e lá tive o meu primeiro “sinal” definido como “dedo indicador no meio da testa” (Figura 3). E o que significa o termo “sinal”? Para nós surdos “dar ou atribuir” um sinal a alguém é o mesmo que realizar o batismo da pessoa na comunidade surda, pois assim ela ficará conhecida através deste sinal. Trata-se de uma espécie de acordo ou convenção aceita por todos e que no dia a dia da comunicação entre surdos ou entre surdos e ouvintes não precisa citar ou soletrar o nome da pessoa, ao se referir a ela basta fazer o sinal específico daquela pessoa.

Pimenta (2009, p. 7) descreve como acontece o batismo do sinal “Eles olham para a pessoa e identificam alguma característica que seja específica desta pessoa e lhe dão um sinal”. Então, são identificadas características que são traços particulares, pertinente a uma pessoa, muitas vezes se utiliza a primeira letra do nome do indivíduo mais uma característica peculiar, pessoal. Mas, também existem autores que apóiam a criação do sinal de maneira natural, sem a influência da língua portuguesa, como afirma Battisson (1978, p. 98), pressupondo que um novo sinal dar-se por meio da sua definição e característica e não pela letra inicial.

O batismo do sinal é uma forma de adequação as características visuais da comunicação na comunidade surda, ele baseia-se nas características físicas do indivíduo, comportamento marcante, manias, enfim. Para exemplificar concretamente tal aspecto que faz parte da cultura surda e a forma como o sinal é dado ou alterado, apresento o meu “histórico” de sinais, conforme a figura 3:

Fig. 3 - Batismo do sinal de Mardônio - Mudança de histórico.

		
1 – MARDONIO (1993)	2 – MARDONIO (1995)	3 – MARDONIO (1995)

		
4 – MARDONIO (1995)	5 – MARDONIO (1998 até hoje)	

Fonte: Elaboração do autor, 2019.

A Figura 3 apresenta a cronologia, data e sinal utilizados para minha identificação. Percebe-se que os primeiros sinais não têm relação direta com a letra do meu nome Mardônio. Em 1998 uma professora chamada Vilde Freire (Ex-professora do ICES) me deu um sinal novo e recebi o sinal da quadrícula 5, que faz referência a característica cor dos olhos e a letra inicial meu nome Mardônio. Dessa forma, ficou meu sinal atual, até hoje é feito com configuração de mão em “m”, na frente do olho, com leve movimento horizontal. Já pensei voltar sinal anterior, mas isto não é mais possível, pois atualmente muitas pessoas da comunidade surda já conhecem o meu sinal atual.

Ainda com relação a este aspecto da cultura surda é perceptível que alguns sinais não têm relação nenhuma com o nome da pessoa surda, são sinais típicos de usuários da língua de sinais, nativos, que tem a Libras como L1, indivíduos surdos em sua maioria, conforme mostra a Figura 4.

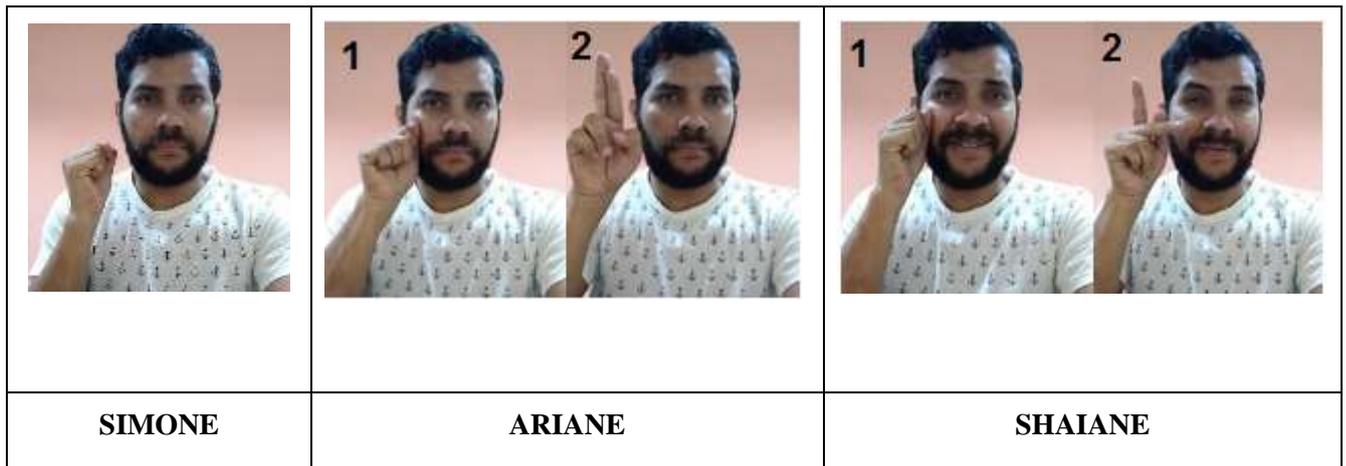
Fig. 4 – Batismo do sinal pessoal: sinais sem letras.

		
JOSE ALEX	FLAVIO	ROBISON

Fonte: Elaboração do autor, 2019.

Além disso, há uma coincidência dessa forma de batismo do sinal, mais natural, com o sinal dos surdos mais velhos, sem fixar relação direta com o nome. Já ente os surdos mais jovens, prevalecem os sinais criados “tomando empréstimo” de letras do nome, conforme mostra a Figura 5.

Fig. 5 – Batismo do sinal pessoal: sinais com letras.



Fonte: Elaboração do autor, 2019.

Dessa forma, tanto os sinais que tomam empréstimos de letras do nome como aqueles mais utilizados antes, que não tem nenhuma relação com o nome significam que aquele indivíduo já faz parte da comunidade surda. Podendo ser ele um surdo, um amigo ou familiar de surdo, um intérprete de Libras ou professor de Libras ouvinte ou qualquer outra pessoa que teve contato mais intenso com a comunidade surda. O sinal é conferido a partir da observação de três aspectos principais: característica física, comportamento marcante, manias ou apelido, mas não pode ser “dado” aleatoriamente, pois na comunidade surda o sinal tem o mesmo valor que documento de identificação da pessoa.

Respeitando a cultura surda, o sinal deve ser criado e “dado” por um surdo, “membro” representante da comunidade surda, sendo antiético o sinal ser “dado” por um ouvinte. Antes de definir sinal novo, o surdo observa as características da pessoa, cria seu sinal e pode explicar em que se baseou ou o que observou da pessoa, este sinal não pode mais ser alterado, com raras exceções. Por fim, o sinal é uma forma prática de identificação de pessoas na comunidade surda, que baseia-se em aspectos visuais, facilitando a comunicação e o entendimento entre usuários da língua de sinais, e especialmente entre os surdos.

3.3.2 A experiência bilíngue e a revolução no ICES

Retomando o relato da minha trajetória escolar, ao iniciar estudo no ICES até pensei que iria mais uma vez me angustiar, por ser único surdo na escola, mas não foi assim, o ICES adota ensino bilíngue, por isso fiz muitos amigos surdos, aprendi muito e desenvolvi fluência em Libras. Considero que cheguei ao ICES totalmente analfabeto, tanto em Libras como em português, e conseqüentemente, conhecimento do mundo, experiências ainda iniciais.

O tempo foi passando, dias, meses e em um ano e eu já estava fluente em Libras e já sabia um pouco a língua portuguesa. Mas para minha tristeza, na minha casa, junto a minha família, eu não podia sinalizar, pois minha mãe não aceitava, me proibia. Um médico disse para ela que não seria bom para mim usar Libras e que eu tinha que aprender a falar. Como dito anteriormente, a “visão” oralista persiste até hoje.

Eu nunca esqueci até hoje, aconteceu certo dia, eu e um colega surdo estávamos conversando no ônibus, e algumas pessoas riam e zombavam da nossa forma de se comunicar, gesticulavam insinuando que parecíamos com macacos a se comunicar, aquilo me envergonhava e me angustiava demais, demonstrava o preconceito contra a língua de sinais. Às vezes até cheguei a pensar se realmente a língua de sinais parecia com gestos de macaco, pensei, será que isto é uma verdade? Quando chegava em casa, minha mãe não aceitava a língua de sinais e me cobrava a oralização igual sociedade falante dos ouvintes.

Então, eu me questionava, será tudo isto preconceito da minha própria mãe ou culpa da influencia da sociedade, porque ela não tem ideia do que seja cultura surda, não sabe defender ou explicar sobre cultura do surdo.

Enquanto isso, novas mudanças provocariam forte ruptura no ICES, no ano de 1999, quando a nova diretora tentou impor novas regras na sala de aula, demitiu alguns professores, e tentou tornar obrigatório para todos os alunos surdos o treino oral e uma vez por semana fazer treinamento fonoaudiólogo, passando a não aceitar língua de sinais. Demonstrando forte preconceito contra a língua de sinais e desvalorizando os surdos, depois de alguns meses o problema se agravou, os alunos surdos combinaram fazer uma paralisação e movimento contra atitude da diretora, exigiam respeito e “gritavam” fora diretora. A diretora se intimidou diante do movimento dos alunos surdos e permaneceu isolada na sala da diretoria. Naquela ocasião, de repente a polícia veio e prendeu alguns surdos. Diante da situação, a Secretaria Estadual de Educação mandou reformar a administração do ICES, convocou nova diretora para a escola e os surdos voltaram a estudar normalmente, felizes por poder usar livremente a língua de sinais.

Então um dia me imaginei professor de Libras, eu acreditei e consegui a realização deste sonho. Mas antes disso muitas “águas rolaram” muitos fatos, muitas aventuras, muitos desafios. Me recordo de outra “passagem” em que percebi sempre haver preconceito por causa da minha surdez, quando eu tinha 12 anos, brincava normalmente com alguns colegas, quando de repente houve uma confusão, um colega me “chamou” com gesto de mão “cú”, “viado” “boiola” ele foi muito grosseiro, demonstrou falta de respeito, e então pensei, será que isto acontece por eu ser surdo? Será que o surdo sempre é discriminado?

Dos 15 anos em diante passei ainda por situações difíceis em família. A situação financeira estava muito, muito ruim, meu pai trabalhava de carregador no Moinho Dias Branco, mas não trazia dinheiro para casa. Ninguém sabia com o que ele gastava e nesta situação nós chegamos a não ter o que comer. Com 16 anos eu passei fome! Chorava de fome. Mas não era só isso que me entristecia, na verdade, eu, certamente por ser surdo, era proibido de sair de casa, ficava muito tempo sozinho, meus irmãos, todos passeavam, enquanto isso, eu, sempre em casa. Eu ficava com muito ódio daquela situação, era proibido de tudo entre os 8 e 17 anos. Eu queria fugir, e realmente fugia, tirava o cadeado do portão e saía.

Quando às vezes, saía para roubar, e na volta colocava o cadeado do mesmo jeito, como se nada tivesse acontecido. Quando minha mãe descobriu, levei outra grande surra. Desta vez eu queria sair de casa, fugir, ir embora. Enquanto isso, na escola (no ICES) estava tudo às mil maravilhas. Eu era fluente e estava sendo cada vez mais reconhecido como líder, sendo inclusive eleito como líder do grêmio estudantil, quando tinha 16 anos.

Foi também nesta época que o professor surdo Willer Cisne me falou: “Você é surdo, acredito que você pode ser professor sim, professor de Libras”, ocasionando o que Perlin (2003, p. 78) chamou de virada cultural:

A virada cultural torna-se visível com as transformações, como a pedagogia de surdos, o atual ensino de língua de sinais, a existência do professor de língua de sinais e do professor surdo, as pesquisas de surdos, os pesquisadores surdos, o modo de vida das famílias surdas, o estilo de vida surda, o aumento de mulheres surdas que residem sozinhas.

Com as palavras daquele professor eu “acordei” e me fortaleci. Despentei definitivamente para os estudos, tinha sede de informação, estudava muito. Até passei a ajudar alguns colegas surdos, ensinava algumas coisas para eles e aquilo me fazia muito bem. Porém, a minha vida familiar continuava muito difícil e complicada. Minha família passou a precisar da ajuda de familiares, para poder sobreviver. Diante de todo este contexto de dificuldades eu comecei a faltar às aulas.

Foi assim que a professora Margarida, que me conhecia desde o ano 2000 no ICES, sabia do meu potencial e também me ensinou muito, veio até a minha casa, preocupada com a minha ausência na escola. Ela indagou a minha mãe o motivo de tantas faltas, perguntou o que aconteceu e minha mãe falou das dificuldades pelas quais estávamos passando, ela então foi a um supermercado e fez uma feira para nos ajudar. Ela ajudou bastante para que eu não abandonasse a escola e não me deixou desistir.

Mas aos poucos tudo foi melhorando, tive um amigo que também me ajudou bastante, o João. A sua mãe tinha uma pequena fábrica de costura e eu costumava ajudar na fábrica e ganhava algum dinheiro, chegava até a me alimentar e dormir na casa do João. O pouco dinheiro que conseguia ganhar levava para casa, para ajudar nas despesas. E assim continuei também os estudos. Eu tinha um sonho de conseguir ingressar em uma faculdade, mas sabia das dificuldades pela frente, pois a vida do pobre neste país é muito difícil e mais difícil ainda é realizar sonhos.

Em 2004 comecei a trabalhar na Fábrica Fortaleza (FF), no Eusébio-CE. Iniciei na função de serviços gerais, juntamente com um grupo de 30 (trinta) surdos. Seis meses depois, fui promovido para trabalhar na administração, como auxiliar administrativo e como instrutor de Libras para funcionários. Fiquei muito conhecido na fábrica, orientava e incentivava as pessoas, até parecia que eu trabalhava com atendimento ao público.

Após 3 (três) anos de trabalho na fábrica já me sentia cansado do trabalho e pensava voltar a estudar. Mas já havia perdido muito tempo, já estava com 21 anos de idade e como quase todo surdo, diante das dificuldades, dificilmente acompanha corretamente a idade-série escolar. Porém, já havia concluído o Ensino Médio e então resolvi pedir demissão no ano de 2007. Uma colega da fábrica chamada Carla Picanço, psicóloga do trabalho, com quem eu conseguia me comunicar em Libras, me aconselhou não pedir demissão, mesmo assim, decidi faltar uma semana e depois disso pedi demissão.

Havia conhecido a Região do Cariri e as cidades Crato e Juazeiro do Norte em 2007, conheci muitos surdos, tive o primeiro contato com esta comunidade surda e percebi que podia “ajudar” o movimento surdo, que ainda precisava se fortalecer, ter liderança, então resolvi mudar definitivamente para Juazeiro do Norte.

3.3.3 A mudança para Juazeiro e o encontro com a Comunidade Surda do Cariri

Em 2008, com 23 anos, me mudei para Juazeiro do Norte, logo ao chegar dei um passo importante na minha vida escolar e acadêmica, consegui aprovação no Curso de Administração da Faculdade Leão Sampaio, bem como iniciei uma Pós-graduação em Libras e Letras Libras a Distância, mas minha prioridade mesmo era a graduação em Administração. Porém, devido a problemas pessoais e familiares, quando já estava perto de concluir o Curso de Administração, resolvi trancar matrícula e me mudar para a cidade de Petrolina-PE.

Já era o ano de 2012, e devido a problemas pessoais e familiares quase abandonei também o curso de Licenciatura Letras Libras (EaD), mas minha atual esposa Shaiane (surda), na época namorada, praticamente me obrigou a concluir. E apesar da importância dessa formação acadêmica para mim, não participei da colação de grau, estava com dificuldades financeiras para viajar para Fortaleza, e assim não tenho registro deste importante momento.

Cheguei a trabalhar na Sede da UNIMED de Juazeiro da Bahia, na função de Auxiliar de Administração, porém só trabalhei cinco meses, pois havia participado de Seleção para professores temporários do Atendimento Educacional Especializado – AEE (inclui professor de Libras), da Rede Municipal, função em que atuei de março a dezembro de 2013. Neste mesmo período soube que havia saído edital de concurso público para professor efetivo do estado de Pernambuco-Petrolina, porém não estudei o suficiente, fiz a prova, mas não consegui aprovação. Na mesma época me submeti ainda para Concurso efetivo para o magistério superior da Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF, mas também não consegui aprovação. Esses resultados me deixaram bastante desanimados, pensei até que nunca conseguiria uma aprovação em concurso público.

Após já está casado com Shaiane, resolvi me mudar para Fortaleza, no ano de 2014, lá fui selecionado (através de entrevista) para a função de Professor do Ensino Médio Integrado - EMI (Escola técnica), depois soube da abertura de concurso da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC) para Professor LIBRAS em 2014. Resolvi então fazer, estudei muito e consegui ser aprovado, para o quadro efetivo da Rede Estadual de Ensino do Ceará, mas não cheguei a assumir, pois havia participado também de concurso efetivo para Professor da UFC, fui aprovado e resolvi assumir a vaga, permanecendo de 2014 a 2016. Quando recebi meu primeiro salário como professor efetivo foi muito gratificante, constatei que foi esforço merecido. Aproveitei e cursei Pós-graduação em Libras na UNI7 em Fortaleza, pois havia me arrependido de ter desistido da minha primeira Pós-graduação, pareceu irresponsabilidade da minha parte, mas esta também não conclui devido a mudança para Juazeiro do Norte, que estava por vir.

Mas ainda assim, meu futuro guardava surpresas, pois em contato com o professor Ernando Pinheiro Chaves (*in memoriam*), ele havia me dito que conheceu a Região do Cariri e o movimento surdo local e que esta Comunidade Surda do Cariri em Juazeiro do Norte precisava de pessoas surdas com “espírito de liderança”. Sempre tive muito apreço ao professor Ernando Pinheiro Chaves e levei a sério o seu conselho, conversei o assunto com minha esposa e ela concordou que quando houvesse oportunidade mudaríamos para Juazeiro, pois, além disso, ficaríamos mais próximo da família dela, que residia em Petrolina-PE. Pouco tempo depois, soube que saiu o edital de concurso público para professor efetivo (Libras) da UFCA, em 2016, realizei este concurso e consegui aprovação.

Portanto, no ano 2016, mudei para Juazeiro do Norte, assumi concurso na UFCA e iniciei nova carreira docente e liderança no movimento surdo da Região do Cariri. Atualmente sou professor de Libras na Universidade, Coordenador do Curso de Letras Libras, participei como conselheiro Titular do Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Artes – IISCA, Conselheiro Suplente do CONSUNI e presidente do Núcleo do Docente Estruturante.

Como líder da comunidade surda sou diretor voluntário de Esporte da Associação dos Surdos da Região Metropolitana do Cariri (ASURMIC), participo e organizo eventos da referida associação. Tento fortalecer o movimento surdo aqui na região, pois é minha causa pessoal enquanto surdo consciente do meu papel na sociedade.

Retomando a questão da minha trajetória acadêmica, depois que aqui cheguei fiz ainda uma Pós-graduação em Libras a distância (UNIVASF - SEAD em Petrolina), concluindo em 2019. Ainda no ano 2018, fiz seleção para o Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA), e consegui aprovação, fiquei muito feliz com mais esta aprovação, que tem sido uma experiência muito proveitosa e fundamental para minha vida acadêmica e minha carreira docente.

Portanto, mesmo diante de tantas dificuldades considero que consegui obter resultados positivos na minha vida até aqui. Hoje meus familiares sentem orgulho de tudo o que conquistei, especialmente minha mãe hoje diz que sente muito orgulho de mim, por ser o único filho com emprego federal, isso é muito gratificante. Devo tudo isso a minha esposa, que tanto me incentivou e ao meu filho, que me dá tanta alegria, mais um motivo para o meu esforço. Como afirma Polkinghorne (1988), a realidade social e a nossa vida privada, enquanto sujeito surdo se entrelaçam, o discurso oficial “prega” tempos de inclusão, mas a vida real privada dos surdos são marcadas por histórias de preconceito e discriminação, mas também de superação, assim foi a minha história e as histórias que “ouvimos” contar por outros surdos.

3.3.4 A Comunidade Surda no município de Juazeiro do Norte, Região do Cariri.

Antes de abordar acerca do movimento surdo na Região do Cariri, com destaque para Juazeiro do Norte, e a formação da comunidade surda local, torna-se relevante localizar espacialmente o município em destaque, bem como discorrer um pouco acerca do processo histórico que desencadeou o seu desenvolvimento.

A cidade de Juazeiro do Norte localiza-se no sul do Estado do Ceará, na Microrregião Cariri, mais especificamente inserida na Região Metropolitana do Cariri, com posição geográfica localizada a uma distância intermediária das principais capitais nordestinas. Com distância, em linha reta, de 396 km da capital cearense, Fortaleza. Devido o seu considerável crescimento urbano, atualmente é a terceira maior cidade do estado em população, com 249.939 habitantes conforme o censo de 2010 (IPECE, 2012).

Alves e Oliveira (2011, p. 3) consideram que:

A história de Juazeiro do Norte tem início, em 11 de abril de 1872, com a chegada de Padre Cícero Romão Batista ao povoado; que até então, era pertencente ao município do Crato, cidade vizinha. Recém ordenado, o sacerdote pôe em prática, neste povoado, uma concepção de vida religiosa contemplando a oração, o trabalho e a caridade.

A cidade tem na figura do Padre Cícero Romão Batista um marco na construção da religiosidade, da cultura do seu povo e dos acontecimentos políticos do Cariri. De fato, foi com a chegada do sacerdote, que tornou-se popularmente conhecido como “Padim Ciço”, que fatos religiosos e políticos iriam marcar definitivamente a história da cidade.

A projeção da figura do Padre iniciou-se com o acontecimento da transmutação da hóstia, recebida pela beata Maria de Araújo, em comunhão administrada pelo Padre Cícero, em 01 de março de 1889. Tal acontecimento repercute em todo o Nordeste brasileiro, intensificando o número de pessoas que já visitavam Juazeiro do Norte a fim de ouvir as pregações do referido Padre (ALVES; OLIVEIRA, 2011, p. 3).

Principalmente devido a este fato histórico Juazeiro do Norte passa a ser considerada uma terra santa por milhares de sertanejos nordestinos e o Padre Cícero, uma figura humana santificada. Em consequência disso, Juazeiro do Norte torna-se importante centro de romarias do interior do nordeste e do Brasil.

Juazeiro hoje é uma cidade considerada por muitos como uma “cidade santa”, devido a sua história, que se confunde com a do Padre Cícero. É um espaço sagrado devido às peregrinações que existem e ocorrem todo ano por parte dos romeiros, que vão para agradecer as graças alcançadas e fazerem promessas para atingir novas metas e objetivos. [...]. (PEREIRA; OLIVEIRA, 2009, p. 42).

Diante disso, cresce rapidamente também o comércio popular de artigos religiosos e outros, o que fez com que Juazeiro se tornasse um importante centro comercial regional, que passa a polarizar o crescimento da região do Cariri, atraindo milhares de pessoas de todo o Nordeste, tanto visitantes, como aqueles que aqui ficaram, na crença de está sob as “bênçãos do Padim Ciço”, orientado suas vidas pela fé, trabalho e devoção (ALVES; OLIVEIRA, 2011; PEREIRA; OLIVEIRA, 2009)

Como expõe Santos (2019, p. 10):

Dentro da máxima católica que o trabalho dignifica o homem, padre Cícero regeu a cidade seguindo da lógica beneditina do *ora et labora*, tendo como um dos seus ensinamentos principais o seguinte: “em cada sala um oratório e em casa quintal uma oficina”. Esse binômio extravasa o núcleo residencial, sendo incorporado em escala urbana, formando uma cidade que orbita entre a religião e comércio.

E assim, Juazeiro torna-se um importante centro regional, cultural e religioso, que cresce e moderniza-se, porém, como qualquer outra grande cidade brasileira, com inúmeros problemas socioeconômicos e ambientais, que não cabe aqui discutir e abordar. Essa condição de centro polarizador regional, conseqüentemente, motivou também a vinda de missionários religiosos para o município, bem como famílias de surdos, que iriam protagonizar as primeiras iniciativas educacionais e religiosas voltadas para os surdos residentes principalmente em Juazeiro do Norte.

Porém, a história da comunidade surda na Região do Cariri é mais recente. As conquistas políticas e sociais da comunidade surda da Região do Cariri, incluindo entre estas o acesso à educação, ao lazer, ao esporte, ao mercado de trabalho, enfim, a inclusão social, deve-se a uma luta histórica de pessoas envolvidas com a causa destes sujeitos “excluídos”, suas famílias e amigos mais próximos, além da sua própria participação. Isso se deve em parte a pessoas ouvintes que foram capazes de desvencilhar-se do preconceito e da discriminação, tão presente em nosso meio social e mergulhar no meio deles (dos surdos, dos seus espaços de vivência), para poder conhecê-los e junto com eles, lutarem.

As primeiras iniciativas que contribuíram para a formação de uma comunidade surda na região do cariri cearense, em Juazeiro do Norte, reporta-se à década de 1980, a partir dos movimentos religiosos no município com destaque para as ações desenvolvidas pelo Seminário Batista do Cariri. Como registra Peterson (2012, p. 29):

Em abril de 1984, Dr. John E. Peterson¹² veio à cidade de Juazeiro do Norte para ensinar um curso de LIBRAS para sessenta e cinco alunos no Seminário Batista do

¹² Dr. John Peterson (*In memoriam*) foi um missionário batista, pioneiro no ensino e uso de sinais (linguagem de sinais) no Brasil.

Cariri. Estava a primeira vez que foi ensinada LIBRAS no Cariri. Naquela mesma época, Peterson fez um levantamento de surdos na cidade de Juazeiro do Norte, assegurou que precisava trabalho com eles porque a maioria não conhecia sinais e nem português para falar, ler ou escrever.

Portanto, já naquela época havia muitos surdos no município e na região e o pastor John Peterson percebeu tal realidade, alertando que seria importante um trabalho de evangelização e educação de todo esse povo surdo, até então desassistido pelo poder público. A esta iniciativa pioneira seguiram-se outras, com a vinda de outros educadores que deram continuidade ao trabalho de difusão da Libras na região. Outra iniciativa fundamental neste processo foi à organização de acampamentos religiosos para surdos na região.

O primeiro acampamento para surdos no Nordeste estava em Iguatu, Ceará, em agosto de 1984. Foi gratuito e cerca de trinta surdos do Cariri foram. Os que não conheciam a sua língua foram ensinados sinais. As aulas de LIBRAS também foram ensinadas para ouvintes que queriam aprendê-la. Os alunos que aprenderam LIBRAS no seminário funcionavam como conselheiros, professores e intérpretes. Quase todos os anos desde 1984 esses acampamentos gratuitos para surdos têm sido feitos em vários lugares do Ceará, principalmente servindo a área do Cariri. (PETERSON, 2012, p. 29).

Tanto surdos como ouvintes participantes dos acampamentos tinham acesso às aulas de Libras e podiam interagir livremente. Os surdos participantes, por sua vez, ao retornarem desses “encontros” difundiam a língua de sinais na sua comunidade e passavam a interessarem-se mais pelas atividades da I Igreja Batista Regular¹³ (organizadora dos acampamentos), em que havia também a tradução dos cultos para a língua de sinais. Os ouvintes participantes dos acampamentos, ao aprenderem e/ou aperfeiçoarem os seus conhecimentos em Libras passavam a intermediar a comunicação entre surdos e ouvintes não conhecedores da Libras, sendo que alguns passaram a interpretar os cultos da igreja, tornando-se assim intérpretes¹⁴ ainda sem formação profissional.

Forma-se assim, os primeiros espaços de convivência coletiva para os surdos de Juazeiro do Norte e de outros municípios circunvizinhos, bem como para a troca de experiências entre surdos e ouvintes, usuários da “língua de sinais”. Muitos desses “usuários de sinais” ouvintes se tornariam Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais – Libras a partir da vinda de cursos na área e das conquistas da comunidade surda do município. Os intérpretes da I Igreja Batista atuaram na interpretação da programação da igreja, nas consultas médicas e em outras

¹³ A I Igreja Batista Regular iniciou o trabalho de difusão da Língua Brasileira de sinais - Libras na Região do Cariri no ano de 1984, junto a esta ação estava o trabalho de evangelização de surdos na região.

¹⁴ O termo refere-se a Tradutor-intérprete de língua de sinais – Pessoa que traduz e interpreta a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentar (oral ou escrita). (QUADROS, 2007, p. 11).

necessidades dos surdos, tais como: casamento, entrevistas de emprego, questões familiares, etc. Com a publicação da lei de inclusão educacional no país, a partir de 2007, estes profissionais passaram a atuar principalmente como intérpretes/tradutores de Libras nas escolas da rede municipal e estadual de ensino.

Neste contexto, cabe destacar o papel pioneiro dos missionários batistas norte-americanos John Peterson (já citado) e Iva Jean Peterson¹⁵, como também da missionária brasileira Marli Gavioli¹⁶ que com muita dedicação e determinação plantaram a semente da inclusão social dos surdos em Juazeiro do Norte, numa época em que o preconceito e o desconhecimento com relação às necessidades e aptidões dessas pessoas eram marcantes no seio da sociedade. Eles foram responsáveis também pelos primeiros movimentos organizados com o intuito de unir forças para a conquista de direitos sociais, como o direito ao trabalho e à educação, ao fundarem a primeira instituição não governamental para o atendimento aos “deficientes auditivos” da Região do Cariri, em 2001.

A necessidade de uma escola para surdos estava presente por causa das falhas na educação deles. Em 2001 a Associação Caririense para Deficientes Auditivos (ACADA) foi organizada pela Peterson e Gavioli e uma escola, o Centro Educativo para Surdos (CEPS), começou no Bairro Triângulo de Juazeiro do Norte. ACADA foi uma organização não governamental (ONG), e todos os seus professores e obreiros voluntários estavam qualificados para ensinar surdos. [...] Em outubro de 2007 mudou o nome da organização e da escola para Instituto Transformar. (PETERSON, 2012, p. 29-30).

Portanto, a ACADA foi a primeira associação de surdos a ser fundada em Juazeiro do Norte, no ano de 2001, por pessoas ouvintes que tinham como objetivo lutar por direitos e estabelecer uma escola especial para surdos, porém, devido à lei de inclusão, que viria a entrar em vigor poucos anos depois, a meta tomou novos rumos, passando a se chamar Instituto Transformar (INTRA), organização não governamental de apoio educacional ao surdo.

Essas foram às primeiras iniciativas, no âmbito regional e do município de Juazeiro do Norte que contribuíram significativamente para a educação e instrução das pessoas surdas, bem como a formação da comunidade surda e o movimento surdo, numa época em que eles não tinham acesso à escola ou a nenhuma outra forma de educação, encontrando-se, muitos deles em situação de abandono ou de risco social.

A importância de discorrer sobre a comunidade surda, seu surgimento, características e traços marcantes torna-se fundamental para uma melhor compreensão do surdo, enquanto

¹⁵ Esposa do missionário John Peterson, que junto com ele fundaram a primeira instituição não-governamental de apoio ao surdo no município de Juazeiro do Norte.

¹⁶ Foi uma das primeiras educadoras de surdos no município de Juazeiro do Norte. Participou ativamente dos movimentos sociais em defesa dos direitos dos surdos no referido município. (PETERSON, 2012).

sujeito singular em meio a sociedade ouvinte, com língua e cultura próprias. É na comunidade surda, composta em sua maioria por surdos que utilizam a língua de sinais como principal meio de comunicação, que o sujeito surdo encontra um verdadeiro espaço de troca e interação social.

Nesta comunidade ele (o surdo) encontra seus pares surdos, compartilham ideias, angústias, mas também diversão, articulam movimentos e ações de “luta” em favor dos seus direitos linguísticos, enfim, constroem espaços de interação, companheirismo e amizade que fortalece o grupo, enquanto grupo de sujeitos que distinguem-se dos demais pela suas especificidades linguísticas e culturais.

Portanto, a existência de várias comunidades surdas no Brasil, por exemplo, em diversas regiões e cidades é uma prova viva que estes indivíduos têm uma língua e uma cultura própria, por isso procuram se encontrar, se agrupar e se fortalecer enquanto grupo e comunidade.

Mas não se pode compreender a comunidade surda como única ou homogênea, pois dentro dessas comunidades há ainda uma diversidade muito grande, como pessoas diferentes em profissões e interesses, surdos e familiares de surdos, ouvintes, intérpretes de Libras, professores de Libras (surdos e ouvintes) profissionais de diversas áreas, pessoas de comunidades religiosas, enfim. Porém, todas têm um interesse em comum, usam a língua de sinais, buscam aprender sobre ela, sobre a cultura surda, buscam conhecer melhor os surdos e participar da sua vida e da sua “luta”.

Mas é necessário enfatizar que nem toda pessoa que sabe ou domina Libras faz parte desta comunidade, algumas pessoas passam a conhecer e se comunicar em Libras, mas não tem interesse em participação de forma mais intensa ou constante com os surdos daquela cidade. Este tanto é o caso de ouvintes que aprendem Libras, mas não se integram a comunidade surda, como de alguns surdos que preferem o convívio com sua família ouvinte ou a comunidade ouvinte do seu bairro ou cidade.

Porém, cabe destacar que a participação do surdo na comunidade surda é muito importante, pois nela o surdo encontra um espaço para o uso “livre” da sua língua, sem preconceito ou discriminação, pois nesta comunidade é “normal e natural” o uso da língua de sinais, é aceitável e até recomendado ser usado por todos, nesta comunidade a língua de sinais tem prioridade na comunicação. Além disso, é na comunidade surda que se discute sobre o direito do surdo e ações para fortalecer esta comunidade, e tudo isso, pode contribuir muito com a educação, a cidadania e a construção da identidade surda.

Mas as comunidades surdas não são todas iguais, podemos nos referir a uma comunidade surda religiosa, a uma comunidade surda de uma escola, de um bairro ou de uma cidade, cada uma com suas características próprias. Além disso, é importante destacar que a

formação e organização destas comunidades não significam formação de “guetos”, não significa que os surdos se isolem da sociedade ouvinte ou querem viver separadamente. Não é isso, surdos formam e organizam comunidades, como dito antes, porque não encontram espaço na sociedade ouvinte para a convivência livremente entre seus pares, para a interação livre e espontânea entre eles, além da necessidade de se organizar politicamente, muitas vezes não encontrada em outro espaço social.

A prova de que a comunidade surda não tem interesse em “separação” com a comunidade social (geral) ouvinte é que qualquer ouvinte pode participar da comunidade surda, desde que tenha interesse e respeite a língua e cultura surda. Participar da comunidade surda é ter contato direto com os surdos, sua vida, seus valores, enquanto grupo minoritário da sociedade, que também busca e luta por seus direitos. Para a criança surda esta participação é fundamental para o seu desenvolvimento, na comunidade surda ela pode encontrar surdos adultos e tomá-los como referência, como “modelo” para sua vida no futuro, assim ela vai “lutar” por um futuro com mais reconhecimento e acessibilidade para o surdo na sociedade.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população do município de Juazeiro do Norte era de 249.939 habitantes, de acordo com o censo de 2010 e a população estimada para o ano de 2019, 274.207 pessoas. Já com relação ao número de pessoas com deficiência auditiva em toda a região do Cariri, dados obtidos através de pesquisa em instituições como a Secretaria de Saúde, Central de Interpretação de Libras, Secretaria de Educação do município e Associação dos Surdos de Juazeiro do Norte (ASJUA) indicam que há um total aproximado de 15.535 surdos na região.

Porém, como dito anteriormente, há uma diversidade muito grande de indivíduos surdos nas comunidades surdas e muitas vezes dentro de cada uma delas se faz presente grupos menores de indivíduos surdos, ou seja, surdos que pertencem à instituição escolar, surdos universitários, surdos políticos, surdos *hippies*, surdos religiosos, surdos artistas como: dançarinos, poetas, humoristas, e aqueles que gostam de festas sociais, outros que são mais reservados, surdos que fazem parte de associações onde se encontram para trocarem ideias, desenvolver relações políticas e sociais e realizar atividades esportivas e de lazer. Eles estão distribuídos pelo município de Juazeiro do Norte bem como por todo o Brasil

Atualmente, no município de Juazeiro do Norte, há duas associações de surdos, Associação dos Surdos de Juazeiro do Norte (ASJUA), esta tinha nome anterior Associação dos Surdos da Região Metropolitana do Cariri (ASURMIC), a qual ajudei a fundar, no ano 2011 e atualmente sou membro. A outra é a Associação dos Surdos do Cariri (ASC), criada no ano

de 2001, por um professor surdo chamado Willer Cisne (de Fortaleza), porém, atualmente esta associação não tem atuação no município.

Estas associações têm regras estatutárias, entre elas devem sempre ter surdos na sua direção, para que possam representar os interesses da comunidade surda, incentivar o protagonismo e liderança surda em tais associações. Isso ocorre para preservar os interesses dos surdos, pois é muito importante a liderança surda nestas associações e ninguém melhor que o próprio surdo para definir prioridades nestas associações, assim o protagonismo surdo precisa ser preservado.

Diante de tudo isso, os surdos estão aos poucos encontrando o seu espaço na sociedade, podemos citar exemplos da área do esporte, acadêmica e mercado de trabalho. Na área de esportes atualmente há surdos medalhistas, atletas, jogadores de futebol, nadadores, tenistas, que fazem parte de federações esportivas de surdos como a Federação de Desportos de Surdos do Ceará (FDSC) e a Confederação Brasileira dos Desportos Surdos (CBDS) e no âmbito mais geral os Jogos Paralímpicos, em que as pessoas com deficiência, incluindo surdos, mostram seu potencial e talento nos esportes.

No mercado de trabalho e no âmbito acadêmico (nível de formação) são também perceptíveis muitas conquistas, cada vez mais os surdos melhoram o seu nível de escolaridade e acadêmico, atualmente há muitos surdos com formação superior (graduação, mestrado e doutorado), muitos já são professores universitários, com reconhecida produção acadêmica.

Bem como na política, que há muitos anos os surdos lutam por representação e conseguem mais espaço. Na cidade de Juazeiro do Norte, temos participado de muitas reuniões na Câmara de Vereadores, para cobrar do legislativo municipal ações que possam melhorar a acessibilidade linguística no município e os direitos das pessoas com deficiência.

Portanto, diante de todo o exposto, o que se busca principalmente é a construção da identidade surda e o seu reconhecimento. Pois, é quando o sujeito surdo se reconhece na sua diferença e especificidade linguística e cultural que ele “acorda” para lutar por seus direitos, sai do comodismo e consegue superar a ideologia ouvintista que apregoa que ele precisa se adequar a sociedade ouvinte, ou que ele é um ouvinte “imperfeito” (SKLIAR, 2011).

Pois como destaca Dutra e Santos (2010, p. 20) o modelo de sociedade que procuramos construir, desde meados do século XX, é o de sociedade inclusiva a partir dos movimentos sociais de luta contra todas as formas de discriminação sobre as pessoas com deficiência. Mas conforme o modelo de sociedade inclusiva não é a pessoa com deficiência que deve se adequar ao modelo de sociedade existente, mas a sociedade precisa mudar, se adaptar e buscar os meios que favoreçam a inclusão da pessoa com deficiência.

Diante disso, as práticas que buscam oralizar o surdo, obrigando-o a aceitar-se como um ouvinte imperfeito e que negam a existência da língua de sinais e da cultura surda não estão na direção de uma sociedade inclusiva. Pois incluir é integrar o indivíduo na sociedade do “jeito” que ele é, com as suas características próprias, pois na verdade só existe deficiência porque há barreiras na sociedade, são as barreiras linguísticas e atitudinais que impedem o surdo de se integrar e o torna um “deficiente”, mas não a surdez em si.

Retomando a discussão sobre a questão da identidade surda, para Santana (2007, p. 42):

Identidade é uma construção permanentemente (re)feita que busca determinar especificidades que estabeleçam fronteiras identificatórias com o outro, bem como obter o reconhecimento de sua pertinência pelos demais membros do grupo social ao qual pertence. É portanto, nessa relação com diferentes outros que o sujeito se constrói [...].

Segundo Skliar (1998) a noção de identidade surda está em constante construção e transformação, conforme o sujeito se afasta ou se aproxima da cultura surda ou da cultura ouvinte, embora a fluidez em que se apresentam as diferentes identidades surdas seja uma constante. O Quadro 1, nos apresenta um mapeamento das identidades surdas, suas designações e respectivas características. Segundo Skliar (1998), essas identidades podem ser definidas como:

Quadro 1 – Identidades surdas segundo Skliar (1998)

FLUTUANTE	Estão presentes onde os surdos vivem, e se manifestam a partir da hegemonia dos ouvintes.
INCOMPLETA	Surdos que vivem uma ideologia ouvintista, na tentativa de uma reprodução da identidade dominante (ouvinte).
TRANSIÇÃO	A passagem do mundo ouvinte, com representação da identidade ouvinte para a identidade surda no contexto mais visual.
HÍBRIDA	São surdos que nasceram ouvintes e com o tempo se tornaram surdos. Estes terão presentes às duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua oral.
SURDA	Faz uso da experiência visual dentro de um espaço cultural diverso, a identidade política surda.

Fonte: LIMA E CONCEIÇÃO (2018).

Conforme Skliar (1998), a identidade surda é algo mutável, em que os indivíduos surdos transitam em diferentes formas de identidade, sendo, portanto, mais adequado falarmos em identidades surdas, no plural, considerando os seus tipos e variações. Perlin (1998), como pesquisadora e militante surda, critica o saber ouvintista, ou seja, a compreensão do surdo na perspectiva do ouvinte, e ressalta as múltiplas identidades surdas: flutuante, incompleta, transição, híbrida e surda.

Estes tipos de identidades estão relacionados aos diferentes níveis de pertencimento e envolvimento com a comunidade surda e com o movimento surdo. Dessa forma, podemos estabelecer um marco divisório entre tais identidades, considerando-se que nas duas primeiras (flutuante e incompleta) o sujeito surdo vive um processo alienante, aceita a dominação ouvinte, a ideologia ouvinte, “pensa que poder ser igual ao ouvinte”, procura adaptar-se a sociedade ouvinte, não “cobra seus direitos” por não reconhecê-los.

A identidade de transição é o marco divisório, nesta fase, o sujeito surdo começa e percebe-se como tal, começa a perceber que é diferente, que “enxerga o mundo de forma diferente”, de uma perspectiva muito mais visual que auditiva. E se continuar nesse processo de transição, participando e integrando-se cada vez mais a comunidade surda, sua língua e sua cultura, pode conseguir completar sua identidade, tornando-se identidade surda (última etapa).

Já a identidade surda de transição diz respeito ao biculturalismo ou bilinguismo, pois é óbvio que o sujeito que nasceu ouvinte conheceu e fez parte da cultura ouvinte, tem a chamada memória auditiva, que pode o manter “falante”, ao torna-se surdo começa a perceber o mundo a partir de novas experiências visuais, num processo de transição para a cultura surda.

Por fim, a identidade surda diz respeito a situação em que o surdo supera os processos de ouvintização presentes na sociedade, se reconhece enquanto surdo, sujeito com língua e cultura construídas a partir das suas experiências visuais, participa da comunidade surda e do seu movimento político. Pois o que na verdade os surdos mais querem é ter sua identidade respeitada, ter uma vida social livre de qualquer preconceito, o que exige a continuidade da luta por espaço e direitos sociais, paciência e persistência, não podemos desistir de lutar.

Por isso os surdos têm procurado se organizar através de associações, fortalecer os movimentos em defesa dos seus direitos, buscam sua perspectiva linguística, organizam-se em torno da sua língua e dos seus interesses. Através das organizações de surdos demonstramos que também estamos preocupados com questões como trabalho, saúde, educação e lazer.

Nas associações e movimentos surdos somos protagonistas, podemos mostrar para a sociedade que somos capazes de construir a nossa própria história, através do lema: “Nada sobre nós, sem nós”. A cada ano o INTRA procura desenvolver atividades com os “deficientes

auditivos” da região do cariri a fim de acompanhá-los em seus rendimentos escolares, sociabilizá-los e atingir eventuais necessidades que venham a apresentar. O Instituto oferece alfabetização em Libras para crianças surdas, cursos básicos de Libras para familiares de surdos, aulas de teatro, artesanato, informática, esportes, acompanhamentos psicológicos e psicossociais. Porém, nos últimos anos, o INTRA vem passando por sérias dificuldades financeiras, pela falta de apoio do poder público aos serviços e projetos sociais que desenvolve.

Em 2011, com a criação da Associação de Surdos da Região Metropolitana do Cariri (ASURMIC), os surdos da região tiveram a oportunidade de fazer parte da sua diretoria, como voluntários, além disso, diversos surdos tiveram a oportunidade de se engajar na organização de ações e eventos voltados para a cultura, esportes, valorização da língua de sinais. Entre as ações desta associação destaca-se aquela de incentivo ao esporte, principalmente o futsal, a equipe surda de Juazeiro atualmente viaja para outros municípios do Ceará para disputar campeonatos e fazem parte da Federação Desportiva dos Surdos do Ceará (FDSC).

Através do esporte os surdos podem resgatar sua autoestima, melhorar sua fluência em Libras através do contato com surdos de outros lugares, além dos vínculos de amizade e companheirismo que são construídos, tudo isso, tem favorecido a inclusão social dos quase 15 mil surdos que fazem parte da população do município.

E continuando a destacar as conquistas da comunidade surda na região, é fundamental destacar a aprovação, no ano de 2016, do curso de licenciatura em Letras Libras da UFCA, *Campi* Juazeiro do Norte. Os profissionais formados pelo curso, conforme o projeto apresentado pela Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), atuarão diretamente na educação básica, como professores de Libras do ensino fundamental, médio e na educação superior mediante formação em pós-graduação. Dessa forma, o curso trouxe mais oportunidades para todos aqueles interessados na área, sejam surdos ou ouvintes, além de melhorar a qualidade dos profissionais que desejam atuar no ensino de Libras.

Tudo isso, tem contribuído para a superação da realidade vivida historicamente por muitos surdos no passado, descrita nas palavras de SKLIAR (2005).

As ideias dominantes, nos últimos cem anos, são um claro testemunho do sentido comum segundo o qual os surdos correspondem, se encaixam e se adaptam com naturalidade a um modelo de medicalização da surdez, numa versão que amplifica e exagera os mecanismos da pedagogia corretiva, instaurada nos princípios do século XX e vigente até nossos dias. Foram mais de cem anos de práticas engeguecidas pela tentativa de correção, normalização e violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos. (SKLIAR, 2005, p. 1)

Dessa forma, o que nós, comunidade surda queremos não é a “superação” da surdez, não é a visão da surdez enquanto deficiência, falha ou imperfeição, a sua correção ou medicalização, mas sim o reconhecimento da diferença surda, diferença que se reflete na sua língua e na sua cultura. É nesta perspectiva, que se desenvolveu toda esta pesquisa.

4 HISTÓRIAS SINALIZADAS SURDAS EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

Após pesquisar e compreender melhor a realidade histórica do campo de pesquisa, a cidade de Juazeiro do Norte e a Comunidade Surda, foi possível, enfim, planejar os passos da pesquisa que tem como base relatos de histórias de vida de indivíduos surdos, usuários da língua de sinais, sobre atitudes e situações de preconceito e discriminação vivenciadas no passado e no presente, quando em contato com a sociedade ouvinte. Nesses relatos, evidencia-se o preconceito contra a língua de sinais e a cultura surda, e as barreiras na comunicação, vivenciadas por muitos surdos usuários da língua de sinais. Tanto na família, como na escola e nos ambientes de trabalho, eles narram e descrevem situações em que não conseguem ser compreendidos, pois existe um desconhecimento, por boa parte das pessoas ouvintes tanto da língua quanto da cultura surda. O desconhecimento da Libras, inclusive por parte das famílias dos surdos gera inúmeras barreiras comunicativas, que provocam a dependência do surdo e as dificuldades em construir sua autonomia. No ambiente escolar, relatam atitudes de preconceito e despreparo por parte de professores e dos colegas ouvintes e das dificuldades diante de um ensino voltado para a maioria ouvinte. Nos ambientes de trabalho, ao narrar suas experiências profissionais, relatam também atitudes de preconceito e discriminação, ao serem julgados como incapazes e se envolverem em situações constrangedoras devido à falta de compreensão, por parte das pessoas ouvintes, da sua condição de surdo. Diante disso, esses relatos compõem um rico material descritivo da vivência do surdo na sociedade ouvinte.

Construir essa base de conhecimentos sobre os indivíduos surdos só seria possível através de registro gravado (entrevistas), porém, não de forma oral (forma apropriada para o ouvinte), mas sinalizada (forma adequada e com o devido respeito linguístico à pessoa surda). Definir essas experiências humanas, diferentes memórias, descrever relatos da sua vida pessoal e profissional, e assim proporcionar ao indivíduo surdo um diálogo com o seu próprio eu, a tomada de consciência sobre sua experiência, compreendendo sua trajetória de vida.

Através desses relatos de suas experiências no tempo, esses sujeitos surdos tentam reconstruir (através da memória) fatos e acontecimentos de sua vida, transmitir suas

experiências, enquanto narradores pertencentes a grupos sociais, como a família, a escola, seu bairro, seu meio profissional, enfim. Esse processo de relato e narração de suas histórias de vida permite o registro de tais fatos, tendo estes sujeitos surdos como testemunhas vivas de tais acontecimentos. Pessoas não só contam histórias, elas contam histórias para estabelecer vínculos com a sua comunidade, com o seu povo, assim, as histórias contadas e narradas pelo povo surdo da Região do Cariri também precisam ser registradas.

Ainda nesta parte final do presente trabalho de pesquisa apresenta-se a metodologia utilizada, com a descrição e caracterização da pesquisa, suas etapas, incluindo a coleta de dados e o Roteiro de perguntas para os entrevistados, transcrição parcial das entrevistas e a sua análise. Por fim, a proposta de elaboração do Produto da pesquisa.

4.1 METODOLOGIA

4.1.1 Descrição e caracterização da pesquisa

A presente pesquisa adotou como método principal a coleta dados por meio de entrevistas, tendo um quantitativo de três participantes surdos. Prezando pela ética na pesquisa científica, buscou-se preservar a identidade desses sujeitos, zelar por não divulgar nomes pessoais (utilizou-se nomes fictícios) ou quaisquer informações que não fosse de interesse da pesquisa. Através das entrevistas, o objetivo foi a compreensão da realidade social dos surdos, com base nos relatos de suas histórias de vida, buscando identificar as marcas do preconceito e da discriminação, com intuito de obter informações para embasar este trabalho de pesquisa, além de construir um registro da história desses surdos. Esses registros são para o pesquisador considerados documentos, que embasam seus argumentos e toda a discussão teórica anteriormente feita. Como afirma Luke e André (1986, p. 39) “[...] os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Representando ainda uma fonte “natural” de informação [...]”.

O campo de pesquisa é qualitativo baseado na dialética que, segundo Chizzotti (1991), busca a valorização da relação entre sujeito e objeto, ressaltando a “contradição dinâmica do fato observado e a atividade criadora do sujeito que observa as oposições contraditórias entre o

todo e a parte e os veículos do saber e do agir com a vida social dos homens.” (CHIZZOTTI, 1991, p. 80). A compreensão das atitudes de preconceito e discriminação social contra o surdo só é possível nesta perspectiva de visão do todo, o social, a sociedade, e os discursos de igualdade e justiça social que se contradiz com tal realidade, que se traduzem na dificuldade de aceitação da diferença surda, no agir e sentir dos pólos dessa relação, o sujeito surdo e a sociedade ouvinte.

Espera-se assim, obter informações que proporcione uma análise da condição do surdo diante de situações comunicativas com pessoas ouvintes, ao longo da sua trajetória de vida, frequentemente marcada pelo preconceito e discriminação nas diversas instituições sociais: família, escola, comunidade e trabalho.

A coleta de dados se deu através de entrevistas na perspectiva da história oral de vidas (OLIVEIRA, 2006; JOSSO, 2004), porém, por tratar-se de indivíduos surdos, utilizou-se a entrevista sinalizada com os sujeitos participantes. Nesse viés, Bogdan e Biklen (1994) afirmam que a entrevista é uma forma de coletar informações na linguagem dos próprios sujeitos, possibilitando uma compreensão da forma que estes sujeitos interpretam aspectos da realidade.

Quadro 2 - Caracterização de cada entrevistado

Entrevistado	Idade	Local de moradia	Dados pessoais (familiares)	Nível de escolaridade	Motivo da surdez	Participação em grupos sociais
Aurízio	34 anos	Bairro Salesianos	Filho de Pais ouvintes (já falecidos), tem 2 irmãos surdos, 4 irmãos ouvintes (um falecido) e 21 primos surdos. Atualmente mora com seus irmãos solteiros.	Ensino Superior	Consanguinidade (Surdez congênita)	Igreja e Associação de Surdos
Aurélio	39 anos	Bairro Lagoa Seca	Filho de pais ouvintes, tem dois 2 irmãos surdos, 2 irmãos ouvintes e 2 primos surdos. Atualmente mora com seu esposo surdo.	Ensino Superior com especialização.	Surdez congênita (causa não sabe exatamente, suspeita de consanguinidade)	Igreja e Associação de Surdos
Augusto	32 anos	Bairro Timbaúba	Filho de pais ouvintes, tem 2 irmãos surdos,	Ensino Médio	Surdez congênita; possível causa	

			2 irmãos ouvintes e uma prima surda. Atualmente mora com sua esposa surda.		catapora na gravidez (mãe) ou na sua infância.	Igreja e Associação de Surdos
--	--	--	--	--	--	-------------------------------

Fonte: Elaboração do autor, 2020.

4.1.2 Etapas da pesquisa e a coleta de dados

O desenvolvimento da pesquisa empírica se deu em três etapas, sendo elas: a coleta de dados (entrevistas sinalizadas), transcrição das narrativas sinalizadas para o português escrito e análise das entrevistas.

Os três sujeitos surdos entrevistadas são todos fluentes em Libras e pertencentes a Comunidade Surda do município de Juazeiro do Norte, mas tendo perfis distintos. Como dito anteriormente, com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados, utilizou-se nomes fictícios para identificá-los na pesquisa. O primeiro entrevistado, denominado Audízio, é aluno do curso de Letras Libras, possui 34 anos e tem aposentadoria do BPC; o segundo, Aurélio é professor substituto universitário, 39 anos; o terceiro, denominado Augusto, encontra-se desempregado, também recebe pensão do BPC e tem 32 anos.

Portanto, são perfis bem distintos perfis, embora todos do sexo masculino e pertencentes à comunidade surda local. A escolha por perfis distintos se deu justamente para contemplar a diversidade de situações comunicacionais entre surdos e ouvintes, contribuindo com a possibilidade de obtenção de dados diversos relativos às situações de preconceito e discriminação vivenciadas por estes indivíduos.

Quanto ao local das entrevistas, devido a pandemia do Covid-19, todas foram realizadas à distância, utilizando-se dos recursos da tecnologia digital, as plataformas zoom e google meet, o que permitiu aos sujeitos surdos entrevistados se sentirem a vontade para se expressarem naturalmente, considerando-se ainda a utilização de sua língua natural (L1), a Libras.

Ferreira-Brito (1995, p. 11-12) apresenta uma breve descrição linguística da língua de sinais brasileira incluindo, principalmente, alguns aspectos fonológicos e morfológicos. A autora menciona que o estudo de uma língua de modalidade visual-espacial pode afetar as

teorias linguísticas quanto aos preceitos teóricos, quanto à gramática ao se rever a noção de arbitrariedade, a noção de linearidade e a noção do que é central em uma determinada língua.

Portanto, as línguas de sinais surgiram da necessidade comunicativa das pessoas surdas e desenvolveram-se dentro das suas capacidades e possibilidades utilizando como canal comunicativo a visão, as mãos e as expressões faciais e corporais, o que em nada as diminuem em relação às línguas de modalidade oral-auditiva. Estas línguas não são representações das línguas orais, mas sim línguas naturais, surgidas no âmbito das comunidades surdas, que as mantêm e as repassam de geração em geração de grupos de surdos.

Como reforçam Quadros e Schimiedt (2006, p.13): “As línguas expressam a capacidade específica dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, os valores e os padrões sociais de um determinado grupo social.” Ou seja, através das línguas de sinais, apontadas por alguns estudiosos como a única em que os surdos têm possibilidade de pleno domínio, eles são capazes de expressarem todos os seus anseios, sentimentos e valores, possibilitando aos mesmos a construção de traços identitários e a manutenção da cultura surda.

Diante disso, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi a língua utilizada tanto pelo pesquisador (surdo) quanto pelos entrevistados durante as entrevistas. As entrevistas duraram entre 20 e 50 minutos e foram organizadas em 4 (quatro) blocos de perguntas (Apêndice A).

4.2 AS ENTREVISTAS COM OS SURDOS

A entrevista é uma técnica de coleta de dados muito utilizada nas pesquisas qualitativas, por ser considerada uma arena de significados (SILVEIRA, 2007). Neste processo cabe ao pesquisador estar atento não apenas as informações prestadas, mas a todo um contexto de expressões e posturas que possam contribuir para a análise e interpretação das informações. E em se tratando de uma entrevista mediada pela língua de sinais – Libras, estes aspectos tornam-se ainda mais relevantes. Pois como dito anteriormente as línguas de sinais se utilizam das expressões faciais e corporais, sendo este um parâmetro fundamental para a compreensão da mensagem.

As entrevistas foram importantes, porque permitiram aprofundar questões tratadas na discussão teórica, bem como relacioná-las e interpretá-las. Nesta perspectiva de “arena de significados”, como afirma Silveira (2007), as pessoas entrevistadas podem ser vistas como personagens, que saberão ou tentarão se reinventar como autores ou autoras de suas histórias, e assim, apresentam as suas “experiências culturais, cotidianas, os discursos que os atravessam

e ressoam em suas vozes”. Ademais, para Silveira (2007), nas entrevistas, enquanto produções discursivas há espaço para outro personagem: a pesquisadora ou o pesquisador.

Gaskell (2014, p. 73) caracteriza as entrevistas como “um processo social, uma interação ou empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca”.

Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Com respeito a isso, tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento. [...]. Deste modo, a entrevista é uma tarefa comum, uma partilha e uma negociação de realidades. (GASKELL, 2014, p. 73)

Conforme afirmam os autores citados, foi importante um trabalho de entrevista com sujeitos surdos tendo como pesquisador também um indivíduo surdo, pois a entrevista requer a interação, não é uma “via de mão única”, diante do pesquisador surdo, os surdos entrevistados puderam ficar inteiramente à vontade para relatarem fatos de suas vidas, muitas vezes pessoais, que dificilmente iria expor diante de pessoas “estranhas”.

Apesar disso, foi natural os surdos sentirem-se um pouco nervosos ou preocupados se iriam compreender as perguntas, mas foram muito solícitos, generosos e compreenderam bem, de modo geral, todas as questões contidas nas entrevistas.

Conforme Gaskell (2014, p. 82):

[...] a entrevista individual ou de profundidade é uma conversação que dura normal entre uma hora e uma hora e meia. Antes da entrevista, o pesquisador terá preparado um tópico guia, cobrindo os temas centrais e os problemas da pesquisa.

Neste sentido, a partir do tópico guia ou roteiro de entrevistas (Quadro 3) foi possível realizar várias outras perguntas, de forma tranquila e informal, tentando deixar os surdos confortáveis para expor suas realidades vividas e assim, contribuir com informações relevantes para a pesquisa. No Quadro 3, encontra-se o registro dos dias e o tempo de duração das entrevistas.

Quadro 3 - Informações das entrevistas com os surdos

DETALHES DAS ENTREVISTAS			
SURDOS	DIA	QTIDADE DE VÍDEOS	TEMPO DE DURAÇÃO TOTAL

Entrevista A – Estudante/ Aposentado	29/05/2020	1	43:44
Entrevista B – Professor	30/05/2020	1	41:38
Entrevista C - Aposentado	03/06/2020	1	25:11

Fonte: Elaboração do autor, 2020.

4.3 SUJEITOS SURDOS E O MUNDO QUE SE APRESENTA

A transcrição das entrevistas que serão apresentadas a seguir não estão na sua íntegra, por conveniência e adequação à pesquisa acadêmica, foi feito o registro escrito (transcrição das entrevistas em Libras para a língua portuguesa escrita) apenas dos fragmentos considerados mais importantes e relacionadas ao tema proposto.

4.3.1 Marcas do preconceito e discriminação em histórias sinalizadas surdas

Assim como qualquer pessoa, as pessoas surdas são marcadas historicamente, num atravessamento de múltiplos discursos. Assim são os “discursos” dos pais e familiares dos surdos, os “discursos” ditos e repetidos por professores e diretores das escolas em que o surdo estudou, os discursos das “autoridades” políticas e educacionais, enfim, os discursos que “ouvimos” ou conhecemos da sociedade. Estes discursos vão se construindo e fazendo com que o indivíduo surdo assuma diversos papéis sociais, além da influência que tem sobre a sua cultura e identidade.

As entrevistas realizadas a partir deste trabalho de pesquisa buscaram a compreensão desses discursos, que muitas vezes traduziram-se em atitudes e ações, que se refletem até hoje nas histórias de cada um destes sujeitos surdos, aqui relatadas por um indivíduo surdo estudante e aposentado do BPC, um professor surdo e um indivíduo surdo desempregado.

(Entrevista A):

Meu nome é Aurízio, meu sinal é esse (fez o sinal que o identifica). A minha surdez é congênita, moro em Juazeiro do Norte-CE e estudo à noite na Universidade Federal do Cariri - UFCA. Tenho irmã surda, porque meus pais são primos, além de minha irmã tenho vários parentes e primos 20 (vinte) surdos. Na nossa vivência familiar, eu e minha irmã surda conversávamos com gestos, mas a minha mãe mandava que nós, irmãos surdos, fossemos

treinando a fala e ir ao fonoaudiólogo. Mas a nossa comunicação se dava mais por gestos e sinais caseiros.

A primeira escola em que estudei era municipal, era uma escola regular, lembro que meus colegas eram todos ouvintes, apenas eu surdo. Com o tempo fui me adaptando, lembro de uma professora que “passava” ditado, com uma metodologia tradicional, na época, não havia a Lei de Libras, tínhamos que aprender mais português e “falar”. Recordo-me que a professora às vezes falava alto, e às vezes baixo, parecendo prosódia. Deram-me um livro e disseram: “você pode falar melhor”, de fato, este livro me ajudou na oralização, mas só aprendi coisas básicas. Aprendi coisas simples, como pronunciar as palavras: PATO, SOL, LUA, SAPATO, PÉ.

Recordo-me de dias que me causaram trauma, não entendia nada que uma professora explicava, espera ansioso o recreio para ir lanche e brincar com os alunos ouvintes. Certa vez, fiquei muito angustiado, pois não percebi o “toque” do recreio, mas segui os colegas em fila para a merenda, cheguei e recebi o lanche, mas não queria comer, me sentia enjoado, uma professora viu, chamou minha atenção e queria me obrigar a comer tudo, me puxou pela orelha, enquanto isso, os alunos olhavam para mim, achei que eles estivessem rindo ou zombando de mim. Fiquei com muita raiva da “desgraçada” da professora, pois achei que ela agiu com preconceito comigo. Pensei em desistir daquela escola municipal, não voltar mais, estava sentindo uma grande insegurança, pois não sabia o que ainda me esperava.

Aos 12 (doze) anos, mudei para a APAE (Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais) de Juazeiro do Norte. Foi lá que tive o primeiro contato com a língua de sinais, comecei a ter contato com outros surdos e aprender os sinais, contribuindo para a construção da cultura surda. Aos 13 ou 14 anos comecei a aprender um pouco mais de português, começava escrita em português, mas sinceramente sentia muita preguiça de estudar e gostava mais de conversar usando a língua de sinais, brincar, contar e saber novidades.

Certa vez, alguns professores me entregaram um papel escrito, que eu entreguei para minha mãe, sem saber o que estava escrito ali, pois não entendia o significado e contexto das frases, no bilhete dizia que eu não estava estudando e desenvolvendo a aprendizagem, ela ficou com muita raiva ao ler o bilhete e me bateu, sem explicar nada, pois não havia diálogo. Mas mesmo diante dessas dificuldades, queria ser um surdo líder e empoderado, queria estudar e desenvolver.

Mas minha vida na escola e na família não ia bem, avisava a minha mãe que ia para a APAE, mas na verdade ia passear na rua, procurar diversão, pois não havia ninguém me observando, sabia o horário que a aula terminava e procurava disfarçar ao chegar em casa.

Infelizmente eu repeti seis vezes a 1ª série, no período de 1997 a 2003, outros surdos também estavam na mesma situação e não aceitavam tanta reprovação, então a Coordenadora pedagógica da APAE resolver aceitar que os surdos passassem da 1ª para 2ª série.

Na APAE a metodologia utilizada nas aulas era a TEACH (Tratamento e Educação para Crianças com Autismo e Distúrbios Correlatos da Comunicação), este método organiza o ambiente físico, por meio de rotina-painéis, para que a criança aprenda com mais facilidade, essa metodologia de ensino diferente, é um método educacional que visa facilitar a rotina e aprendizagem escolar. Percebi que a APAE era uma boa escola, lá fazíamos diversas atividades: brincadeiras, esconde-esconde, artes e etc. Não havia preconceito, havia respeito à diversidade, ficava feliz com o contato com os surdos e me sentia seguro.

Mas soube que o Instituto Transformar (INTRA), era uma escola bilíngue para surdos, que tinha o objetivo de incentivar a aprendizagem da Libras e também tinha reforço para as disciplinas escolares, estava matriculado no CEJA de Juazeiro, e pensei que pudesse ficar estudando no CEJA e tendo o estudo de reforço no INTRA. E assim fiquei com duas matrículas e ainda trabalhava. Não sabia ainda ao certo o significado do termo bilíngue e nem tinha conhecimento da lei de libras.

Não tinha uma ideia clara da importância de uma instituição bilíngue, apenas achava que estava fazendo o que devia, estudar, mas logo começou a ser divulgado que as escolas bilíngues iriam acabar e todos surdos deveriam ir para a inclusão na escola comum. Quando comecei na inclusão, acreditava haveria a valorização de todos, mas infelizmente não é isso, há uma desvalorização das diferenças ainda hoje na escola.

Conheço surdos que se desenvolveram bastante e chegaram a se tornar profissionais ao estudarem em escolas bilíngues, que tem metodologia de ensino apropriada para o surdo, estimula a aquisição da língua de sinais, contribuindo bastante para sua cultura e identidade surda. Eu sabia que havia faltado muitas aulas e pensava que estava muito atrasado, por causa da minha idade, mas na verdade idade não tem importância.

O que queríamos era que o INTRA se tornasse uma bilíngue para surdos, no modelo do ICES (Instituto Cearense de Educação de Surdos) de Fortaleza e ou do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) do Rio de Janeiro. Pois nas escolas bilíngues os surdos participam e tem contato com a cultura e a identidade surda, o que torna acessível a aquisição da língua de sinais. Os serviços prestados pelo INTRA foram muito importantes para a comunidade surda, o INTRA tornou-se um espaço de encontro da comunidade surda, de discussão de assuntos diversos de interesse desta comunidade, além dos vários cursos já ofereceu, principalmente difundindo a língua e a cultura surda.

Com relação as minhas experiências de trabalho, cito a minha experiência na Loja C&A, quando soube que lá havia duas vagas de emprego para pessoas com deficiência, fiquei um pouco indeciso, mas lembrei que precisava ajudar minha família, que tinha dificuldades financeiras. Então resolvi trabalhar, tentar essa vaga na Loja C&A. A minha admissão aconteceu depois de uma conversa que tive com o gerente da loja, mediada por um intérprete de Libras que me acompanhava. O gerente pediu para ver o meu currículo, mas eu não tinha currículo, aí então o gerente decidiu por uma entrevista. Perguntou se eu tinha interesse em trabalhar na loja, eu disse que sim, que queria mudar o rumo de minha vida, conseguir acessibilidade e que buscava várias estratégias. O gerente ficou admirado e me aceitou na vaga. Mesmo assim, ele demonstrou está ainda inseguro, com relação a minha capacidade, porque seria a primeira vez que a loja admitia um surdo, mas eu “falei” confie em mim.

Fiquei feliz em poder trabalhar na Loja C&A estava realmente precisando de uma mudança em minha vida, porém logo percebi que os funcionários não sabiam Libras, me senti um pouco angustiado e pensei: será que vou ter enfrentar aqui também barreiras na comunicação, pois desde a minha infância sofro com esta realidade, e pensei até aqui também será assim. Tentei me comunicar com eles através de leitura labial, ensinei também alguns sinais para alguns deles para se comunicarem com surdos, usei até o português sinalizado e às vezes gestos, mas tudo isso me fazia lembrar dos meus traumas.

Posso ainda citar coisas que aconteceram no trabalho que identifico como atitudes de preconceito. Foi a primeira vez que isto aconteceu comigo, sei que você pode até rir de mim, da minha angústia. Tinha um colega de trabalho o qual sempre trabalhávamos juntos, resolvíamos as coisas juntos, até que um dia, de repente, um vigilante disse que já havia percebido e perguntou se nós éramos namorados? Então eu falei: qual o problema? Não sabia ao certo o significa desta expressão, havia um colega do meu lado que ficou surpreso, observei que havia também outros funcionários que riam alto, percebi que eles estavam rindo de mim, fiquei muito angustiado, e pensei: será que disse algo errado, pois não sei o significado exato do que disse, então fiquei confuso se falei certo ou errado. Quando cheguei em minha casa e resolvi fazer uma pesquisa no Google, pesquisei o significado da expressão “Qual o problema”, mesmo assim não consegui entender, então resolvi perguntar a um colega intérprete, que me explicou, disse que significava “Quero sim, problema meu.”, senti vergonha e pensei não usarei mais estas palavras.

Outra vez aconteceu, eu e meus colegas funcionários estávamos juntos tirando fotos, nós surdos gostamos muito de fazer selfie, fazer o sinal “ILY” (significando a expressão em inglês “I love you”, e às vezes também usamos o sinal “V”, eu prefiro “ILY”, então o que

aconteceu, eu o fiz sinal “ILY”, um colega funcionário me viu eu fez o mesmo sinal, e depois me perguntou o que significa isso? Mas eu não sabia explicar claramente o que significa, então pensei: vou pelo menos tentar, fiz novamente o sinal “ILY”, e falei lentamente “Eu amo você”, e ele começou a rir de mim, mais uma vez eu não entendi o porquê “daquele riso”, me angustiei demais, outros funcionários ficaram querendo saber porque ele estava rindo. Uma das funcionárias explicou para eles o sinal que fiz, falando lentamente “Eu amo você”, eles também começaram a rir, fiquei com muita vergonha e angustiado com aquela situação.

Mas eu sabia que eles gostavam de mim e me admiravam porque sempre fui muito responsável, cuidava bem da rotina da loja, cheguei a receber título de líder, ganhar dinheiro extra e até bônus. Certo dia um gerente chegou até mesmo a me dar dinheiro para ir ao supermercado, para comprar alimentação, eu não quis receber aquele dinheiro, mas ele disse, não se preocupe, eu confio em você.

Mas, voltando ao que aconteceu quando tirávamos fotos, eu não entendi porque eles riam de mim? Será minha fala errada ou minha voz diferente? Percebi que ali havia atitudes de preconceito, pois ninguém me disse nada sobre isso, nem uma dica se quer, pois assim eu poderia mudar alguma coisa. Tudo isso me fez se sentir desafiado a estudar e aprender mais português, o significado das palavras e expressões, pois de qualquer forma o surdo é um indivíduo bicultural, que tem contato tanto com a cultura surda como ouvinte. Pessoas surdas que usam a língua de sinais não são apenas bilíngue, são também biculturais.

Ainda com relação ao preconceito, ele aparece quando uma pessoa ou indivíduo não gosta da outra, pensa em atitudes como matar, isso pode acontecer com pessoas LGBT, de outra religião ou cor, quando falta a empatia e o respeito ao ser humano. Por isso acho que o preconceito não vai diminuir, ele acontece todo o dia. Lembro de uma vez em que eu e um colega surdo íamos para escola, estudávamos em uma escola estadual à noite, as aulas começava às 19h e andávamos conversando em Libras, de repente, crianças ouvintes começaram a olhar para nós e zombar, percebi que eles comentavam sobre isso, mas achei melhor deixa pra lá, mas não foi simples, as crianças insistiram, uma delas pegou uma pedra e jogou em meu peito e doeu bastante, então isto foi preconceito. Senti angústia e dor no meu peito, mas preferi aguentar, ainda tive vontade de surrar aquelas crianças ou processar os pais deles, mas sei que crianças não têm entendimento, além disso, pensei, isso é falta de educação, seus pais não ensinam a ter respeito pelas pessoas. Então, minha vida teve muitos traumas, óbvio que isso é causa preconceito que aconteceu várias vezes, sob diferentes formas.

Com relação à discriminação, acho que tem um significado diferente de preconceito, a discriminação é mais pesado e forte que o preconceito, às vezes leva a ideia de matar o outro,

já o preconceito acontece todos os dias. Por isso, acredito que nunca sofri discriminação, só preconceito. Lembro ainda quando estudava no PROJOVEM (Programa Nacional de Inclusão de Jovens), pois precisava fazer supletivo, por causa minha idade atrasada. Certa vez precisei fazer prova, tinha acompanhamento de intérprete de Libras, mas a professora não queria aceitar o intérprete acompanhar a prova, mas eu não queria aceitar sem intérprete, pois apenas ele podia esclarecer as questões para mim, na minha língua. Fiquei também muito angustiado com está situação, mas não soube defender os meus direitos, já estava acostumado a calar e aceitar, mas disse para ela que precisava do intérprete, da minha língua de sinais, e ela disse vá aprender a ler e escrever e fazer sua prova. Percebi que a professora não confiava no intérprete ou tinha pensamento tradicional, não conhecia a cultura surda.

Já conversei sobre isso com Mardônio, que é uma liderança surda, que eu não sabia defender os meus direitos e isso me deixava péssimo, e ele me disse algo impactante, que isto me fazia uma presa fácil para a sociedade, para o preconceito.

Em 2011, viajei para a cidade de Petrolina, no Pernambuco, para um encontro de jovens, lá fiz novos amigos surdos, percebi que eles tinham autoestima e me sentia às vezes negativo, às vezes positivo, mas aprendi muito com eles, principalmente a ter coragem, a enfrentar o preconceito da sociedade, que como falei antes nunca vai acabar, acontece todos os dias, como algo normal. Em outra viagem para Pombal, na Paraíba, no ano de 2009 ou 2010, para visitar meus primos, encontrei vários surdos, mais de vinte, vi que eles conversavam naturalmente e com fluência em Libras, não era gestos e nem mímica. E pensei, como me atrasei, se morasse em Pombal com certeza estaria como meus primos surdos, mas minha mãe teve motivos para mudar para Juazeiro do Norte-CE.

Por fim, ainda bem que estudei na APAE, pois foi lá que comecei contato com a Libras, se não fosse isso talvez ainda hoje utilizasse gestos e não conheceria a Libras.

(Entrevista B):

O meu sinal é esse (fez o sinal que o identifica). Meu nome é Aurélio, nasci surdo e morava em Fortaleza com meus pais, tenho 5 irmãos e entre estes, dois surdos. Quanto a causa da minha surdez, não sei explicar claramente, pois minha mãe nunca havia explicado sobre isso, mas meu irmão ouvinte me explicou que quando a minha mãe estava grávida aconteceu uma briga com o seu esposo que a empurrou, outra hipótese é haver algum parente meu distante que também seja surdo ou ainda alguma enfermidade na gravidez.

No início da minha escolarização minha mãe, preocupada, procurou uma escola regular próximo a minha casa, não havia intérprete de Libras, meus colegas eram ouvintes e eu não conhecia Libras e nem tinha contato com surdos. Depois mudei para outra escola, Instituto Fillipo Smaldone, particular, tinha surdos e ouvintes juntos, na época eu não me preocupava muito com o futuro e nem com o meu desenvolvimento, mas gostava da escola, por ter contato com outros surdos.

Com relação a questão do preconceito, posso relatar sobre a inclusão na escola regular, em que a comunicação ficava muito difícil para mim, não havia intérprete, eu era o único surdo da sala, e muitas vezes meus colegas ouvintes me provocavam, riam e zombavam da mim, mostravam o botão da camisa, insinuando palavrão para mim, na sala de aula também, jogavam bolas de papel nas minhas costas e até na minha cabeça, eu, tímido, não reagia e ficava triste e angustiado. Cheguei a pedi a minha mãe para não ir mais para a escola, mas ela disse que eu precisava continuar a estudar, e eu aceitei calado, sentia saudade do Instituto Fillipo, pois gostava do contato com outros surdos, das aulas, e respeitava os professores, mas lá só tinha até a 4ª série, e eu já havia passado desse nível.

Por isso mudei para uma escola regular, sem intérprete. Senti muitas dificuldades, não sabia ler em português, nem responder as provas, não sabia o significado das questões e nem explicar o que aconteceu, mas a professora me deixava passar de ano mesmo assim, não entendia se isso podia ou não. Acho que ela permitia que eu passasse por me achar incapaz ou ter pena de mim. Além disso, minha mãe sempre conversava com ela e acho que pedia que ela aceitasse eu passar.

Já estava com 15 anos e não tinha muita liberdade para sair, praticamente apenas saía para ir à escola, mas eu queria ser livre para andar na rua, ter contato com os vizinhos, abrir a minha mente, mas minha mãe não permitia. Lembrava da época em que estudei no Instituto Fillipo e do quanto me desenvolvi quando estudei lá, só depois de muito tempo soube da existência do ICES de Fortaleza, pois não tinha acesso a informações, apenas frequentava a igreja católica todos os sábados e não sabia o valor e a importância das coisas antes de aprender Libras.

Tive quatro experiências profissionais, a primeira delas foi na ADAPA (Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos), depois fui voluntário da APAE, trabalhei ainda na biblioteca do Centro Cultural Dragão Mar, na organização e limpeza dos livros (antigos), mas o salário era pouco. Como estudava no ICES, lá foram divulgadas vagas na Fábrica Fortaleza, eram 30 vagas, fiz uma entrevista no RH e fui chamado, lá trabalhei por 10 anos. Quando meu esposo mudou para Juazeiro do Norte, para trabalhar como docente na UFCA, campus

Juazeiro, achei que precisava acompanhá-lo, em Juazeiro trabalhei como professor de Libras de uma escola municipal e depois passei em seleção para professor substituto do IFCE de Juazeiro do Norte. Decidi então ficar no IFCE, assim tive experiência em muitas áreas diferentes.

Com relação a minha experiência na Fábrica Fortaleza, a principal dificuldade que tive foi com relação a falta de comunicação e o preconceito por parte de alguns funcionários. Trabalhava no Cento Médico M. Dias Branco (Fábrica Fortaleza) no Eusébio, certa vez um médico velho me mandou que pegar umas caixas de chocolate, um vigilante me viu pegando as caixas, aproximou-se de mim e me pegou com força pelo braço esquerdo, tomei um susto, entendi que ele disse que eu não podia entrar ali, mas eu tinha como explicar e fiquei muito angustiado.

Outro dia, também no Centro de Médico me mandaram entregar uns papéis em outro setor, eu estava com o protocolo em mãos, procurei o outro setor, vi algumas placas com um letreiro, mas tinha dificuldades com a leitura, abri uma das portas, e antes de entrar um vigilante me viu, caminhou rápido em minha direção, pegou no braço com força e disse não pode entrar, este setor é particular e superior. Me senti constrangido e angustiado por não poder esclarecer a situação, por isso acho que falta respeito a condição do surdo, é como se o surdo fosse pior que as outras pessoas.

Diante de tudo isso comecei a ficar com medo de ser demitido. Um colega surdo chegou a me advertir dizendo “tenha cuidado”. Fiquei angustiado, com medo e confuso se realmente seria demitido. Então tudo isso aconteceu comigo quando trabalhei na Fábrica Fortaleza, não conhecia alguns setores e havia muita falta de informação para nós surdos, tudo isso me marcou bastante, até hoje reflito sobre isso e penso se foi inocência minha ou não.

Não tínhamos acesso às informações, as regras da fábrica em Libras, se fosse assim tudo ocorreria de forma mais segura para o surdo. Por isso passei por essas experiências difíceis na minha vida, duas vezes que aconteceu ser pego pelo braço, falta mais respeito ao surdo. Outro fato que me marcou ainda na fábrica foi quando tive que pegar o elevador e havia uma senhora funcionária lá, ao me ver entrar ela pegou rapidamente em meu crachá querendo saber alguma coisa, tomei um susto, não entendi o porquê da sua atitude e pensei que ela fosse avisar alguma problema para o RH, mais uma vez pensei ela vai querer minha demissão. Falta muito a educação por parte das pessoas, por que funcionária diretora pega meu crachá de repente. Depois perguntei alguns funcionários porque a senhora diretora geral havia pegado de repente em meu crachá, mas ninguém soube explicar e aquilo me deixou muito triste.

Outra situação que posso citar desrespeito ao surdo, sua língua, foi quando participei de uma reunião com os funcionários da Logística, sem intérprete de Libras, então porque convidar funcionários surdos, se não tem intérprete? Lembro que não consegui entender nada, um chefe explicava informações importantes sobre o trabalho e área de logística. Perguntei a um colega funcionário o que era o assunto e ele disse “é logística”, perguntei outra vez, o que o chefe estava falando? Ele respondeu em uma palavra, sem dar detalhes ou resumiu, não entendi nada, fiquei muito angustiado.

Mesmo assim, continuei a trabalhar, tinha muitas dúvidas, às vezes perguntava aos colegas funcionários, mas eles sempre diziam: espere um pouco, estou ocupado. Vi também que alguns funcionários usavam seu celular particular normalmente e às vezes conversavam. Acho que se sentiam confiantes, por ter boa leitura e escrita, confiavam. Mas quando um dia um funcionário entrou no meu setor e conversou comigo, um chefe do setor veio me avisar que não era permitido conversar no trabalho, não entendi porque os outros funcionários podiam conversar com os colegas e eu não, isso me deixava triste e achei que fosse preconceito com a minha condição de surdo.

Quando outro foi marcada nova reunião com funcionários, não queria participar, mas um chefe me mandou avisar que era obrigatório minha participação, então para não ficar só sentando sem compreender nada, resolvi gravar o que o pessoal falava. Depois procurei um intérprete para ouvir os áudios e me explicar o que disseram, então segundo ele disseram: “Aurélio (como sou conhecido) é muito preguiço, não sabe trabalhar e não fazer nada”.

Me senti bastante magoado ao saber disso, senti um forte preconceito contra minha pessoa, porque pensei: porque eu? Diante disso, em outra reunião, por influencia de um colega, derramei água na mesa, mas depois constatei que estava errado e pedi desculpas a alguns funcionários. Depois, um superior da fábrica quis me promover, mas eu disse que não queria mais promoção, porque não tinha experiência com a língua portuguesa e estava me sentindo inseguro, e tempos depois pedi minha demissão. Então, o que ficou para mim é que a Fábrica Fortaleza é um bom lugar para trabalhar, mas o problema é o preconceito das pessoas e a falta de respeito ao surdo.

Eu comparo a situação do surdo igual preconceito do branco contra o negro, o branco pensa negro é inferior, então igual o ouvinte contra o surdo porque ele tem dificuldade comunicação, pensam ainda que o surdo é incapaz, preguiço, não fazem nada e não sabem trabalhar. Lembro que eu e meu colega estávamos trabalhando em cargos iguais, pouco tempo depois ele foi para área administrativa.

Assim, o preconceito não fácil de acabar, é como semente que brotou da terra cresceu e vai demorar, porque cito ainda acontecimento da minha infância, era muito amigo de um dos meus primos, brincávamos juntos e não havia diferença, depois que crescemos ele me vê e diz apenas “oi”, eu sei que ele pensa que sou incapaz e não quer mais minha amizade e me sinto muito angustiado.

Mas acho que algumas ações podem mudar essa realidade, se as escolas municipais tivessem um currículo com a implementação da disciplina de Libras, da mesma forma que tem disciplina de Inglês, poderia acabar o preconceito com o surdo e sua língua, pois haveria mais informação para a sociedade. O trabalho da associação dos surdos de Juazeiro do Norte também ajuda a diminuir o preconceito pois divulga informações importantes para a sociedade.

Mas apesar de tudo, percebo que aos poucos o preconceito vem diminuindo na sociedade, o que depende da consciência de cada um, porque maioria da sociedade não tem conhecimentos sobre os surdos, a lei de implementação da disciplina de Libras nas escolas municipais de Juazeiro do Norte ainda não aconteceu na prática, bem como a criação da escola bilíngüe para surdos, tudo isso é fundamental pois aquisição da língua de sinais pelas crianças surdas e o seu conhecimento pelas crianças ouvintes, interfere na cultura e na identidade surda como L1 (língua natural) e escrita de português como L2.

(Entrevista C)

Meu nome é Augusto, meu sinal é esse (fez o sinal que o identifica). Fiquei surdo ainda criança, minha mãe chamou meu nome e percebeu que eu não escutava, então me levou ao médico e o exame comprovou que fiquei surdo aos quatro anos, porque tive catapora. Tenho irmãos surdos e um irmão ouvinte, tenho também parentes surdos, três primos surdos que moram em Juazeiro do Norte e São Paulo, eu nasci e sempre morei em Juazeiro do Norte-CE.

Iniciei minha vida escolar em escola especial, a APAE, no ano 2000, mas somente aos 10 anos comecei a aprender algumas palavras, nomes de objetos, o português escrito e oralização e a ter contato com surdos. Depois de anos que mudei para E.E.M. José Bezerra de Menezes, uma escola estadual regular, durante as aulas percebi que alguns alunos ouvintes tinham preconceito, faziam gestos para mim, “orelha como burro” e riam tentando provocar. Mas eu não me perturbava com isso, e pensava no mais importante, a minha escola e a inclusão, mas sabia que a relação entre surdos e ouvintes na sala de aula é difícil.

Eu procurava ter uma boa relação na família e na escola, minha mãe não se preocupava, ela sabia que eu era responsável e fazia minha obrigação, ela não me estimulava a ir para a escola e nem se preocupava com a minha adaptação, percebi que a minha vida continuava a mesma coisa, uma rotina comum.

Com relação as minhas experiências profissionais, gostei de trabalhar como pedreiro e serviços de eletricidade doméstica. Porém, meu primeiro trabalho formal foi como auxiliar na farmácia Pague Menos de Juazeiro do Norte. Fiz uma entrevista com o gerente, ele fez várias perguntas, perguntou em que eu desejaria trabalhar, fazer o quê? Eu respondi que não queria trabalhar como serviços gerais, por exemplo: lavar banheiro, limpar sujeira na farmácia. Ele aceitou, mas só iria começar no outro dia, pois faltava o meu exame sangue, para dar direito a vaga. Mas certo dia, depois que um funcionário conversou com o gerente, ele veio e me mandou lavar os banheiros e limpar dentro farmácia, que angústia, lembrei que na entrevista havia dito que não gostava desse serviço.

Por isso senti que foi preconceito por eu ser surdo. Vi que uma moça com deficiência física trabalhava como serviços gerais, mas foi promovida para trabalhar no caixa. Outra vez aconteceu uma moça negra zombou de mim porque percebeu que eu não sabia escrever corretamente “o português”, ela me perguntou qual série eu fazia, eu falei que estava no 3º ano do ensino médio. Então ela ficou admirada e perguntou como não sabe escrever? Mas eu não quis explicar, conversar e preferi deixar ela cuida da vida dela, mas fiquei triste e angustiado.

Certa vez, eu e outro funcionário surdo da farmácia conversávamos um pouco, aproveitando fluência e conhecimento Libras, uma moça que trabalhava no caixa ficou nos observando e ligou para o gerente, pouco tempo depois ele desceu e avisou que não podia conversar no serviço. Mas falei que tudo bem, fiquei pensando como o gerente soube que conversávamos? Sabia que foi a moça do caixa que havia avisado, então resolvi perguntar para ela: “porque você avisou ao gerente?”, e ela disse não posso conversar com surdo, porque não entendo nada e vai atrapalhar o serviço, mas se fosse conversa com ouvinte podia porque não ia atrapalhar nada. Então, existe o preconceito contra o surdo, quando pensam que o surdo não tem capacidade profissional, por exemplo.

No passado não sofri tanto preconceito, mas ele nunca deixou de existir em minha vida, até hoje existe, pouco tempo atrás fui fazer uma compra em uma loja, e como não sou oralizado e o funcionário não sabia Libras precisei escrever o nome do produto que queria, mas escrevi errado, o vendedor falou que leu, mas não conseguia entender, travou e ficava com “ar de

riso”. Então todas estas situações são muito angustiantes e constrangedoras para o surdo, se as pessoas conhecessem os surdos e tivessem mais atenção a sua língua isso nos deixaria feliz.

Minha vida familiar também foi muito difícil, meus pais não confiavam que eu saísse para a rua, apenas meus irmãos ouvintes ficavam livres para isso. Quando eu tinha 8 anos de idade ficava muito angustiado com isso, quando um surdo amigo meu chamado Saulo vinha me chamar para o futsal com outros surdos, eu pedia para ele esperar e ia pedir para minha mãe, e ela dizia: “primeiro pergunte ao seu pai”. Pedi então para ele, mas ele não aceitava eu sair. Ficava muito triste, com o coração partido. Outro dia, estava com muita raiva, e resolvi fugir pela janela, pulei e fugi ao encontro dos meus amigos surdos. Mas meu pai soube que eu havia sumido, quando cheguei casa ele me bateu e me castigou.

Então eu questionava, dizia para meu pai, porque meus irmãos ouvintes podem sair e eu não posso, e ele respondia: “porque eles escutam e falam normalmente e você surdo não escuta, então você fica em perigo, não escuta o barulho dos carros, pode acontecer um acidente ou outras coisas, por isso deve ficar em casa”.

Meu pai comprou um cadeado e colocou na janela que dava para a rua, para evitar que eu fugisse, aquilo me deixou com muita raiva, eu já tinha 15 anos e resolvi pegar uma barra de ferro e quebrar o cadeado da janela, então mais uma vez, fugi e fui encontrar meus amigos surdos, me sentia feliz entre eles e conversávamos novidades. Quando cheguei em casa, meu pai me bateu dizendo que eu era teimoso, tentei dizer pra ele que não houve nada, não me envolvi em nenhum acidente, mas não adiantava e continuou me batendo.

Depois de alguns dias meu pai me mandou cuidar de seis pássaros, disse que eu deveria dar a alimentação dos pássaros, mas eu falei que só cuidaria dos pássaros se ele aceitasse meu futsal com meus amigos surdos. Mas ele não aceitava e me mandava cuidar dos pássaros, então começou outra vez me bater e eu resolvi reagir e briguei com meu pai. Não achava justo “apanhar” e receber castigo por sair da casa, se meus irmãos ouvintes eram livres para isso.

Até que um dia comecei paquerar uma moça chamada Simone (surda), resolvi fugir com ela, fui até a casa da minha avó, mãe de meu pai, contei tudo para ela, que meu pai me batia e me castigava, que meus irmãos ouvintes podiam sair e eu vivia preso, que achava que ele tinha preconceito por eu ser surdo. Disse que estava cansado de briga, que queria apenas o meu direito de viver a vida igual as outras pessoas, que queria estudar, ter contato com meus amigos surdos, me desenvolver e ficar com quem gostava, Simone.

Tudo aquilo me deixava envergonhado, já tinha 22 anos e aquela situação era um constrangimento para mim. Então assim me atrasei bastante, perdi a oportunidade de desenvolver, na interação e contato com meus amigos surdo.

4.3.2 Análise dos dados das entrevistas

Para a análise dos dados das entrevistas busquei nesses relatos as “marcas” do preconceito e da discriminação contra os sujeitos surdos, sua língua, sua cultura e sua “deficiência”. Dessa forma, utilizei cinco categorias conceituais abordadas e discutidas na pesquisa teórica (bibliográfica) relacionadas ao tema, que são elas: I- Preconceito; II - Preconceito Linguístico; III – Ouvintismo; IV- Discriminação; V - Visão Clínica. Estas categorias encontram-se disposta no Quadro 4, que apresenta alguns “recortes” de dados importantes, destacando a categoria conceitual, os sujeitos surdos participantes (sem identificação pessoal), a situação ou contexto vivenciado e as possíveis causas de tais atitudes. Oportuno se faz destacar que tais categorias não são estanques, ou seja, muitas vezes há uma enorme dificuldade em delimitá-las e estabelecer fronteiras entre elas, diante disso, optou-se por apresentar juntas as categorias ouvintismo e visão clínica.

Quadro 4 – Recorte de dados das entrevistas

Categoria conceitual	Situação ou contexto vivenciado (quando, como, onde aconteceu).	Possíveis causas de tais atitudes (porque as pessoas ou a sociedade agem assim).
Preconceito	Aurélio relatou ainda ter sofrido preconceito na escola e no seu ambiente de trabalho; Augusto também relatou ter sofrido preconceito na escola (provocações e gestos depreciativos por parte dos colegas de classe).	Pessoas ouvintes agem com preconceito, ignoram o surdo e sua língua. Há a necessidade de um trabalho de conscientização na escola acerca da surdez, da língua e da cultura surda. Além disso, a falta de diálogo entre o aluno surdo e seus colegas ouvintes provocam enormes barreiras linguísticas.
Preconceito linguístico	Aurízio descreveu atitudes de preconceito por parte de colegas de trabalho ao tentar explicar o significado de uma expressão em Libras; Augusto narrou ter sofrido preconceito linguístico no seu ambiente de trabalho ao ter sido chamado atenção por conversar com o colega surdo no horário de trabalho, enquanto aos colegas ouvintes isto era visto com naturalidade.	A sociedade subestima o surdo e assim, se surpreende com a capacidade e criatividade do surdo, porém, algumas vezes reagem com sarcasmo diante dessas situações. As pessoas fazem julgamento com relação ao surdo e a língua de sinais sem, no entanto, buscar conhecê-los e compreendê-los antes de agir.
Ouvintismo e visão clínica	Aurízio narrou que na sua infância, seus pais exigiam a oralização, treino oral e tratamento fonoaudiológico;	Falta esclarecimento sobre a importância língua L1 (língua nativa do surdo) e cultura surda para o desenvolvimento do surdo; muitos pais se deixam influenciar pela visão

		ouvintista predominante na sociedade ouvinte.
Discriminação	Tanto Aurélio quanto Augusto relataram sofrer preconceito por parte dos seus pais, pois não tinham liberdade para sair, mesmo após a idade adulta, apesar dessa liberdade ser concedida aos irmãos ouvintes; Aurízio descreveu atitudes discriminatórias por parte da sua professora ao utilizar o método de ditado de palavras como atividade de sala, mesmo ciente da sua surdez. Augusto descreveu atitudes de discriminação por ele sofrida ao buscar trabalho em uma farmácia, pois mesmo tendo Ensino Médio e a princípio contratado para outra função é mandado para os serviços gerais;	A família não confia na capacidade do surdo, não compreende que a sua limitação auditiva não o impede de desenvolver outros canais de compreensão do mundo; A escola não tem uma política linguística; falta planejamento para o ensino de surdos e professores bilíngues; em muitas situações falta respeito para com os alunos surdos. A sociedade subestima a capacidade do surdo, mesmo tendo ele bom nível de escolaridade;

FONTE: Elaboração do autor, 2020.

Com base nas informações contidas no Quadro 5, que vale ressaltar são apenas algumas situações difíceis e constrangedoras vivenciadas pelo surdo, entre tantas outras, é possível estabelecer uma discussão teórica capaz de delinear a situação social desses indivíduos e chegar a algumas conclusões sobre a temática em questão. Para isso, a discussão será norteadada a partir dos espaços sociais escolhidos para a análise, sendo estes, a família, a escola e o ambiente de trabalho.

Na família, a não aceitação da condição de seu filho surdo, o preconceito presente na própria família, a falta de conhecimento sobre a surdez e as possibilidades do seu filho surdo, estão presentes em todos os relatos. Segundo Solomon (2013 *apud* VASCONCELOS, 2017, p. 46) “a língua é, na maior parte das vezes, transmitida de forma vertical [...] a tendência é que os pais se comuniquem com seus filhos na mesma língua em que foram criados.” A língua é um dos elementos culturais que é transmitido naturalmente de pais para filhos, sendo assim, a surdez altera o processo natural de transmissão da língua oral (no caso de pais ouvintes, que são maioria) e todo o vínculo afetivo, psicológico e cultural que isto proporciona. E caso esta família não tenha nenhum conhecimento sobre a surdez ou a compreende apenas na perspectiva da deficiência ainda mais complicado será a relação desta família com o seu membro surdo.

A diferença linguística presente no filho surdo muitas vezes causa nos pais ouvintes a sensação de estranheira diante desse indivíduo (RAFAELI, 2004 *apud* VASCONCELOS, 2017, p. 46) e conseqüentemente enormes barreiras comunicativas. Em um dos relatos colhidos

através das entrevistas, o surdo leva um bilhete de um dos seus professores para os seus pais, sem saber o conteúdo ali escrito, e ao entregar a sua mãe é surpreendido com agressões, sem nenhum tipo ou tentativa de diálogo por parte dela, o que comprova na prática o que está sendo afirmado na literatura, a existência de enormes barreiras entre os pais ouvintes e os seus filhos surdos.

Vasconcelos (2017) destaca que o indivíduo surdo, como qualquer outro passa por um processo de construção da sua subjetividade, e neste processo, o vínculo e as relações familiares são fundamentais, independentemente do tipo de aquisição linguística a ser adotado, seja a oralista ou a bilíngue. De fato, a perda do vínculo familiar, principalmente com os pais, importante referência para os filhos, é extremamente ruim para o desenvolvimento da criança surda. Neste contexto, as barreiras linguísticas tornam-se um dos maiores desafios para pais ouvintes de filhos surdos.

Diante deste contexto familiar, vivenciado por muitos surdos, torna-se fundamental destacar o papel do desenvolvimento da linguagem também para a criança surda. Sabe-se que o desenvolvimento da linguagem é fundamental para o desenvolvimento de vários aspectos do ser humano, porém, este processo é diferente quando se trata de uma criança surda. O nascimento de um bebê surdo convoca um repensar [...] uma vez que ele traz uma marca orgânica que o impede de ascender à linguagem da mesma forma que os outros (VASCONCELOS, 2017, p. 49)

Mantendo forte relação com o desenvolvimento da linguagem está o papel das interações sociais, muito bem enfatizado nas abordagens interacionistas do desenvolvimento. “É através da interação com outras pessoas, adultos e crianças que, desde o nascimento, o bebê vai construindo suas características (seu modo de agir, de pensar, de sentir) e sua visão de mundo (seu conhecimento)”. (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p. 36-37).

Na família ouvinte não há um espaço natural de interação e “troca” entre a criança surda e seus familiares, pois a maioria dos pais não busca ou não conseguem desenvolver habilidades com a língua de sinais. A consequência disso são as inúmeras perdas, principalmente para o indivíduo surdo, que muitas vezes se sente só, isolado, dentro da sua própria casa. Além de sentir dificuldades em expressar os seus sentimentos, falar do que ele é capaz e expressar suas vontades. Em dois dos relatos colhidos através das entrevistas os surdos buscaram meios de “fugir”, diante da imposição dos pais de mantê-los em casa. E o que buscavam ao tentarem “fugir”? Buscavam a sua liberdade e o seu direito de conviver com outras pessoas, conhecer o mundo e a realidade “lá fora”. Nessas “fugas” muitas vezes procuram outros surdos, justamente

diante da falta de diálogo na família, impossibilitado pelo não conhecimento da Libras por parte dos seus familiares.

A tendência de muitos pais de tentarem manter os seus filhos surdos em casa, mesmo quando já adultos está ligada a falta de expectativa e confiança no seu filho surdo, daí surge o descaso na própria família, quando os pais não permitem que seu filho surdo tenha a mesma liberdade que seus irmãos ouvintes. Esta situação são evidências do ouvintismo, já descrito e explicado na discussão teórica.

Com relação ao desenvolvimento e a educação do surdo (escolarização), para iniciar esta discussão teórica cito o pensamento radical de Dorziat (2008, p. 22), quando afirma: “Ao compactuarmos com a visão oficial que adota uma nova linguagem, mas age sobre um velho modelo, estamos contribuindo não só para a permanência disfarçada do estado de coisas, mas para a criação de cada vez mais grupos excluídos”.

Atualmente, vemos uma rapidez na atualização e mudanças nos conceitos e termos utilizados nos discursos, principalmente os discursos oficiais e governamentais, como por exemplo, paradigma da inclusão, escola para todos, e diante disso, conceitos como o de escola especial, classe especial, instituição especializada, passaram a ser sinônimos de segregação, negação de direito. Ao passo que “inclusão” passou a ser a palavra de ordem.

Sabe-se que a inclusão foi uma conquista de todos, bem como deveria ser benéfica para todos. Porém, há que se observar atentamente se não se trata apenas de uma nova linguagem, uma roupagem ou discurso, mas que na prática o que temos é o mesmo velho sistema escolar seletivo e excludente. A inclusão escolar, como vem acontecendo no Brasil, pode ter sido benéfica para alguns ou para muitos alunos com deficiência, porém, os relatos de muitos surdos, inclusive dos que participaram das entrevistas deste trabalho de pesquisa não afirmam isto. Relataram que se sentem sozinhos na escola regular, além de sofrerem o preconceito por parte dos colegas ouvintes e de alguns professores. Os professores, em sua maioria, afirmam não terem sido preparados para trabalhar com o aluno surdo e assim, sentem-se descompromissados com aquele indivíduo, que muitas vezes fica na dependência apenas do intérprete de Libras, esta afirmação não é um dado da pesquisa, mas é fruto da vivência escolar de muitos de nós, surdos e ouvintes, que tantas vezes “ouvimos” esse discurso.

Conforme Jovchelovitch (1998 *apud* DORZIAT, 2008, p. 24):

A construção de cada sujeito depende do lugar que este sujeito está ocupando no tempo e no espaço e da articulação com as construções de outros sujeitos que também estão ocupando posições particulares no tempo e no espaço. É um ato que tem lugar numa rede intersubjetiva, compreendida como uma estrutura de relações sociais e institucionais, dentro de um processo histórico.

Diante das colocações supracitadas, podemos refletir sobre qual o papel do indivíduo surdo no seu espaço social, espaço de convivência com outras pessoas. No espaço familiar, constituído de pais ouvintes, imersos na sua cultura ouvinte, dificilmente a criança surda terá papel protagonista, dificilmente será compreendida e aceita como ela é, pois neste meio, como mostrou também os dados da pesquisa predomina uma visão ouvintista sobre a surdez e sendo assim, muito dificilmente o surdo terá oportunidades de desenvolvimento pleno.

Quando pensamos nas oportunidades de ensino e escolarização para as crianças surdas a realidade brasileira também não é animadora, pois a oferta de escolas bilíngues para surdos ainda é escassa, restando-lhe o ingresso na inclusão escolar. Na inclusão escolar a Libras não é ainda língua incluída no currículo escolar, sendo utilizada geralmente apenas pelo próprio surdo e o intérprete que o acompanha. O Atendimento Educacional Especializado – AEE, serviço assegurado pela atual Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de 2008¹⁷, dispõe de professores especializados para este atendimento, porém, as formações ofertadas a esses professores não lhes assegura a aprendizagem da Libras, pois para isso é necessário a convivência e participação na comunidade surda. Diante disso, surgem as dificuldades em atender e dar o suporte necessário aos surdos nestas salas de AEE. Porém, pode-se ressaltar que há exceções, e atualmente professores de AEE estão buscando participar da comunidade surda e adquirir cada vez mais conhecimentos sobre a Libras e a melhor forma de ensinar ao surdo.

Diante desta realidade, podemos refletir sobre como está se dando a escolarização do aluno surdo na inclusão escolar, que oportunidades de “troca”, aprendizagem e interação está tendo este indivíduo? Se boa parte dos professores afirma não terem sido preparados para trabalhar com o aluno surdo em sala de aula, se a escola não tem projetos voltados para a inclusão do aluno surdo ou não inclui ações na sua proposta pedagógica, como pode o aluno surdo ser protagonista neste espaço? Se as preocupações se voltam apenas para a maioria ouvinte e raramente para a minoria surda presente na escola. No dizer de Dorziat (2008, p. 26) “Na verdade, a escola sempre negou a existência de diferentes formas de elaboração, transmissão, e de assimilação de saberes, e de diferentes saberes, como modo de consolidar sociedades cada vez mais reguladoras [...]”

Diante disso, muitas vezes a escola inclusiva se torna desinteressante para o surdo, nos relatos colhidos através das entrevistas, com frequência os surdos relataram dificuldades e

¹⁷ MEC/SECADI. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em: 20 jan. 2020.

traumas da sua escolarização na inclusão. É necessário mudar esta realidade, inserir a Libras no currículo escolar e fazê-la parte do cotidiano escolar dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, e para os anos iniciais da escolarização e primeiros anos do fundamental defendemos a escola bilíngue, devido a fundamental importância do contato e convívio com os seus pares surdos, da construção de referências e modelos a partir dos seus professores surdos e da aquisição de sua língua natural, a Libras (QUADROS; SCHMIEDT, 2006).

Na proposta bilíngue de educação para o surdo, deve ser viabilizado a ele o acesso à língua de sinais do seu país tanto no contexto familiar como no meio educacional e social, sendo esta considerada a língua de instrução desses sujeitos e considerando-se a língua do seu país, na sua modalidade escrita, como segunda língua. De acordo com essa proposta o surdo não se vê obrigado a seguir o modelo ouvinte, tornar-se falante de uma língua, mas pelo contrário, ele deve aceitar a surdez como diferença, tendo a língua de sinais como o referencial para a construção da sua identidade e para a sua interação social.

Analisando os dados colhidos através das entrevistas é possível constatar a enorme contribuição que a escola bilíngue proporcionou aos surdos, pois estes afirmaram que foi a partir do contato com os seus pares surdos ou o seu ingresso na escola bilíngue que de fato desenvolveram, aprenderam a língua de sinais, iniciaram a construção da sua identidade surda e o reconhecimento da cultura surda. E assim, destacaram a importância social do Instituto Transformar (INTRA) em Juazeiro, como importante espaço de aprendizagem e interação, principalmente quando funcionou como escola e posteriormente como instituição de apoio à comunidade surda.

Até hoje a comunidade surda luta por espaços educacionais onde possa de fato aprender, interagir e desenvolver-se. Para isso não basta espaços escolares ou educacionais onde os surdos apenas passem por etapas de escolarização, sem, contudo desenvolver o seu conhecimento sobre ele próprio (isto envolve questões como a deficiência na sociedade, identidade, cultura, língua e etc.) e o mundo. Como sempre houve carência desses espaços educativos para o surdo no Brasil, a consequência é o despreparo escolar e acadêmico de muitos surdos, que mesmo passando pela escolarização básica (ensino fundamental e médio) apresentam enormes déficits de aprendizagem, muitos não sabem se quer ler e fazer cálculos simples.

A consequência disso são as dificuldades para ingressar no mercado de trabalho e quando ingressam muitas vezes são desvalorizados, assumindo funções baixas, que não condizem com o seu nível de escolaridade. Viana (2010), em pesquisa desenvolvida sobre a inserção do surdo no mercado de trabalho constata que há a necessidade de políticas públicas e as ações institucionais mais efetivas, voltadas para a acessibilidade no mercado de trabalho e

na educação. Com relação às práticas organizacionais, este mesmo estudo apontou que tais práticas ainda estão alicerçadas no assistencialismo e na condescendência, e diante disso, os surdos são alocados em posições subalternas ou humilhantes, não reconhecendo assim, o seu potencial ou a sua dignidade de sujeito capaz e autônomo. Em um dos relatos colhidos o surdo narrou que foi aceito para trabalhar em uma farmácia como ajudante e que havia avisado que não gostaria de trabalhar em serviços gerais, porém, ao ser admitido, poucos dias depois, já estava sendo mandado realizar tal serviço, possivelmente, ele nem sequer tenha tido oportunidades de mostrar o que era capaz de fazer.

Em pesquisa desenvolvida na cidade de Salvador acerca do acesso para deficientes auditivos (termo utilizado no referido trabalho de pesquisa) no mercado de trabalho Borges, Bello e Leite (2002), constataram através de entrevistas com gerentes e supervisores de empresas que empregam surdos que os trabalhadores surdos desempenham suas atividades com a mesma eficiência ou ainda melhor que os trabalhadores ouvintes. Para isso, porém, é necessário tornar o ambiente de trabalho acessível ao surdo, principalmente no que concerne as suas limitações linguísticas.

As dificuldades com a leitura e escrita do português, bem como com a língua “falada” é outro enorme desafio para o surdo ao ingressar no mercado de trabalho. Nos relatos colhidos, muitas situações constrangedoras aconteceram devido às barreiras linguísticas, o surdo tem dificuldades com a língua oral (o que é uma consequência natural da surdez) e os colegas de trabalho ouvintes, em sua grande maioria não sabem Libras.

Portanto, com relação ao ingresso do surdo no mercado de trabalho, a realidade é bastante “dura”, como se não bastasse o sacrifício necessário para conseguir uma vaga de trabalho, ao conseguir, o surdo ainda se depara com enormes barreiras. Dados apresentados na pesquisa de Loxe *et al.* (2017) apontam que menos de 1% da população surda brasileira tem vínculo empregatício formal, ou seja, a grande maioria dos surdos trabalhadores está na informalidade. E mesmo neste mercado formal, os surdos continuam ocupando posições menos privilegiadas, como por exemplo: auxiliar de escritório, alimentador de linha de produção, assistente administrativos, faxineiro, repositor de mercadoria, almoxarife, entre outras (BRASIL, 2017 *apud* Loxe *et al.*, 2017).

Ainda com relação à pesquisa desenvolvida por Loxe *et al.* (2017), que também envolveu entrevista com três indivíduos surdos, os dados coletados indicaram que todos os sujeitos surdos participantes já sofreram algum tipo de preconceito ou discriminação com relação a sua condição de surdo, seja no processo de admissão a vaga, seja quando já estavam trabalhando, além disso, ao externaram sua opinião sobre a condição das empresas para admitir

o surdo, ambos apontaram o despreparo ainda existente por parte das organizações (empresas e demais instituições produtivas).

Carvalho (2012) afirma que há muito tempo as pessoas com deficiência lutam por espaço na sociedade produtiva e no mercado de trabalho, nesta caminhada, muitas vezes acompanhada por pais e familiares, estes sentem também a angústia de se deparar com uma realidade ainda não propícia para o sujeito surdo. Além disso, Carvalho (2012) destaca a fundamental importância do apoio da família neste processo de inserção do surdo no mundo produtivo, compreender a surdez como diferença e não como doença ou impossibilidade e proporcionar os meios para o desenvolvimento do seu filho surdo.

Na pesquisa desenvolvida por Carvalho (2012) é possível perceber um ponto fundamental de toda esta questão, ela relaciona o acesso e permanência do surdo nas vagas de trabalho a educação, ao preparo e apoio que este indivíduo teve na família e na escola. Esta relação nos traz importantes reflexões. De que forma o surdo pode desenvolver-se plenamente fazendo parte de um ambiente de maioria ouvinte que não reconhece a sua diferença linguística e cultural? De que forma o surdo pode ter acesso à língua portuguesa escrita se não teve acesso a sua língua natural (L1) Libras?

Estamos diante de um importante fator que dificulta consideravelmente o ingresso no surdo no mercado de trabalho ou que, ao ingressar irá provocar inúmeras barreiras ou dificuldades para este sujeito surdo. Porém, esta questão não envolve apenas a família, a escola ou o próprio surdo, mas também as próprias organizações, que precisam ter políticas ou estratégias de inserção e permanência do surdo no seu quadro funcional (CARVALHO, 2012). A falta de conhecimento da língua de sinais e da cultura surda pela maioria das empresas e instituições comerciais e os seus funcionários causa enormes dificuldades para a inclusão do surdo, que muitas vezes é mal compreendido, sofre com o preconceito e discriminação contra a sua pessoa, a sua condição de surdo.

Muitas empresas admitem surdos no seu quadro de funcionários apenas para cumprir a Lei de Cotas para a contratação de Deficientes, lei nº 8.213 de 25/07/1991, sem se preocupar de fato em preparar o ambiente de trabalho (espaço físico e pessoal) para o convívio com um funcionário surdo (CARVALHO, 2012). Diante disso, cito um dos relatos colhidos nas entrevistas, em que o surdo afirma que apesar de todo o esforço feito para garantir a sua vaga de trabalho na loja, por ser o seu primeiro emprego e necessitar bastante do mesmo, por diversas vezes ele foi mal compreendido, motivo de risos e “chacota” por parte dos próprios colegas e tudo isto principalmente em decorrência das barreiras linguísticas existentes e do

desconhecimento sobre a surdez, por parte dos colegas de trabalho, e porque não dizer, da sociedade.

Além disso, dados da pesquisa demonstram que isto também é decorrente das carências do surdo, pois boa parte deles chega a concluir o ensino médio ainda com sérias dificuldades de leitura escrita e isto dificulta bastante, pois no trabalho temos a necessidade de ler coisas diversas (documentos, placas, avisos, etc.), bem como escrever. Nos espaços de trabalho pode acontecer ainda a discriminação contra o surdo, conforme relato colhido em uma das entrevistas, quando regras que são flexibilizadas para os ouvintes não são aceitas para o surdo (ouvintes podem falar no celular e conversar com colegas na hora do trabalho e o surdo não pode), além disso, marcas do preconceito e da discriminação contra a pessoa com deficiência ficam evidentes, como dito anteriormente, quando os surdos são alocadas nos postos de trabalho com base na sua “deficiência”.

Por fim, como afirma Viana (2010), as barreiras do preconceito e da discriminação perpassam vários espaços sociais, inclusive o ambiente de trabalho. Diante disso, a luta pela inserção social do surdo deve continuar, tendo estes sujeitos como protagonistas, seus familiares, professores, amigos e apoiadores como base de um movimento contínuo a favor do reconhecimento de direitos e inclusão social.

4.4 O PRODUTO DA PESQUISA

A partir da análise e dos resultados obtidos foi elaborado um material pedagógico-educativos com o objetivo de contribuir para a desconstrução dos preconceitos e discriminação narrados pelos sujeitos da pesquisa, na forma de uma Cartilha educativa (Produto), acessível em língua portuguesa (texto impresso) e Libras (disponibilizado no *youtube*) com tradução do conteúdo impresso. A versão impressa do Produto (Cartilha) terá dimensões (14,5cm x 28cm).

O objetivo é a produção de um material pedagógico e educativo a ser disponibilizado na Internet (*youtube*) e que possa ser distribuído nas escolas públicas de Ensino Fundamental do município, através do apoio financeiro (a ser ainda solicitado) da Secretaria de Educação do Município ou outro órgão público ou privado que tenha interesse na divulgação do material.

O material será distribuído nas escolas (para o núcleo gestor, professores e alunos). Dessa forma, poderá ser utilizado pelos Coordenadores escolares nas formações docentes e planejamentos. Quanto aos alunos, será dada a sugestão que convidem seus pais a lerem o material e assistirem o vídeo traduzido em Libras (disponibilizado no *youtube*), junto com seus filhos, diminuindo assim o preconceito e da discriminação principalmente nas famílias em que

há surdos. O material terá conteúdo acessível, em linguagem clara e objetiva, abordando os seguintes temas:

O que é a surdez? Como nasce o preconceito e a discriminação contra o surdo? O surdo tem língua e cultura? O que é a Língua Brasileira de Sinais – Libras? (inclui ilustração do alfabeto e números em Libras no material impresso). Como respeitar e conviver com a pessoa surda?

Ao abordar tais temas o material pretende servir como um instrumento de apropriação de questões importantes relacionadas às pessoas surdas, que possa contribuir para uma melhor convivência no ambiente escolar e familiar, para que as crianças e adolescentes tornem-se cidadãos que respeitem e valorizem o surdo como ele é, com a sua diferença linguística e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar, refletir e abordar sobre o tema preconceito e discriminação contra a pessoa surda foi ao mesmo tempo emocionante e desafiador, foi a primeira vez que me vi diante do desafio de produzir uma dissertação de mestrado e, além disso, sobre um tema que faz parte também da minha história. As discussões teóricas e as nas narrativas apresentadas no decorrer do trabalho, muitas vezes me fizeram lembrar a minha própria história.

Ao realizar esta pesquisa e refletir de maneira mais aprofundada sobre estas questões, tudo isso me fez compreender melhor porque as pessoas e a sociedade agem de tal forma diante do indivíduo surdo. Porém, esta melhor compreensão das causas que levam ao preconceito e a discriminação não me levam a acomodação ou a sua aceitação, mas pelo contrário, alimenta o meu “espírito de luta”, a minha liderança na Comunidade Surda, a vontade de lutar por um reconhecimento cada vez maior da língua e da cultura surda.

Nos relatos dos surdos participantes da pesquisa, em muitas “passagens” narradas vi refletida a minha própria história, de criança pobre e surda que se deparou com várias barreiras às quais tive que enfrentar, mas muitos surdos não conseguem e assim a sua vida segue um caminho de fracassos e insucessos, na família, na escola e no trabalho. Mas a pesquisa mostrou que tudo isso é decorrente das relações sociais, em que o fracasso de alguns grupos e o sucesso de outros estão relacionados às desigualdades de oportunidades ou desigualdades sociais.

Todas as pessoas com deficiência sofreram e ainda sofrem com o preconceito, isto é um processo histórico que vem de “longe”, a não aceitação da diferença, porém, com relação ao surdo o fato que mais agravou sua situação social, como já exposto, ocorreu no ano de 1880, com o chamado Congresso de Milão, que fortaleceu a visão clínica da surdez, o oralismo e o ouvintismo. Estes elementos estão na raiz do preconceito e da discriminação contra a pessoa surda.

A insistência em oralizar o surdo, fazê-lo igual ao ouvinte, porém, um ouvinte incompleto, imperfeito ou vê a surdez como pura deficiência, incapacidade, prejuízo para a vida do surdo, tudo isso retira deste indivíduo todas as suas possibilidades, cria enormes barreiras ao seu desenvolvimento, coloca-o à margem da sociedade. Quando compreendida dessa forma, o que se vai buscar é a cura da surdez, a sua superação, mas isto raramente é possível. E muitas vezes até o próprio surdo não quer se submeter a procedimentos como cirurgia ou treino oral.

Mas mesmo diante dos fortes reflexos do oralismo em todo o mundo os surdos não desistiram, se organizam em comunidades e associações e até hoje lutam pelos seus direitos linguísticos e sociais. E o que os surdos precisam provar para a sociedade (na família, na escola, no trabalho, etc.)? Esta é a questão fundamental. Precisam provar para a sociedade o que já está

comprovado em diversos estudos e pesquisas que afirmam que a surdez não é necessariamente um impedimento, um prejuízo ou uma perda na vida do indivíduo surdo.

Quando compreendida como diferença a surdez não é um fator limitante. Aceitar a surdez como diferença é permitir que o surdo viva como surdo, ou seja, que ele interaja com outros surdos, participe da comunidade surda, se comunique utilizando a língua de sinais (não há língua e nem cultura superior), tenha uma educação bilíngue e seja livre para sair, conviver com as pessoas, conhecer o mundo e compreendê-lo, da forma como lhe é possível. Como disse Strobel (2009) tornar o mundo acessível e habitável para ele, através de suas percepções e experiências visuais. Se o surdo tiver estas oportunidades ele é capaz de desenvolver como qualquer outra pessoa.

Surdos fluentes em Libras, que tiveram oportunidade de se desenvolver hoje são grandes profissionais, pais ou mães de família, surdos filhos de pais surdos são privilegiados por poder aprender naturalmente a língua de sinais e conviver com a cultura surda. Pois já basta de tanto estereótipos (PERLIN, 2005), de ideologias, de tentar colonizar (dominar) o surdo (SKLIAR, 1998, 2005), suprimir a sua identidade, fazendo-o parecer-se com o ouvinte, está é a principal causa do preconceito e da discriminação contra a pessoa surda, o não reconhecimento da sua capacidade e identidade. É preciso acabar com os discursos de superioridade e hegemonia da cultura ouvinte, do branco, do europeu, do homem (discriminação de gênero) e aceitar o multiculturalismo.

Diante disso, espero que esta pesquisa resulte em relevante contribuição para o conhecimento científico e acadêmico sobre o tema e que principalmente o seu Produto sirva como um instrumento de apropriação de questões importantes relacionadas às pessoas surdas, contribuindo assim para a diminuição do preconceito e da discriminação contra o surdo nas escolas e nas famílias, pois é bastante preocupante o que afirmou Strobel (2007), “A sociedade não conhece nada sobre o povo surdo.”

Por fim, ressalto a importância de continuarmos juntos, unidos, comunidade surda e sociedade em geral, na luta constante e incansável pela conquista de direitos, pois apenas desta forma, agindo como sujeitos surdos conscientes do seu papel social, podemos transformar a realidade e construir um país mais justo para todos nós surdos.

REFERÊNCIAS

A Bíblia. **Cura de um surdo-gago**. São Paulo: Paulus Editora. A Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista, 1985.

ALTSHULER, K. Z. Discursos sobre surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. Evolución social y psicológica del de niño surdo: Problemas y tratamiento. In: P. J. Fine (Org.), La sordera em la primeira y segunda infância, p. 51-68. Buenos Aires: Médica Panamericana. Disponível:
<https://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/a02v26n1.pdf>. Acesso em: 25 out. 2019.

ARAÚJO, Andressa A. de. **Surdez e preconceito: uma análise a partir dos estudantes surdos e dos pais surdos**. Dissertação. 143 f. Universidade Federal de Sergipe. São Cristovão, 2018.

ALVES, C. C. Esmeraldo; OLIVEIRA, C. D. Monteiro de. irradiação territorial de turismo religiosos: devoção de Juazeiro do Norte (Ceará-BR) constituindo novas polaridades regionais. **Revista Geográfica de América Central**. Número Especial EGAL, 2011 – Costa Rica, II Semestre, 2011, p. 1-16. Disponível em: Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744820831.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2020.

BATTISON, R. (1987). Analyzing Signs. In: VALLI, C; C. LUCAS (Org). **Linguistics of American Sign Language: an introduction**, 2000. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press.

BAHAN, B.; BAUMAN, H-D. L. **Audism: Toward a postmodern theory of deaf studies**. Deaf Studies VI conference, march 2000. Orlando, Florida.

BERNARDINO, Elidéia. **Absurdo ou lógica? Os surdos e sua produção linguística**. Minas gerais: Espaço, 2001.

BORGES, L; BELLO, R; LEITE, R. O deficiente auditivo e o mercado de trabalho. **R. Ci. Méd. Biol.**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 99-104, nov. 2002. Disponível em:
<file:///C:/Users/Cliente/Downloads/4112-10522-1-PB.pdf>. Acesso em 31 out. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas emendas constitucionais nos 1/1992 a 99/2017, pelo Decreto legislativo nº 186/2008 e pelas emendas constitucionais de revisão nos 1 a 6/1994. – 53. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

_____. **Lei n. 10.436, de 24 abr. de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 24 set. 2020.

_____. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 24 set. 2020.

_____. **Estatuto da Pessoa com Deficiência.** 3. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019. 50 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/554329/estatuto_da_pessoa_com_deficiencia_3ed.pdf. Acesso em: 20 jan. 2020.

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRITO, L. Ferreira. **Por uma gramática de língua de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Línguística e Filologia, 1995.

CAPOVILLA, F. C; RAPHAEL, W. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua de sinais Brasileira – LIBRAS.** 3. ed. São Paulo: Sinais de M a Z. Ed. da Universidade de São Paulo, 2008.

CARVALHO, R. P. Quitério de. O surdo e o mercado de trabalho: conquistas e desafios. **ENIAC Educação Básica e Superior.** Anais do IV Seminário Eniac 2012, IV Encontro da Engenharia do Conhecimento Eniac; IV Encontro de iniciação científica Eniac. Disponível em: <https://ojs.eniac.com.br/index.php/Anais/article/viewFile/91/96>. Acesso em: 31 out. 2020.

CENTRO AUDITIVO VIVER. Entenda os diferentes graus de perda auditiva: leve, moderada, severa e profunda. Disponível em: <https://centroauditivoviver.com.br/blog/graus-perda-auditiva/>. Acesso em: 3 out. 2020.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1991.

COSTA, M. Vorraber; SILVEIRA, R. Hessel; SOMMER, L. Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação,** n. especial. Cultura, culturas e educação, n. 23, p. 36-61, maio/ago, 2003.

CUNHA, P. M. Amaral da. Cenas do atendimento especial numa escola bilíngüe: os discursos sobre a surdez e a produção de redes de saber-poder. In: QUADROS, R. Müller de; PERLIN, Gladis (organizadoras). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. M. R. **Psicologia na educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

DORZIAT, Ana. Educação Especial e Inclusão Escolar: prática e/ou teoria. In: DECHICHI, C.; SILVA, L. C. da. **Inclusão escolar e educação especial: teoria e prática na diversidade**. Uberlândia: EDUFU, 2008.

DUNN, Lindsay. The burden of racism and audism. In: BAUMAN, H-Dirksen L. (Ed), **Open Your Eyes: Deaf Studies Talking**. University of Minnesota Press, s.p (livro digital), 2008.

DUTRA, C. P.; SANTOS, M. C. D. Os rumos da educação especial no Brasil frente ao paradigma da educação inclusiva. **Revista da Educação Especial**, v 5, n. 2, 2010. (MEC/SEESP).

FERNANDES, S; MOREIRA, L. C. Políticas de educação bilíngüe para surdos: o contexto brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial, n. 2, 2014. p. 51-69. Editora UFPR.

FGV CPDOC. O que é História Oral. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>. Acesso em: 5 dez. 2019.

FLEURY, A. R. D; TORRES, A. R. R. **Homossexualidade e preconceito: O que pensam os futuros gestores de pessoas**. Curitiba, PR: Juruá, 2010.

FRANCO, Telma. **Bullying contra surdos: a manifestação silenciosa da resiliência**. Curitiba: Appris, 2014.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e de grupos. In: BAUER, M. W; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HUMPHRIES, T. **Audism: The making of a word**. Unpublished essay, 1975.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.) representation. **Cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

IBGE. Brasil em Síntese – cidades.ibge.gov.br. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/juazeiro-do-norte/panorama>. Acesso em: 11 jun. 2020.
IPECE. Perfil Básico Municipal 2012. Juazeiro do Norte. Governo do Estado do Ceará – Secretaria do Planejamento e Gestão. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2013/01/Juazeiro_do_Norte.pdf. Acesso em: 4 nov. 2020.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
LANE, Harlan. **A Máscara da Benevolência**. A comunidade surda amordaçada. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1992.

LARROSA, J. Aprender de ouvido. In: **Linguagem e educação depois de Babel**. Trad. Farina, C. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LIMA, M. E. O; VALA, J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 401- 411, 2004.

LIMA, M. P. Vieira; CONCEIÇÃO, J. Lima da. **A importância da cultura e identidade surda na formação bilíngue no ensino regular**. GT8 – Espaços Educativos, Currículo e Formação Docente (Saberes e Práticas). Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/1719/332>. Acesso em: 10 jun. 2020.

LOXE, E. Gomes et al. A inclusão do surdo no mercado de trabalho formal. **Revista Formadores – Vivências e Estudos**, Cacheira – Bahia, v. 12, n. 1, p. 52-68, abr. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Cliente/Downloads/993-Texto%20do%20artigo-3925-1-10-20190415.pdf>. Acesso em 31 out. 2020.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social. teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MEYER, D. Estermann; PARAÍSO, M. Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MOURÃO, C. H. Nunes. **Literatura Surda: experiência das mãos literárias**. 2016. 285 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

NASCIMENTO, L. C. Ribeiro. Um pouco mais da história da educação dos surdos, segundo Ferdinand Berthier. Dossiê. Grupo de Estudos e Subjetividade. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n.2, p. 255-263, jan, 2006. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/807/822>. Acesso em: 25 out. 2019.

OLIVEIRA, D. P. Rebouças de. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e prática**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

OLIVEIRA, M. S. A. de; SOUZA, A. C. B; SANTOS, C. M. M. A implantação do Curso de licenciatura em Letras Libras: Significados históricos e políticos. Capítulo 11, p. 66-72. In: **Educação no século XXI**, Vol.18 – Especial, Inclusiva/Organização: Editora Poisson Belo Horizonte – MG: Poison, 2019. Disponível em: <https://www.poisson.com.br/livros/educacao/volume18/>.

PEREIRA, C. S. Soares; OLIVEIRA, J. C. Abreu de. Fé e Identidade sacra: O espaço sagrado de Juazeiro do Norte/CE. **OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia**, v.1, n. 3, p. 38-50, dez. 2009. Disponível em: http://www.observatorium.ig.ufu.br/pdfs/1edicao/n3/Fe_e_identidade_sacra_no_espaco_sagrado_Juazeiro_do_Norte_CE.pdf. Acesso em: 24 out. 2020.

PERLIN, Gladis T. T. **O ser e o estar sendo surdo: alteridade, diferença e identidade**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2003.

_____. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 51-72.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

PETERSON, I. J. **Uma avaliação da educação dos surdos na inclusão escolar: estudo de casos.** (Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação em LIBRAS) - Instituto Superior de Teologia Aplicada – INTA. Juazeiro do Norte, 2012.

PIMENTA, N; QUADROS, R. Müller de. **Curso de LIBRAS 2.** Rio de Janeiro RJ: Editora LSB, Vídeo, 2009.

POLKINGHORNE, D. E. **Narrative knowing and the human sciences.** New York: State University of New York, 1988.

QUADROS, R. Müller de.; PERLIN, G. (Org.). **Estudos Surdos II.** Petrópoles, RJ; Arara Azul, 2007.

QUADROS, Ronice.; PERLIN, Gladis. Ouvinte: o outro do ser surdo. In: Quadros (org.). **Estudos Surdos I.** Petrópoles, RJ: Arara Azul, 2006, p. 166-185.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa.** 2. ed. Secretaria de Educação Especial; Brasília: MEC; SEESP, 2007.

QUADROS, R. M. de; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006.

ROCHA, Everaldo. **O que é etnocentrismo.** São Paulo. Brasiliense, 1999.

SÁ, Nídia R. Lima de. **Cultura, poder e educação de surdos.** Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SACKS, Oliver W. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.** Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTOS, I. Vieira. **A influência do Padre Cícero na forma e imagem da cidade de Juazeiro do Norte.** Monografia. Universidade Federal da Paraíba. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/15805/1/IVS22052019.pdf>. Acesso em: 24 out. 2020.

SANTANA, A. Paula. **Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas.** São Paulo: Plexus, 2007.

SILVA, J. G; CAMPELO, L. B. B; NOVENA, N. P. **Desejos e afetividades que não querem calar:** o grupo LGBT surdos de Pernambuco. Trabalho apresentado no evento: Pesquisa e Educação na Contemporaneidade: Perspectivas Teórico-metodológicas, Caruaru.

SILVA, L. Romário da. **Pedagogia surda:** o papel de professoras surdas na construção de identidades de alunas surdas e alunos surdos. Dissertação. 126f. Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

SILVA, T. Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença.** A perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVEIRA, Rosa M. H. **Textos e Diferenças.** Leituras em Revista. Ijuí. Associação de Leitura Brasil Sul, n. 3, jan., 2002.

SILVEIRA, Rosa M. H. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: COSTA, M. Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II:** outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____. (Org.). **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

_____. (Org.). **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

_____. Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SKLIAR, C.; QUADROS, R. M. Bilingual Deaf Education in the South of Brazil. **Bilingual Education and Bilingualism.** Vol. 7, n. 5, 2004.

STRÖBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 2. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

_____. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

_____. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: QUADROS, R. Müller.; PERLIN, G. (Orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

TURA, M. L. R. A propósito dos Estudos Culturais. In: MAFRA, L. de A.; TURA, M. L. R. **Sociologia para educadores 2: o debate sociológico da educação no século XX e as perspectivas atuais**. Rio de Janeiro: Quarte, 2005.

VASCONCELOS, L. Silveira. Por outra psicologia da outra surdez. Dissertação. PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Salvador, 2017.

VELOSO, Éder; MAIA, Valdeci. A história dos surdos. In: _____. Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez. Editora MãoSinais. Curitiba-PR.

VIANA, A. dos Santos. A Inserção dos Surdos no Mercado de Trabalho: Políticas Públicas, Práticas Organizacionais e Realidades Subjetivas. Dissertação. UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO PROF. JOSÉ DE SOUZA HERDY. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://tede.unigranrio.edu.br/bitstream/tede/88/5/Alvanei%20dos%20Santos%20Viana.pdf>. Acesso em 31 out. 2020.

WITKOSKI, S. Andreis. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra fala. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 42, set/dez. 2009.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washingto, D.C: Gallaudet University Press, 1996. Disponível em: http://coral.ufsm.br/edu.especial.pos/unidadeB_historia.html. Acesso em: 25 out. 2019

APÊNDICE A – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA (ENTREVISTAS)

**UNIVERSIDADE REGIONAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL
LINHA DE PESQUISA: FORMAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO**

PROJETO: PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO EM HISTÓRIAS SINALIZADAS SURDAS EM JUAZEIRO DO NORTE-CE

Pesquisador: Mardônio dos Santos Aguiar de Oliveira

Orientadora: Prof^ª. Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz

Co-orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Carmita Bezerra de Souza

IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

Profissão:

BLOCO I: Como foi o momento da descoberta da sua surdez por sua família? Como foi percebida? Qual a causa? Como sua família recebeu tal notícia?

BLOCO II: Como se deu o início de sua escolarização? Com quantos anos você se alfabetizou? Quais suas lembranças de como lhe tratavam na escola (os professores, os colegas, as famílias, na sala de aula, no pátio na hora do recreio, na fila da merenda, etc.)? O que você recorda da relação da sua família com a escola?

BLOCO III: E suas experiências com o trabalho: Quais empregos já teve? Como você conseguiu estes trabalhos? Como foi o processo de admissão (seleção? Entrevista? Outros?)? Como foi/é tratado enquanto trabalhador/trabalhadora surdo/surda? Gosta do trabalho?

BLOCO IV: Para você, o que é preconceito? Você já vivenciou preconceito por ser surdo? Qual a pior situação de preconceito enfrentada por você? Pode-me contar mais a respeito?

BLOCO V: Atualmente, quais suas perspectivas de vida: formação, trabalho, relacionamentos, família, etc.?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

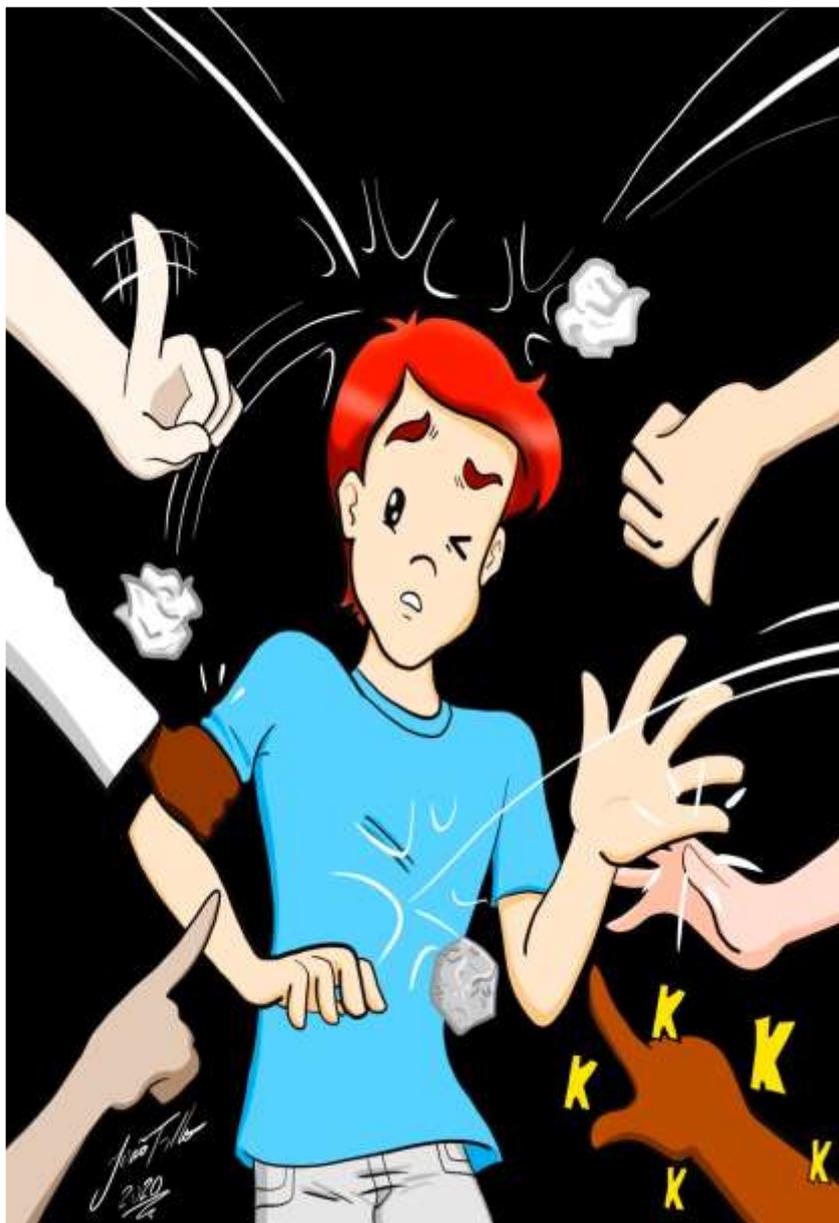
Prezado(a) participante,

Agradecemos a sua participação voluntária nesta pesquisa que objetiva compreender a experiência de pessoas surdas, estudantes do Ensino Médio e ensino superior, Professor surdo de Instituição, quanto ao enfrentamento do preconceito na sociedade. Solicitamos responder, de forma sincera, as perguntas sugeridas, enquanto participantes do grupo focal, que terá duração de cerca de uma hora. A meta final da pesquisa é voltada para publicação científica que irá compor a dissertação do meu Mestrado Profissional em Educação. Os dados e resultados da pesquisa serão divulgados em meio científico, apenas de forma agrupada, impossibilitando a identificação pessoal dos participantes. Sua participação não é obrigatória e apresenta risco considerado mínimo devido ao constrangimento frente à situação de responder às perguntas no grupo focal. Se, em qualquer fase da pesquisa, você se recusar a participar ou retirar seu consentimento, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo. A pesquisador responsável pela pesquisa é Mardônio dos Santos Aguiar de Oliveira, mestrando do curso de Profissional em Educação e orientanda do Prof.^a Dr^a Zuleide Fernandes de Queiroz, da Universidade Regional do Cariri (URCA), a Co-orientadora Ana carmita Bezerra de Souza, da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Fornecemos o endereço de e-mail (mardonio812@gmail.com) e o whatsapp (088 99810-0735) para que você possa entrar em contato conosco. Ficamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários. Obrigada pela colaboração e auxílio!

Local e data: _____, _____ de _____ de _____.

Entrevistador

Participante

APÊNDICE C – MODELO DE CAPA DO PRODUTO**Preconceito e discriminação
contra indivíduo surdo, sua língua e sua cultura**

Autor: Mardonio dos Santos Aguiar de Oliveira